



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS – UFNT
CENTRO DE CIÊNCIAS INTEGRADAS – CCI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE CULTURA E
TERRITÓRIOS – PPGCULT

Antonio Hugo Rabelo de Castro

**Envelhecimento, territórios e identidades: um estudo sobre trajetórias
socioespaciais na velhice**

Araguaína/TO

2025

Antonio Hugo Rabelo de Castro

Envelhecimento, territórios e identidades: um estudo sobre trajetórias socioespaciais
na velhice

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Territórios, da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas (CCI), como requisito para a obtenção do grau de Mestre em Estudos de Cultura e Territórios.

Orientadora: Profa. Dra. Kênia Gonçalves Costa (UFNT)

Linha de Pesquisa: L2 - Manifestações culturais, narrativas e linguagens.

Araguaína/TO

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT

Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C355e CASTRO, ANTONIO HUGO RABELO DE.

Envelhecimento, territórios e identidades: um estudo sobre trajetórias socioespaciais na velhice / ANTONIO HUGO RABELO DE CASTRO. - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, 2025.

147 f.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) (Pós-Graduação - Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Território - PPGCult) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2025.

Orientadora: KÊNIA GONÇALVES COSTA.

1. ENVELHECIMENTO HUMANO. 2. IDENTIDADE. 3. TRAJETÓRIA SOCIOESPACIAL.

CDD 301.09

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Antonio Hugo Rabelo de Castro

Envelhecimento, territórios e identidades: um estudo sobre trajetórias socioespaciais
na velhice

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Territórios, da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas (CCI). Foi avaliada para obtenção do grau de mestre em Estudos de Cultura e Territórios e aprovada em sua forma final pela orientadora e pela banca examinadora.

Data da aprovação: **26/11/2025**

Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **KENIA GONCALVES COSTA**
Data: 20/12/2025 12:08:51-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dra. Kênia Gonçalves Costa – Orientadora (UFNT)

Documento assinado digitalmente
 **ALECSANDRO JOSE PRUDENCIO RATTIS**
Data: 17/12/2025 15:21:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Alex Ratts (Alecsandro J. P. Ratts) – Membro interno (UFNT/UFMA)

Documento assinado digitalmente
 **DEUSIVANIA VIEIRA DA SILVA FALCAO**
Data: 16/12/2025 14:24:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^a Dra. Deusivânia Vieira da Silva Falcão – Membro externo (USP)

Dedico aos meus pais, João Paulo Rabelo Silva e Maria Joelma de Castro, que, não importando as circunstâncias, sempre lutaram arduamente para me proverem os estudos. Raízes de meus galhos, afluentes de meus rios. Sou o que sou pelo trabalho de vossas mãos.

AGRADECIMENTOS

Ao Eterno pelo cuidado constante e carinhoso ao longo de minha trajetória até aqui. À Nossa Senhora de Nazaré pelo olhar acolhedor e pelo abraço confortador de mãe.

Às minhas avós Francisca Paula da Silva Rabelo e Maria Madalena de Castro. Espero que se alegrem com esta conquista onde estiverem agora.

Aos meus pais, João Paulo Rabelo Silva e Maria Joelma de Castro, por todo o apoio dado aos meus estudos, mesmo quando as condições ainda eram tão desafiadoras.

Ao João, pela companhia e carinho ao longo desse percurso, aprendi contigo a rir da própria condição, e rindo, eu sigo alegre e constante em cada passo.

Aos amigos queridos, Arthur Lima, Maísa Martins, João Victor, Shimony Coelho, Fábria Reis, Fernanda Inácio, Sheylene Alves, Elis Alves, Samara Lopes, Mirella Matos, André Ampessan, Juliane Malizia, Paula Suéllen, Marcos Sousa, Fernando Pheriklys, Rutileia Carneiro, Ageu Moura e todas(os) as(os) outras(os) que alegam os meus dias com seu amor, presença e apoio.

À Kênia pela orientação, pela confiança, e pelo companheirismo ao longo do percurso. Nos momentos de angústia acadêmica, a sua voz suave me presenteia com segurança, mantendo meus pés alinhados ao chão.

Ao Alex Ratts, e à Deusivânia Falcão, por aceitarem participar dessa banca. Vocês não fazem ideia do quanto eu me sinto genuinamente honrado por isso.

À Universidade Federal do Norte do Tocantins, que se tornou meu local de trabalho em meio ao mestrado.

Às participantes desta pesquisa pelo encontro, pelas conversas, e pelas trocas. Eu genuinamente amei poder ouvir e contar suas histórias.

Às minhas alunas e alunos queridos do curso de psicologia do Centro Universitário Presidente Antonio Carlos.

*Tem lugares que me lembram
Minha vida, por onde andei
As histórias, os caminhos
O destino que eu mudei
Cenas do meu filme branco e preto
Que o vento levou e o tempo traz
Entre todos os amores e amigos
De você me lembro mais
Tem pessoas que a gente
Não esquece nem se esqueceu
O primeiro namorado
Uma estrela da TV
Personagens do meu livro de memórias
Que um dia rasguei do meu cartaz
Entre todas as novelas e romances
De você me lembro mais.
Desenhos que a vida vai fazendo
Desbotam alguns, uns ficam iguais
Entre corações que tenho tatuados
De você me lembro mais
De você, não esqueço jamais!*

Rita Lee/Paul McCartney/John Lennon.

RESUMO

Esta dissertação investiga a construção e ressignificação das identidades de pessoas idosas participantes da Universidade de Identidades, Adulter e Longevidade (UNIIAL), em Araguaína-TO, a partir de suas trajetórias socioespaciais. Fundamentado nos Estudos Culturais, em especial nas concepções de identidade de Stuart Hall e Kathryn Woodward, o trabalho articula os conceitos de envelhecimento humano, identidade e trajetórias socioespaciais. A pesquisa, de natureza qualitativa e descritiva, utilizou o método da história oral de vida, com entrevistas realizadas com cinco mulheres idosas, todas nascidas no antigo norte goiano e residentes no atual Estado do Tocantins. A análise de conteúdo (Bardin, 2016) permitiu a construção de categorias relacionadas às trajetórias socioespaciais intermunicipais e intraurbanas, às influências graduadas por história e aos eventos não normativos da velhice. Os resultados apontam que as identidades na velhice não são fixas, mas dinâmicas, sendo continuamente construídas e ressignificadas em função das experiências vividas, das mobilidades territoriais e dos contextos sociais e culturais. O estudo contribui para ampliar a compreensão sobre envelhecimento, identidade e território, reforçando a importância de considerar a heterogeneidade das velhices e o protagonismo das pessoas idosas em suas narrativas e experiências.

Palavras-chave: Envelhecimento Humano. Identidade. Trajetórias socioespaciais.

ABSTRACT

This dissertation investigates the construction and re-signification of the identities of older adults participating in the University of Identities, Adulthood, and Longevity (UNIIAL) in Araguaína, Tocantins, based on their socio-spatial trajectories. Grounded in Cultural Studies—particularly the conceptions of identity proposed by Stuart Hall and Kathryn Woodward—the study articulates the concepts of human aging, identity, and socio-spatial trajectories. The research adopts a qualitative and descriptive approach and employs the oral life history method, with interviews conducted with five older women, all born in the former northern region of Goiás and currently residing in the state of Tocantins. Content analysis (Bardin, 2016) enabled the construction of categories related to intermunicipal and intra-urban socio-spatial trajectories, influences shaped by life history, and non-normative events in old age. The findings indicate that identities in later life are not fixed but dynamic, being continuously constructed and re-signified according to lived experiences, territorial mobilities, and social and cultural contexts. The study contributes to broadening the understanding of aging, identity, and territory, reinforcing the importance of considering the heterogeneity of old age and the protagonism of older adults in their own narratives and experiences.

Keywords: Human aging; Identity; Socio-spatial trajectories.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Municípios que compõem a microrregião de Araguaína	52
Figura 2 - Cidades tocantinenses em que a UMA está presente atualmente	62
Figura 3 – Cidades em que a UFNT está presente, e cidades contempladas no projeto de expansão da Universidade	64
Figura 4 – Fluxograma da análise de conteúdo das entrevistas realizadas	77

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Índice de envelhecimento (razão) de municípios da microrregião de Araguaína, segundo o Censo de 2022	53
Quadro 2 – Informações sociodemográficas das participantes da pesquisa	70
Quadro 3 – Quadro matricial das categorias	80
Quadro 4 – Quadro matricial da categoria “trajetória socioespacial intermunicipal” ..	82
Quadro 5 – Quadro matricial da categoria “trajetória socioespacial intraurbana”	90
Quadro 6 – Quadro matricial da categoria “influências graduadas por história”	98
Quadro 7 – Quadro matricial da categoria “influências não-normativas”	104

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

BEP – Bem-estar Psicológico

CAAE - Certificado de Apresentação de Apreciação Ética.

IES – Instituição de Ensino Superior.

ILPI – Instituição de Longa Permanência para Pessoas Idosas.

MEC – Ministério da Educação.

OSEGO – Organização de Saúde do Estado do Goiás.

PPGCULT – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Territórios.

PROEX – Pró-Reitoria de Extensão.

PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional.

QV – Qualidade de Vida.

SCFV – Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos.

TAE – Técnico Administrativo em Educação.

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

UBS – Unidade Básica de Saúde.

UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins.

UFT – Universidade do Tocantins.

UMA – Universidade da Maturidade.

UNATI – Universidade Aberta à Terceira Idade.

UNIIAL – Universidade de Identidades, Adulter e Longevidade.

UNITPAC – Centro Universitário Tocantinense Presidente Antonio Carlos.

UTI – Universidade da Terceira Idade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 ANTES, UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE O PESQUISADOR	18
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	21
2.1 ENVELHECIMENTO, VELHICE E PESSOA IDOSA	21
2.2 ENVELHECIMENTO E IDENTIDADE	30
2.3 TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS.....	38
2.4 O PROTAGONISMO REGIONAL DE ARAGUAÍNA	46
2.5 AS UNIVERSIDADES ABERTAS À TERCEIRA IDADE NO MUNDO, NO BRASIL E EM ARAGUAÍNA.....	56
2.5.1 A Universidade da Terceira Idade no Tocantins e em Araguaína.....	61
3 O FAZER DA/NA PESQUISA.....	68
3.1 NATUREZA DA PESQUISA.....	68
3.2 TIPO DE PESQUISA.....	69
3.3 SUJEITOS DE PESQUISA E CRITÉRIOS DE SELEÇÃO.....	69
3.4 MÉTODOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES	70
3.5 A EXPERIÊNCIA DE REALIZAR AS ENTREVISTAS.....	72
3.6 MÉTODO DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	74
3.7 ASPECTOS ÉTICOS.....	77
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	80
4.1 IDENTIDADES CONSTRUÍDAS E RECONSTRUÍDAS EM TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS.....	81
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS.....	123
APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	135
APÊNDICE II – FICHA DE LEVANTAMENTO INICIAL	139
ANEXO I – NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS GRAVADAS..	143
ANEXO II – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	144

1 INTRODUÇÃO

O estudo busca investigar a construção e a resignificação das identidades de pessoas idosas participantes da Universidade de Identidades, Adulterez e Longevidade (UNIIAL), levando em consideração as suas trajetórias socioespaciais. A UNIIAL é um programa de extensão universitária ofertado pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), em Araguaína/TO, município com cerca de 187 mil habitantes, localizado na microrregião que leva o mesmo nome, e está inserida na mesorregião ocidental do Estado do Tocantins (IBGE, 2023).

O envelhecimento humano é o primeiro conceito que abordamos nessa dissertação, e, a partir da perspectiva de Anita Liberalesso Neri, pioneira nos estudos sobre o envelhecimento no Brasil, é um processo determinado geneticamente, e vivenciado por todos os indivíduos da espécie humana, razão pela qual também é designado como envelhecimento normal. Segundo a autora, este processo inicia-se após a maturidade sexual, tornando-se mais rápido a partir dos 50 anos de idade, sendo também caracterizado pela redução ou até mesmo cessação da reprodução, além de diversas transformações morfológicas e fisiológicas (Neri, 2013).

Neste trabalho abordamos o envelhecimento humano a partir da perspectiva da ciência psicológica, onde destacamos proposições advindas da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial proposta por Erik Erikson (1950), de aspectos relacionados à Teoria do Bem-Estar Psicológico proposta por Carol Ryff (1989), e do Paradigma do Desenvolvimento ao Longo da Vida, também conhecido como teoria *life-span*, proposto por Paul Baltes (1987).

Além destes, utilizamos autores que contribuíram com as discussões do envelhecimento humano também em seus aspectos culturais, tais como Neri (2001), Neri (2008), Neri (2013), Beauvoir (2018), Uchôa, Firmo e Lima-Costa (2002), Scortegana e Silva (2017), Debert (2020), Santos, Lopes e Nery (2007), Falcão e Carvalho (2018), Teixeira (2023), Brucki e Porto (2021), Molguiner et al. (2024), Escorsim (2021), Fundação Perseu Abramo e Sesc-SP (2020), Nóbrega (2015), Guareschi (2013), e Camarano e Fernandes (2022). Essas múltiplas fontes enriqueceram nossa discussão.

A identidade é o segundo conceito que destacamos nesse trabalho, e a sua compreensão foi inspirada nos trabalhos propostos por Kathryn Woodward (2014) e Stuart Hall (2014, 2016), e advém dos Estudos Culturais, que a concebem como posições-de-sujeito construídas a partir de sistemas de representação. Estas

representações, conforme discutido por Stuart Hall (2016), são maneiras de atribuir significados por meio da linguagem, desempenhando um papel crucial na troca de significados dentro de uma cultura.

A identidade, compreendida como posições-de-sujeito, se refere não apenas a papéis sociais, mas sim às maneiras pelas quais a cultura convoca as pessoas, neste caso, as pessoas idosas, a se identificarem com determinados discursos e a se submeterem às significações que constituem suas identidades. Esta convocação é, particularmente, muito importante uma vez que há múltiplas representações e sentidos da velhice que circulam, e vão desde as concepções etaristas até a concepções mais positivadas.

A visão de Woodward (2014) e Hall (2014, 2016), central nesse trabalho, dialoga com um conjunto de ideias trazidas por outras estudiosas e estudiosos de diferentes abordagens, que contribuíram para a construção de uma melhor compreensão do conceito identidade, sem, no entanto, se desviarem da proposta dos Estudos Culturais e dos autores supramencionados. Assim, utilizou-se ideias trazidas por Cruz (2021), Kellner (2001), Matos (2015), Cordeiro (2016), Moraes (2019), Silva (2014), Minayo e Coimbra (2002), Guareschi (2006), Furtado, Pedroza e Alves (2014), Silva (2023), Mishler (2002), e Delgado (2023).

O terceiro conceito que desenvolvemos nessa dissertação, é o de Trajetórias Socioespaciais, que, como propõe Diogo Cirqueira (2010), consideram a história de vida dos indivíduos dentro de uma temporalidade e de uma espacialidade, e que não seguem uma linha contínua. Nesse sentido, os lugares percorridos ao longo dessas trajetórias assumem importância, na medida em que marcam momentos e limites, tornando-se referências simbólicas e materiais para os indivíduos.

Os estudos sobre Trajetórias Socioespaciais partem do Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da Universidade Federal do Goiás (UFG), e nesse trabalho elencamos os principais estudos acerca desse conceito, que foi utilizado em pesquisas que diferem quanto aos participantes, quanto às condições de vida, quanto aos lugares onde as pesquisas foram realizadas, quanto aos desfechos, e quanto aos achados de diversos autores.

O referencial sobre Trajetórias Socioespaciais construído nesse trabalho, conta com os estudos realizados por Souza (2007), Lopes (2008), Cirqueira (2008), Cirqueira (2010), Machado (2011), Barboza e Ratts (2011), Santos (2014), Santos (2016), Pereira Neto (2021), além das autoras e autores da UFG. Também utilizamos

a obra de Terezinha Bernardo (1998), que trabalha com as distintas trajetórias de pessoas idosas negras e brancas da cidade de São Paulo, a partir de suas memórias e que também nos serviu de inspiração.

A pergunta de pesquisa que orienta este estudo é: “de que maneira as identidades das pessoas idosas participantes da UNIAL são construídas e ressignificadas a partir de suas trajetórias socioespaciais?”, partindo da ideia de que as identidades na velhice não são apenas formadas, mas também transformadas ao longo do tempo e do espaço.

A presente pesquisa se justifica pela necessidade de compreender como as identidades de pessoas idosas são construídas e ressignificadas ao longo de suas trajetórias socioespaciais, especialmente em um contexto marcado por desigualdades e invisibilizações do envelhecimento, sobretudo no Norte do Brasil. Partimos do entendimento de que a velhice é atravessada por marcadores sociais como raça, gênero, classe e sexualidade, que produzem distintas formas de opressão e afetam diretamente as possibilidades de mobilidade, pertencimento e participação social.

As posições-de-sujeito assumidas pelas pessoas idosas, se relacionam a como estas pessoas se percebem e são percebidas, e, ainda, a maneira pela qual elas se relacionam com as condições concretas de vida e existência. Dessa forma, o estudo das trajetórias socioespaciais permite que acessemos essas condições de vida por meio das histórias contadas, e, assim a como os participantes de uma pesquisa como essa se relacionam consigo e com o mundo.

Historicamente, a produção científica sobre o envelhecimento humano tem priorizado perspectivas biológicas e medicalizantes, relegando a segundo plano os aspectos culturais, territoriais e subjetivos que compõem a experiência de envelhecer. Mesmo no campo das ciências humanas, ainda são escassos os estudos que articulam envelhecimento, identidade e território. Diante disso, neste trabalho buscamos preencher uma lacuna ao tratar o envelhecimento a partir da relação entre memória, território, e construção identitária, contribuindo para ampliar o debate para além do modelo biomédico, alinhando-o às necessidades de um grupo regional, a saber, as pessoas idosas participantes da UNIAL.

A partir da pergunta de pesquisa deste estudo, tomamos as trajetórias socioespaciais como elementos centrais para compreender como as identidades se transformam ao longo do tempo e dos lugares. Essa compreensão nos permitiu acessar o lastro temporal e espacial que orienta o modo como essas pessoas se

relacionam com o território, o que é particularmente relevante em uma sociedade que frequentemente associa a velhice à perda de papéis sociais e ao afastamento dos espaços de convivência.

Além disso, ao discutir a identidade na velhice, reconhecemos a importância do pertencimento, dos vínculos comunitários e das práticas de convivência para o bem-estar. Esses elementos reduzem impactos negativos como solidão, etarismo, baixa autoestima e ausência de papéis socialmente reconhecidos, reforçando a relevância de investigar os espaços nos quais essas pessoas constroem relações e significados.

Inserido na linha “Manifestações culturais, narrativas e linguagens” do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Território (PPGCULT/UFNT), este estudo se alinha aos interesses do programa ao analisar como cultura, identidade, memória e categorias sociais atravessam as trajetórias de vida de pessoas idosas.

A pesquisa também abre possibilidades para desdobramentos futuros, incluindo investigações junto a outros grupos de pessoas idosas presentes em associações comunitárias, igrejas, instituições de longa permanência para pessoas idosas, Unidades Básicas de Saúde, Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos integrantes da Proteção Social, e demais equipamentos sociais, ampliando a compreensão das múltiplas formas de envelhecimento e de produção de identidade em diferentes contextos.

Assim, este trabalho se justifica por sua contribuição teórica, metodológica e social ao tentar responder a uma lacuna importante na literatura, ao conectar identidade e envelhecimento com o espaço geográfico, inserindo a dimensão territorial nas discussões psicológicas e gerontológicas sobre o desenvolvimento adulto tardio.

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos, apresentados a seguir. No capítulo 2, desenvolvemos a revisão de literatura, que contempla uma incursão sobre os conceitos de envelhecimento humano, identidade e trajetórias socioespaciais. Nesse mesmo capítulo, incluímos uma revisão acerca do protagonismo regional de Araguaína, bem como do desenvolvimento histórico da UNIIL, local onde esta pesquisa foi realizada. Deste modo, o capítulo 2 está estruturado em cinco seções.

Na seção 1, referente ao envelhecimento humano, discutimos o envelhecimento, a velhice e a pessoa idosa, estabelecendo algumas teorizações fundamentadas em autores da psicologia, da gerontologia e de outras áreas das ciências humanas, com vistas a compreender esse período do desenvolvimento

humano. Ainda nesse fragmento, realizamos uma incursão voltada à compreensão cultural do envelhecimento, considerando suas representações sociais, que podem sustentar comportamentos idadistas e comprometer a qualidade de vida, o bem-estar e a saúde desse grupo populacional.

A segunda seção do referencial teórico discute as identidades das pessoas idosas (intencionalmente no plural), valendo-se das reflexões teóricas de Stuart Hall (2016), Kathryn Woodward (2014) e outros autores. Nessa perspectiva, a identidade é concebida como posição-de-sujeito, cultivada pelos sentidos, atribuída por significados e produzida pela representação. Também buscamos relacionar a produção sobre identidade, no âmbito dos Estudos Culturais, aos dilemas vivenciados pelas pessoas idosas, especialmente aqueles associados às posturas idadistas.

Na terceira seção, apresentamos um levantamento de produções acadêmicas vinculadas ao Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) da Universidade Federal de Goiás (UFG). As trajetórias socioespaciais, que integram categorias geográficas como espaço, território e lugar, dizem respeito às histórias de vida das pessoas, cujas experiências, inscritas em temporalidades e espacialidades específicas, não se configuram de modo linear ou contínuo.

A quarta seção nos dedicamos a historicizar o processo de desenvolvimento de Araguaína, no contexto do antigo norte goiano, que constitui o pano de fundo das experiências das participantes desta pesquisa. De povoado a grande centro urbano, Araguaína tornou-se ponto de chegadas e partidas de inúmeras pessoas que, por distintas contingências, passaram por ela ou nela permaneceram. Incluímos, igualmente, uma incursão sobre o processo de transição demográfica no Brasil e sobre os índices de envelhecimento em nível nacional, estadual (Tocantins) e municipal (Araguaína). Tanto o processo de povoamento da cidade quanto a criação do Estado do Tocantins, em 1988, configuram-se como eventos normativos graduados pela história e compartilhados pela coorte investigada.

Na quinta seção, apresentamos o processo histórico que impulsionou a criação da UNIAL, o que exigiu também o resgate de elementos relativos à criação da UFNT, Instituição de Ensino Superior (IES) classificada entre as chamadas “supernovas”, em referência à sua implantação recente, e que atualmente sedia esse importante programa de extensão.

No capítulo 3, apresentamos a seção “o fazer da/na pesquisa”, onde descrevemos os métodos utilizados nesse trabalho, a saber, o levantamento

sociodemográfico e a história oral de vida, cujo instrumento de coleta foi a entrevista aberta. Apresentamos também a Análise de Conteúdo, empregada para sistematizar e tratar as informações obtidas. Destacamos, ainda, os aspectos éticos que nortearam a realização desse estudo.

No capítulo 4, apresentamos os resultados obtidos a partir da análise de conteúdo das entrevistas, evidenciando elementos das trajetórias socioespaciais e suas contingências, bem como influências biológicas e culturais da velhice, articulando-as ao aporte teórico discutido ao longo do trabalho. Ao longo da análise, descrevemos as trajetórias socioespaciais das participantes, elencando os diversos lugares pelos quais transitaram e viveram ao longo da vida, desde as cidades norte-goianas onde nasceram até o cenário atual.

Finalmente, no capítulo 5, apresentamos nossas considerações finais articulando o conceito de velhice, de identidade e de território para responder à nossa indagação inicial, concluindo que a identidade na velhice emerge como celebração móvel, e que se reconfigura a cada encontro, a cada narrativa, e a cada deslocamento.

1.1 ANTES, UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE O PESQUISADOR

Esta seção apresenta um relato sintético da trajetória socioespacial do pesquisador, destacando os percursos de vida, os lugares habitados e as experiências pessoais, acadêmicas e profissionais que contribuíram para a escolha do tema desta pesquisa. Para tal, a narrativa é construída em primeira pessoa, reconhecendo que o pesquisador não se aproxima do campo como uma “folha em branco”, mas a partir de posicionamentos sociais, históricos e corporais que o constituem, em consonância com a noção de “biogeografia da razão” proposta por Ramos Júnior (2019).

Sou um homem pardo, cis, gay, de 34 anos, natural de Fortaleza-CE, que desde a infância reside no norte do Tocantins, mais especificamente em Santa Fé do Araguaia. Essa trajetória entre o Nordeste e o Norte do país conforma um pertencimento híbrido, marcado por experiências culturais, familiares e territoriais distintas. A migração de meus pais para o Tocantins, ainda no início da década de 1990, esteve associada à busca por melhores condições de vida, movimento comum a outras gerações da família.

Minha infância foi atravessada por uma convivência intensa com diferentes gerações, especialmente com mulheres idosas da família. Avós e bisavós exerceram papel central em minha formação, tanto no âmbito afetivo quanto na transmissão de

saberes, valores e modos de vida. No convívio cotidiano, participei de rituais religiosos, encontros familiares e práticas artesanais, como a produção de rendas, que evidenciavam estratégias de sobrevivência e sociabilidade. Essas experiências intergeracionais favoreceram, desde cedo, uma relação de proximidade e identificação com a velhice.

O cuidado prestado a meus avós, sobretudo durante processos de adoecimento e perda funcional, foi outro elemento marcante. A vivência dessas situações possibilitou uma compreensão inicial da velhice como experiência plural, atravessada por condições sociais, históricas e subjetivas distintas. As memórias familiares, permeadas por narrativas de migração, trabalho árduo, religiosidade e solidariedade comunitária, contribuíram para a construção de um olhar sensível às desigualdades e às múltiplas formas de envelhecer.

Esse contato com a velhice extrapolou o espaço familiar, estendendo-se a relações de amizade e convivência com pessoas idosas ao longo da juventude e da formação universitária. Tais vínculos reforçaram meu interesse pelas histórias de vida, pelos modos de narrar o passado e pelas estratégias de construção de sentido na velhice.

No campo acadêmico, iniciei meus estudos em Psicologia em 2016 e, em 2019, participei de minha primeira experiência em iniciação científica. O projeto desenvolvido investigou a relação entre declínio cognitivo e condições sociodemográficas de pessoas idosas participantes da Universidade da Maturidade da Universidade Federal do Tocantins, constituindo meu primeiro contato com programas nos moldes das Universidades da Terceira Idade. Após a pesquisa, permaneci vinculado ao grupo até o início da pandemia de Covid-19, desenvolvendo atividades e debates sobre temas relacionados ao envelhecimento.

Após a graduação, em 2021, passei a atender pessoas idosas no contexto clínico, o que ampliou minha compreensão sobre o sofrimento psicológico na velhice, bem como sobre aspectos sociais, identitários e culturais que atravessam essa etapa da vida. A prática clínica favoreceu um olhar mais atento às narrativas, aos silêncios e às formas de subjetivação.

Em 2022, iniciei minha atuação como professor universitário, ministrando disciplinas relacionadas ao desenvolvimento humano, à velhice e à psicologia do envelhecimento. Em 2023, passei a desenvolver oficinas com pessoas idosas da Universidade de Identidades, Adulterez e Longevidade da Universidade Federal do

Norte do Tocantins, experiência que consolidou minha atuação no campo do envelhecimento e da educação ao longo da vida.

No mesmo ano, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura e Territórios da UFNT, propondo uma pesquisa voltada à investigação das identidades de pessoas idosas a partir de suas trajetórias socioespaciais. Atualmente, atuo como psicólogo na assistência estudantil da UFNT e sigo desenvolvendo atividades junto à UNIAL, articulando ensino, pesquisa e extensão. Essa trajetória fundamenta e situa o presente trabalho, que se constrói a partir de experiências pessoais e profissionais comprometidas com a produção de conhecimento situada e com a valorização das realidades locais no estudo do envelhecimento.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 ENVELHECIMENTO, VELHICE E PESSOA IDOSA

Esta seção tem o objetivo de refletir sobre os termos envelhecimento humano, velhice, e pessoa idosa, entendendo que essas definições, embora não deem conta de toda a pluralidade das experiências do envelhecer, são importantes para situar o escopo deste trabalho.

Falar sobre o fenômeno do envelhecimento é um desafio à medida em que os olhares acerca deste período da vida são múltiplos, e a diversidade do fenômeno impede-nos de encerrá-lo em uma definição única. Mas ainda assim, é necessário tecer algumas considerações e, para tanto, recorremos a uma definição apresentada pela psicóloga Anita Liberalesso Neri, pioneira dos estudos acerca do envelhecimento no Brasil.

Para Neri (2013), o envelhecimento, também chamado de senescência, é um processo determinado geneticamente, e vivenciado por todos os indivíduos da espécie humana, razão pela qual também é designado como envelhecimento normal. Este processo inicia-se após a maturidade sexual, tornando-se mais rápido a partir dos 50 anos de idade, sendo também caracterizado pela redução ou até mesmo cessação da reprodução, além de diversas transformações morfológicas e fisiológicas.

A autora, ao categorizar as diferentes perspectivas adotadas nos estudos sobre o envelhecimento humano, faz menção a diversas teorias psicológicas do envelhecimento, desde teorias mais clássicas até as mais contemporâneas, no entanto, para não tornar cansativa a leitura a ser feita pelo leitor, destaca-se neste texto a teoria do desenvolvimento da personalidade ao longo da vida, proposta pelo Psicanalista Erik Erikson (1959), a teoria do bem-estar psicológico construída pela Psicóloga Carol Ryff (1989) e, finalmente, a teoria contemporânea do desenvolvimento ao longo da vida, ou perspectiva *life-span*, desenvolvida por Paul Baltes (1999).

Erik Erikson desenvolveu uma teoria de desenvolvimento da personalidade a partir de uma sucessão de crises, e pautada na influência sociocultural. Diferentemente de outros psicanalistas que davam especial valor às experiências da infância na constituição da personalidade, Erikson afirma que o desenvolvimento do

ego se estende ao longo de toda a vida adulta, estendendo, portanto, a possibilidade de desenvolvimento para além da adolescência (Papalia e Feldman, 2013).

A teoria de Erikson abrange oito estágios ao longo do ciclo da vida, em que cada estágio envolve um conflito na personalidade, que é particularmente muito importante para aquele período da vida. O êxito em cada estágio é o desenvolvimento de uma virtude ou de uma força. No caso da velhice, o conflito se dá entre integridade do ego e desespero – os indivíduos idosos, a partir da reflexão acerca da própria vida, podem aceitá-la com abertura, mesmo com as suas imperfeições, sem se fixarem na ideia do que “deveria ser feito” ou “poderia ter sido”, ou se lamentam ou desesperam-se profundamente pela vida que viveram. A virtude resultante desse conflito é a sabedoria (Papalia e Feldman, 2013).

A teoria proposta por Carol Ryff, do Bem-Estar Psicológico (BEP), apresenta um modelo construído a partir de seis dimensões, a saber, a) autoaceitação, que inclui avaliações positivas acerca de si mesmo e da vida que se viveu; b) o crescimento pessoal, que se trata de um sentido de desenvolvimento contínuo como pessoa; c) propósito de vida, que diz respeito a crença de que a vida possui um propósito e um significado; d) relações positivas, o cultivo de relações de qualidade com outras pessoas; e) domínio do ambiente, que inclui a capacidade de gerir eficazmente a sua vida e o seu contexto e, finalmente; f) autonomia, que se trata de um sentido de autodeterminação.

Carol D. Ryff e Corey Lee M. Keyes (1995), as transições ao longo da vida impactam de formas distintas as diversas dimensões do Bem-Estar Psicológico, o que reforça sua natureza multidimensional. Discutir essas transições em um estudo que investiga e descreve trajetórias socioespaciais é fundamental para compreender como tais mudanças se articulam com os deslocamentos geográficos e, conseqüentemente, quais aspectos do Bem-Estar Psicológico podem ser afetados por elas.

Em revisão que buscou apresentar o conceito de Bem-Estar Psicológico, Machado e Bandeira (2012) afirmam que o BEP se correlaciona positivamente com autoestima e moral, situação de vida e afetos positivos, geratividade, memórias integrativas e intrínsecas, generosidade, habilidades sociais, inteligência emocional, valores intrínsecos, resiliência e metas intrínsecas de crescimento. Os autores também incluem correlatos tais como idade, personalidade e nível educacional.

Acrescenta-se ao aporte teórico dessa dissertação, o conceito de *aging in place* (envelhecer no lugar), definido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como a

possibilidade de pessoas idosas permanecerem em suas casas e comunidades à medida que envelhecem, com condições adequadas de apoio e segurança (Fonseca, 2023).

Segundo essa proposta, em vez de retirar a pessoa do seu ambiente, busca-se adaptar o espaço, oferecer serviços personalizados, estimular a participação social e garantir acesso a cuidados. O conceito envolve uma abordagem interdisciplinar que combina saúde, habitação, mobilidade, tecnologia e políticas sociais, sendo hoje um princípio central do envelhecimento ativo e saudável (Fonseca, 2023).

Finalmente, no que tange às teorias do envelhecimento, tem-se a perspectiva nomeada de *life-span*, que considera o envelhecimento como um processo de desenvolvimento que se dá ao longo da vida. A teoria *life-span* é o paradigma mais aceito atualmente na ciência do envelhecimento, e foi desenvolvida pelo psicólogo alemão Paul Baltes, na década de 1980.

Na perspectiva desenvolvida por Baltes em uma série de pesquisas e estudos desde a década de 80, o desenvolvimento, incluindo o envelhecimento, é um “[...] processo contínuo, multidimensional e multidirecional de alterações genético-biológicas e culturais, de natureza normativa e não-normativa, caracterizado por ganhos e perdas, e, ainda, por uma grande interatividade entre o indivíduo e sua cultura [...]” (Neri, 2006, p. 19).

Embora de cunho positivista, o trabalho trouxe, na época, uma importante contribuição para os estudos sobre o desenvolvimento humano, até então compreendido como meramente biológico, e que poderia ser representado por uma curva ascendente até a terceira década de vida, momento a partir do qual ela decresceria até níveis reduzidos, significando perdas, involução senil, estagnação, fragilidade, demências e, finalmente, a morte. Esta concepção ainda prevalece em grande parte do discurso médico e de outras ciências, sobretudo da área da saúde.

Baltes contribuiu, portanto, para uma mudança de paradigma dentro das ciências biomédicas, a partir da qual se passou a considerar os fatores socioculturais na determinação do envelhecimento humano, sobretudo em aspectos relacionadas à saúde e qualidade de vida das pessoas idosas (Scoralick-Lempke & Barbosa, 2012). Também, neste paradigma, Baltes (1989) faz distinção entre três tipos de mudanças ao longo do desenvolvimento e envelhecimento, a saber, mudanças graduadas por idade, mudanças graduadas por história, e influências não normativas.

As mudanças da primeira categoria dizem respeito a mudanças pelas quais todos os indivíduos passam - elas são previsíveis, de natureza biológica, e ocorrem ao longo das idades. As mudanças do segundo tipo, por sua vez, são psicossociais, determinadas por processos de socialização a que as pessoas de cada coorte estão sujeitas. Por fim, as influências não normativas trata-se de uma sequência não previsível de alterações adequadas à influência biológica e social (Neri, 2008).

A perspectiva desenvolvida por Baltes (1987) trouxe consequências importantes para as atividades de cuidado desenvolvidas pelos profissionais que trabalham na assistência à pessoa idosa, uma vez que a possibilidade de um envelhecimento considerado bem-sucedido e de uma velhice ativa estava posta, e que o envelhecimento, até certa medida, seria um processo modificável no curso do desenvolvimento.

Na consagrada obra “A velhice”, Simone de Beauvoir (2018, p. 16) também destaca a importância dos recursos culturais para o envelhecimento humano, ao afirmar que o corpo do ser humano não é somente natureza, mas que os declínios vivenciados pelo ser que envelhece, podem ser compensados por “montagens, por automatismos, [e por] um saber prático e intelectual”, apontando para a ideia de que quando a biologia perde sua força e capacidade, a cultura contribui para que o indivíduo continue tendo uma vida satisfatória, apesar das perdas e dos danos. Este raciocínio não se trata simplesmente da substituição de forças atuantes sobre o indivíduo, uma vez que desde o início da vida elas estão presentes conjuntamente.

Também a cultura, enquanto teias de significado tecidas pelo homem, e que permite aos indivíduos de um grupo interpretar a própria experiência e guiar suas ações, não possui um caráter tão somente compensatório e adaptativo aos indivíduos velhos em situações nas quais a biologia já não é mais suficiente para sustentar o organismo, mas, uma vez que nas sociedades ocidentais ela situa a velhice na contramão de uma sociedade centrada na produção, no rendimento, na juventude, e no dinamismo, descrevendo-a em termos negativos, pode a cultura também ser capaz de impor, a partir do exterior, uma marginalização das pessoas idosas (Geertz, 1989, p. 4; Uchôa, Firmo e Lima-Costa, 2002).

Isto é perceptível quando se levanta as ideias que as pessoas possuem e compartilham acerca do que significa ser idoso. Em um trabalho que teve por objetivo levantar as representações sociais de pessoas idosas pela ótica de pessoas em diversas etapas do desenvolvimento humano, Rita de Cássia da Silva Oliveira, Paola

Andressa Scortegagna e Flávia Oliveira Alves da Silva (2017) afirmam que há uma propensão em se desvalorizar a pessoa idosa, tratando-a de forma preconceituosa, e reforçando estereótipos negativos com relação à velhice, colocando sempre em evidência aspectos como a incapacidade, a improdutividade, as doenças, a solidão, a marginalização, e não dando tanta ênfase à capacidade de se realizar atividades, se envolver em trabalhos, e expressar desejos e expectativas.

Mas não apenas isto, também tem-se visto um movimento de positivação do envelhecimento humano através de representações gratificantes da velhice que, sem dúvidas contribuiu para uma maior sensibilização e visibilidade para um tipo de envelhecimento designado de “bem-sucedido”, mas que muitas vezes fecha-se para aquelas experiências marcadas por perdas diversas, contribuindo para tornar o envelhecimento uma responsabilidade individual, e para a produção de processos de culpabilização, de maneira que a visibilidade alcançada é, antes, um compromisso com um tipo determinado de envelhecimento positivo (Debert, 2020).

O envelhecimento humano é um fenômeno heterogêneo, e isso significa dizer que ninguém envelhece igual a ninguém, e, ao falar sobre as diferentes maneiras de envelhecer é imprescindível que se considere variáveis como raça, etnia, gênero, escolaridade, e renda, o que além de desmitificar a ideia de homogeneidade, permite compreender como condições históricas e sociais influenciam os caminhos da velhice de cada sujeito, e os rumos da própria sociedade (Santos, Lopes e Nery, 2007). Em suma, [...] “há vários modelos de envelhecimento e de velhice” (Falcão e Carvalho, 2018, posição 115).

Concordando com a ideia acima, Teixeira (2023, p. 48) também pontua que “o envelhecimento é um processo biopsicossocial dinâmico, gradativo, acumulativo [e] histórico-social” reforçando que as características biológicas que demarcam o envelhecimento também são afetadas pelas condições psicossociais, macrossociais e culturais de cada época e lugar.

Essa relação entre envelhecimento e cultura também é apontada por Neri (2015, p. 22) quando ela afirma que

De acordo com o paradigma *life-span* em psicologia, prestar a atenção à data em que nasceu uma pessoa ou um grupo de pessoas permite ao pesquisador identificar ocorrências do contexto político, educacional, social e ecológico que podem ter afetado seu desenvolvimento numa direção diferente da trajetória observada em pessoas e grupos nascidos e socializados na presença de outras influências.

Um exemplo que pode ilustrar bem essa colocação, diz respeito ao fato de a baixa escolaridade, um problema de cunho social, relacionada às desigualdades nas condições de acesso à educação, ser um fator de risco para a demência causada pela Doença de Alzheimer (Brucki e Porto, 2021). Estamos falando, portanto, de um processo de adoecimento, caracterizado por alterações neurobiológicas, que acomete muitas pessoas idosas no mundo, e que se relaciona com as condições de vida dessas pessoas.

Também, em um artigo publicado na revista *Nature*, Molguiner et al., (2024) concluíram que as desigualdades socioeconômicas, a poluição, e as disparidades no acesso à saúde, podem acelerar o envelhecimento cerebral. Utilizando um modelo chamado de “relógios cerebrais”, capaz de quantificar as discrepâncias entre a idade cronológica e a idade cerebral, os autores, após avaliarem mais de 5000 pessoas de 15 países, sendo que 7 destes eram países da América Latina e Caribe, concluíram que as pessoas destes países evidenciaram idades cerebrais mais avançadas, se comparadas com os países europeus, Estados Unidos da América, China e Japão, significando que a lacuna entre a idade cronológica e a idade cerebral nos países da América Latina e Caribe é maior.

O estudo também apontou que as mulheres possuem uma discrepância maior entre idade cronológica e idade cerebral em comparação aos homens, especialmente na América Latina e Caribe, lugares em que as mulheres enfrentam obstáculos importantes como menor educação, menos renda, e menor acesso à saúde, além de uma maior carga de cuidados, o que, por sua vez, pode agravar o problema de saúde cerebral e aumentar o risco para a demência causada pela Doença de Alzheimer (Molguiner et al., 2024).

Assim, temos que esta concepção de envelhecimento, compreendido como processo biopsicossocial, não supervaloriza a dimensão biológica e, conseqüentemente, não mascara um fenômeno que é socialmente determinado, rompendo, portanto, com os referenciais positivistas e biomédicos que historicamente caracterizaram a geriatria e a gerontologia.

Esta perspectiva biomédica do envelhecimento, algumas vezes, pode desconsiderar o contexto político, econômico, cultural, e territorial no qual a velhice se inscreve. Para além das dimensões biológicas, o envelhecimento pode ser compreendido como um fenômeno humano e social que adquire múltiplas

significações socialmente construídas, e que só adquirem inteligibilidade quando pensadas sob a ótica do modo de produção capitalista (Escorsim, 2021).

A velhice, o segundo termo que compõe a tríade “envelhecimento – velhice – pessoa idosa”, trata-se de um estado que caracteriza a condição da pessoa idosa, entendida também como a última fase do processo de envelhecimento. De acordo com o Conselho Federal de Psicologia, [...] “a velhice é compreendida como uma fase específica dentro desse continuum do envelhecimento, marcada por mudanças físicas, sociais e emocionais, que se intensificam com o avanço da idade” (CFP, 2025, p. 30).

Na perspectiva de Santos (2010), a velhice é normalmente vista através do corpo, nos cabelos que embranquecem, na pele que se torna flácida, nas forças que se esvaem, na diminuição de acuidade visual ou auditiva, na calvície, no enrijecimento, e em tantas outras mudanças corporais. No entanto, para além do corpo e da cronologia do tempo, a velhice também é percebida por outros critérios e demarcações.

Em pesquisa realizada no ano de 2020 pelo Serviço Social do Comércio da cidade de São Paulo (SESC-SP) e a Fundação Perseu Abramo (FPA) ao serem perguntados “quando se pode dizer que uma pessoa chegou à velhice, ou que ela ficou idosa?” 91% dos entrevistados afirmam que a velhice chega após os 50 anos, demarcando um aspecto da idade.

Dentre estas pessoas, algumas perceberam a velhice com uma conotação negativa, onde 67% apontam a falta de saúde ou o surgimento de debilidades físicas como um marco para o surgimento da velhice, 30% apontam a dependência tanto física quanto emocional de outras pessoas, 20% citam a indisposição para atividades, 9% falam sobre a exclusão no mercado de trabalho como indicador da velhice, enquanto 7% afirmam que a velhice se torna evidente quando se começa a viver do passado, e, finalmente, 5% associam a velhice ao desânimo emocional/tristeza.

Ainda, 5% dos respondentes da pesquisa utilizaram critérios considerados positivos, onde 2% associam a velhice como um período em que se tem mais experiência de vida e sabedoria, podendo educar os mais jovens por ter passado por muitas coisas. Dos entrevistados, 2% demarcam a velhice como possuidora de melhor qualidade de vida expressa em maior tempo com a família e mais tempo de lazer, 1% relaciona a velhice a ter paz, tranquilidade e sossego, e 1% associa a um maior cuidado em saúde, com a prática de exercícios físicos, melhor alimentação, e maior

prevenção de doenças. Visivelmente a quantidade de pessoas que associam a velhice a aspectos negativos é maior, no entanto é possível também ouvir falar em relatos individuais e boas experiências relacionadas à velhice.

Deste modo, a idade cronológica é apenas uma maneira de se considerar a idade de uma pessoa, e é insuficiente para caracterizar este momento da vida, haja vista que se trata de uma contagem de anos, meses e dias que, por si só, não causa o desenvolvimento, o que nos leva a recorrer muitas vezes a outras concepções de idade, a saber, idade biológica, idade psicológica, idade subjetiva, ou idade social, por exemplo Pinheiro (2013) e Schneider e Irigaray (2008) que ilustra a diversidade de abordagens e considerações a partir das quais é possível refletir e estudar as distintas manifestações da velhice.

Também, quando se aborda o tema da velhice, sobretudo na ciência médica, psicológica e gerontológica, é comum as pessoas se referirem a ela como algo à parte da trajetória de desenvolvimento humano, uma fase ou uma etapa desse desenvolvimento, vendo-a como um momento especialmente separado na história de vida das pessoas, demarcado principalmente pela idade, no entanto, a velhice não se trata de uma ruptura e nem tampouco de uma condição nova, mas um momento que faz parte da totalidade da vida.

E assim, uma vez que não é possível fracionar os seres humanos com base na sua experiência de sobrevivência ao tempo, Nóbrega (2015, p. 67) afirma que “[...] este indivíduo total assume com o tempo, desde o nascimento até a inevitabilidade da morte, uma relação que exhibe necessidades específicas, mas que não nega ao homem como totalidade [...]”, o que por sua vez, amplia o olhar sobre a existência como um todo, e como essas diferentes necessidades são ou não atendidas ao longo da vida, e como esse (não) atendimento pode determinar os modos de envelhecer.

Do mesmo modo, Neri (2015), ao falar sobre o paradigma *life-span* de desenvolvimento ao longo da vida, afirma que ele não trabalha com a ideia de que a vida seja organizada em estágios, muito embora se reconheça que a vida seja fortemente demarcada no tempo.

Corroborando com a ideia de Nóbrega (2015) e Neri (2015), Pedrinho A. Guareshi, ao prefaciá-la obra “Envelhecendo com apetite pela vida” organizada por Sueli Souza dos Santos e Sergio Antonio Carlos, e publicada pela Editora Vozes em 2013, faz menção à conjugação do verbo envelhecer no título do livro, que encontra-se no gerúndio, a saber, “envelhecendo”, afirmando que considerar que ter certa idade

corresponde a determinada etapa ou fase da vida, como se a vida pudesse ser dividida em fases, é uma implicação um tanto perigosa, e evocando ainda a ideia de que “[...] começamos a envelhecer quando nascemos e aos oitenta anos estamos ainda nascendo [...]” (Guareschi, 2013, p. 9).

Também, assim como o processo de envelhecimento se trata de uma experiência heterogênea, a velhice também o é, o que faz com que comumente o termo seja adotado no plural: “velhices”. Essa heterogeneidade, segundo Camarano e Fernandes (2022, p. 3) “[...] é acentuada pelas diferentes trajetórias de vida experimentadas por esse segmento [...] fortemente marcadas pelas desigualdades sociais, regionais, raciais e de gênero em curso no país [...]”.

O que demanda que adotemos a perspectiva da interseccionalidade, que nos permitirá considerar as múltiplas fontes da identidade na determinação dos sujeitos, e na produção de suas experiências (Hirata, 2014). O termo não se trata somente de uma sobreposição de identidades ou condições de vida com fins meramente comparativos. Carla Akotirene (2022, p. 43) ao falar sobre o termo nos diz que:

Em vez de somar identidades, analisa-se quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade. Por sua vez, identidade não pode se abster de nenhuma das suas marcações, mesmo que nem todas, contextualmente, estejam explicitadas. [...]

Finalmente, no que diz respeito à pessoa idosa, para este estudo considerar-se-á o marco etário declarado no Artigo 1º da Lei 10.740 de 1º de outubro de 2003, que institui o Estatuto da Pessoa Idosa, segundo o qual considera-se pessoa idosa aquela com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos de idade (BRASIL, 2023), e convém destacar que esta idade a partir da qual o indivíduo é considerado velho para o Estado Brasileiro foi estabelecida para os países em desenvolvimento, ao passo em que para os países desenvolvidos, a pessoa idosa é aquela com 65 anos de idade ou mais. É nítido que este limite é arbitrariamente definido, reforçando a ideia de que a velhice é uma categoria social.

Ressalta-se que neste trabalho será preconizado o uso do termo “pessoa idosa” para se referir aos participantes desta pesquisa. Esta decisão é uma maneira de se adequar à recomendação feita pela Secretaria Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa – órgão que integra o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC).

Na concepção do MDHC, o termo “pessoa idosa” possui um caráter não discriminatório com relação ao gênero, e traz o sujeito para o centro de debate, em vez de uma característica que ele possa ter, neste caso, a idade. Quando utilizamos o termo “idoso”, reduzimos este sujeito a uma característica temporal (Brasil, 2023) e, é importante destacar desde o começo que a idade cronológica, por si só, não dá conta de descrever o envelhecimento humano, dado os múltiplos fatores que determinam o curso desse processo.

Esta seção buscou tecer algumas considerações acerca do conceito de envelhecimento, de velhice e de pessoa idosa, com o intuito de caracterizar inicialmente o perfil dos participantes desta pesquisa, a saber, indivíduos com 60 anos de idade ou mais, de diversos lugares do Brasil, com experiências únicas em suas trajetórias de vida que permitiram-lhes viver o envelhecimento também de formas também distintas.

Ainda, realizou-se uma incursão no sentido de que o envelhecimento é um processo heterogêneo, e que as desigualdades sociais produzem diferentes velhices entre os diferentes grupos da população. As diferenças nas trajetórias do envelhecimento se dão a partir da existência de marcadores, como os de gênero e raça, por exemplo. E é essa relação entre envelhecimento e corporeidade que trata a próxima sessão.

2.2 ENVELHECIMENTO E IDENTIDADE

O presente capítulo tem o objetivo de fazer uma incursão a respeito das identidades das pessoas idosas, utilizando, para esta finalidade, a reflexão teórica produzida por Stuart Hall (2016) e Kathryn Woodward (2014), que propõem concepções de identidade no campo dos Estudos Culturais, numa perspectiva pós-moderna.

Esta delimitação é importante uma vez que a identidade na condição de objeto de estudo é abordada por diversas ciências, tendo, portanto, um caráter interdisciplinar, e, além do mais, trata-se de um termo para o qual há diversas definições, não havendo, portanto, consenso entre algumas abordagens. Ao falar sobre essa dificuldade de definição, Cruz (2021), considera a identidade um termo polivalente de sentidos, e, desta forma, polissêmico.

Antes de mergulhar no universo da identidade na pós-modernidade, convém demarcar a identidade das sociedades tradicionais e da sociedade moderna. A

identidade nas sociedades tradicionais se tratava de uma função da tribo, de um grupo, sendo, portanto, coletiva, e cuja trajetória e expectativas de vida eram fixadas de antemão, assinaladas no destino, com um sistema de parentesco fixo, e poucas possibilidades de mobilidade (Kellner, 2001).

A identidade na modernidade, por sua vez, era ligada à individualidade, e ao desenvolvimento de um “*self*” individual único que demandava um reconhecimento ou uma validação por parte de outros indivíduos, e na qual cruzavam expectativas, papéis sociais, regras, hábitos e costumes. Embora menos fixa que a identidade nas sociedades tradicionais, ela ainda era relativamente substancial e fixa. Finalmente, na pós-modernidade, a identidade vai se tornando cada vez mais instável e frágil, na medida em que a sociedade moderna tem o seu ritmo, a sua dimensão e a sua complexidade aumentada (Kellner, 2001).

No início desta incursão, se realizou um levantamento prévio na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) com os descritores “identidade”, “idosos” e “pessoas idosas”, no intuito de se levantar a produção do conhecimento sobre a identidade das pessoas velhas. Dentre o material encontrado, dois deles abordam a identidade na perspectiva dos autores dos Estudos Culturais, a saber os trabalhos de Cássio Luiz Aragão Matos (2015) e Ruane Pereira Cordeiro (2016).

Em sua pesquisa de mestrado, Matos (2015) teve por objetivo analisar a imagem corporal de mulheres idosas como estratégia de distinção social e simbólica, e (re)definição de identidade cultural, buscando a compreensão dos processos de construção identitária da pessoa idosa na sociedade da cultura de consumo e de culto ao corpo a partir da imagem corporal.

O autor discutiu a identidade cultural na perspectiva de Hall (2006) e afirmou que a construção de uma nova identidade para a pessoa idosa é multifatorial, que as crescentes e recentes conquistas da pessoa idosa em diversos campos da sociedade, desde a metade do século XX, assim como a mercantilização da velhice, têm sido elementos que estão produzindo novas identidades para esses sujeitos, de modo que as identidades outrora consideradas fixas e estáveis, como a da pessoa idosa, estão se tornando frágeis, fragmentadas e descentradas (Matos, 2015).

Esse deslocamento de identidades caracteriza o que se denomina “crise de identidade”, que, segundo Woodward (2014) é produzida a partir das interações econômicas e culturais que constitui o intenso e rápido processo de globalização, o que por sua vez causa alterações nos padrões de produção e consumo, produzindo,

portanto, novas identidades. As pessoas idosas não estão excluídas deste processo, uma vez que é possível observar mudanças profundas nos padrões de consumo e nas representações compartilhadas acerca do envelhecimento e da velhice.

O trabalho de Cordeiro (2016) parte da suposição de que por meio dos significados simbólicos atribuídos ao consumo de produtos e serviços, as mulheres podem construir uma identidade de idade, que pode diferir daquela socialmente atribuída às pessoas mais velhas, normalmente de cunho idadista. No trabalho da autora, a identidade é vista por uma perspectiva cultural e socialmente construída.

A associação entre o consumo e identidade é abordada por Woodward (2014, p. 16) quando, por meio da esquematização do “circuito da cultura” proposto por Paul du Gay *et al.* (1997), afirma que as identidades juntamente com os artefatos culturais com os quais elas são associadas, são produzidas para a ampliação do consumo de itens com os quais as pessoas se identificam, regulando, portanto, a vida social das pessoas. A autora afirma que “[...] existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que ela usa [...]” (p. 10).

Deste modo, o discurso médico, o previdenciário, e a própria ciência gerontológica, por exemplo, constroem sentidos para a velhice, que variam desde a ideia de supervalorização da juventude, na qual a velhice é uma coisa menosprezada e que deve ser evitada, até a uma positivação da velhice enquanto uma etapa da vida onde as pessoas podem ser felizes e realizadas, dignas de reconhecimento, respeito e admiração, na qual elas devem explorar o máximo potencial desta vida, e investir em diversos produtos ofertados - habitações, vestuário, viagens, cosméticos, planos de saúde, empréstimos bancários, planos funerários, etc.

E o que vem a ser esses sentidos? Ora, os sentidos, na perspectiva trazida por Hall (2016) se dá pela forma como representamos as coisas, e isso inclui as palavras que utilizamos para falarmos sobre elas, as narrativas que contamos a respeito delas, as imagens que confeccionamos ao seu respeito, as emoções que emparelhamos a elas, aos modos como categorizamos e conceituamos, e aos valores que atribuímos a essas coisas. Ainda, Hall cultiva a ideia de que os sentidos são o que nos permite construir a nossa identidade, sendo concebido e intercambiado nas relações pessoais e sociais que estabelecemos com o mundo.

Neste cenário, e fundamentado na proposta de Hall (2014) a identidade seria, portanto, o ponto de encontro entre os inúmeros discursos produzidos acerca do envelhecimento, da velhice e das pessoas idosas – que as interpelam, que as falam,

e que as convocam para assumir determinadas posições – e os processos que produzem subjetividades, que constroem as pessoas como sujeitos aos quais e sobre os quais se pode falar.

Mas a identidade não foi sempre compreendida neste campo simbólico e discursivo. Stuart Hall (2006, p. 10, 12-13) afirma que a concepção de identidade ao longo do tempo parte do “sujeito do iluminismo”, cuja identidade é autocentrada, inata, permanente e individual, e chega até o “sujeito pós-moderno”, caracterizado por “[...] não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente [...]”. O autor também afirma que a identidade é uma “celebração móvel”, definida historicamente, em vez de biologicamente, e que “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos [...]”, de tal modo que “[...] estão sendo continuamente deslocadas”.

Nessa mesma direção, Woodward (2014, p. 56 e 59) nos traz uma noção de identidade entendida como “as posições que assumimos e com as quais nos identificamos”, e “que mudam ao longo do tempo”. Ainda na perspectiva desta autora, estas identidades “adquirem sentido através da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (p. 8). Convém destacar que a variação, que também se dá no tempo, é muito importante para este trabalho, uma vez que falaremos de trajetórias socioespaciais, grosso modo, compreendidas como os deslocamentos geográficos e espaciais ao longo do tempo de uma vida.

Essa característica mais fluída e dinâmica confere à identidade uma perspectiva não essencialista. Segundo Woodward (2014), tal perspectiva, além de focar as características comuns ou compartilhadas entre indivíduos ou grupos, também foca as diferenças existentes entre eles. No contexto de nosso estudo, a perspectiva não essencialista lança luz sobre como as formas pelas quais a definição do que significa ser uma pessoa idosa têm mudado ao longo do tempo e, em nosso caso, também conforme o espaço.

Na contramão desta concepção, está a perspectiva essencialista, que sugere que há um conjunto cristalizado, imutável e imóvel de concepções que caracteriza todas as pessoas idosas, por exemplo, e que não se altera ao longo do tempo e nem através dos espaços.

Também, não é possível conceber a ideia de identidade separada da ideia de representação. Segundo Hall (2018, p. 70) “[...] a identidade é sempre em parte uma narrativa, uma espécie de representação. Está sempre dentro da representação. A identidade não é algo que se forma fora e sobre a qual contamos histórias depois [...]”.

A representação, segundo Hall (2016) possui relações com a identidade e com o conhecimento.

A representação, de acordo com Woodward (2014, p.17-18) “[...] inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos [...]”, além do mais, “[...] é por meio destes significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa existência e àquilo que somos [...]”. Também, as representações incluem o pensar e o sentir, no qual nossas concepções, imagens e emoções são sentido ou representam o mundo “de fora” em nossa vida mental (Hall, 2016, p. 23).

Sobre as representações, Moraes (2019, p. 170) também afirma que:

[...] as identidades sociais devem ser pensadas como construídas no interior da representação, através da cultura, sendo resultantes de um processo de identificação que nos permite posicionarmo-nos no interior das definições fornecidas pelos discursos culturais. Desse modo, nossas subjetividades são produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico.

Desta maneira, não é possível falarmos sobre identidade de pessoas idosas sem nos voltarmos para a forma como os discursos acerca do envelhecimento, da velhice e do velho são compartilhados pelos mais diversos meios dentro de uma sociedade. De acordo com Hall (2003, p. 28), estes “[...] discursos e sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar”. Deste modo, a representação é, portanto, este ponto de encontro entre o pessoal e o social.

Isso se torna particularmente muito importante quando consideramos que vivemos em uma sociedade idadista. O idadismo presente nos discursos, na mídia, e traduzidos em comportamentos na sociedade ocidental, pode ser entendido, segundo, Gomes (2022, p. 48), como “o preconceito e a discriminação em razão da faixa etária/idade”, e que acomete geralmente as pessoas mais velhas.

Segundo a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAN, 2022, p. 2), “[...] o idadismo surge quando a idade é usada para categorizar e dividir as pessoas de maneiras que levam a perdas, desvantagens e injustiças, causando desgaste no relacionamento entre as gerações [...]”. Dessa forma, o idadismo, como linguagem e representação, pode ser considerado um ato de diferenciação ou, ainda, de classificação, que nos permite dar sentido às coisas.

Os sentidos, de acordo com Hall (2016) é o que nos permite cultivar a noção de nossa própria identidade, a noção sobre quem somos, e a quem pertencemos, sendo constantemente construído e compartilhado em cada encontro, em cada interação pessoal e social da qual participamos, além do mais, os sentidos também podem ser produzidos em uma variedade de mídias.

De modo geral, atribuímos sentido às coisas tanto pelo modo como as utilizamos e as incorporamos em nossas práticas diárias quanto pela forma como as representamos. Isso inclui as palavras que escolhemos para nos referir a elas, as imagens que construímos, as emoções e valores que associamos, a história que contamos sobre elas e as classificações e conceitos que lhes atribuímos (Hall, 2016).

Faz-se importante trazer nesta discussão que “os sentidos também regulam e organizam nossas práticas e condutas” (Hall, 2016, p. 22). Por exemplo, se uma pessoa idosa é representada como infantil, é esperado que no conjunto de práticas com relação ao cuidado para com esta pessoa, ela seja tratada como uma criança, não somente pela forma infantilizada de tratamento, mas provavelmente também no que tange à negação de sua autonomia, ou o silenciamento de sua voz.

Em nosso estudo, estas representações pressupõem as diferentes formas de ver as pessoas idosas, e logo, as diferentes maneiras de ver o mundo. Dessa maneira, os discursos que produzem uma determinada velhice dizem respeito à possibilidade de determinadas “verdades” – tais como, a pessoa idosa como senil, em constante estado de perda, a velhice como uma doença, a velhice como a personificação da sabedoria ou da bondade, o velho como uma criança, dentre tantas outras – tornarem-se referentes de classificação de pertencimento ou não a um grupo. Estas concepções acerca do indivíduo idoso podem mudar, uma vez que elas se relacionam a momentos históricos e grupos específicos.

Na perspectiva trazida por Silva (2014, p. 82) e por Woodward (2014, p. 42), “o processo de classificação é central na vida social”, distinto em cada cultura, e por meio do qual é possível dar sentido ao mundo social, construir significados e, ainda, gestar identidades e diferenças mutuamente, sendo estas últimas, portanto, duas faces de uma mesma moeda, onde uma não é capaz de existir sem a outra.

Deste modo, não há como falar em identidades sem falarmos em diferenças, uma vez que estas últimas demarcam as primeiras. A identidade das pessoas idosas é relacional (como toda identidade), e é construída muitas vezes em oposição à ideia da juventude. Se ser jovem significa ser ágil, então atribui-se a lentidão à velhice. Se

ser jovem é ser sexualmente viril, então atribui-se a impotência à velhice. Se ser jovem é ser saudável, então à velhice cabe a enfermidade. Se ser jovem está relacionado ao belo, atribui-se ao velho a fealdade, dentre tantas outras relações possíveis de serem feitas.

A compreensão destas relações é particularmente importante, uma vez que ao serem essencializadas as identidades dos sujeitos ou dos grupos, bem como as diferenças, tornamos invisíveis as suas condições de emergência, e as relações de poder existentes na cultura. Não se questionado, toma-se o processo de construção da identidade como dado e encerrado em si mesmo. Quando naturalizamos as identidades, destituímos os sujeitos classificados ou reduzimos as suas possibilidades de ação (Guareschi, 2006).

Corroborando com esta ideia, pensar a si próprio na velhice se constitui, segundo Minayo e Coimbra (2002), um exercício duplo, uma vez que enquanto uma pessoa se define, ela o faz a partir do contraste com o outro, e isso inclui, na perspectiva trazida pelos autores, uma diferenciação daquele “outro” que é a sua “versão jovem”.

Ao falar sobre a produção social da identidade e da diferença, Silva (2014) afirma que as identidades também são relações sociais, o que aponta para a ideia de que a sua definição está sujeita a relações de poder, que, em se tratando das diferenças entre pessoas jovens e pessoas idosas na sociedade, são relações de poder assimétricas. Nestas oposições binárias, como as que foram feitas no parágrafo anterior, um dos termos sempre leva vantagem em relação a outrem, recebendo um valor positivo, ao passo em que este outro recebe uma carga negativa.

Pode-se até mesmo se afirmar que esta identidade da pessoa idosa construída em oposição à pessoa jovem, encontra-se atualmente em crise, haja vista que o acesso à políticas públicas de saúde e assistência social, e a consequente melhoria na qualidade de vida das pessoas mais velhas, de índices como a maior expectativa de vida ao nascer, a maior longevidade, a menor mortalidade, o surgimento da categoria velhice bem-sucedida, dentre tantos outros, têm colocado muitas pessoas idosas numa posição onde torna-se mais difícil construir uma ideia de idoso somente pela oposição ao jovem.

Neuza Guareschi, psicóloga social cujo trabalho e ótica se constroem no encontro entre a Psicologia Social e os Estudos Culturais, afirma que:

Ao delimitar comportamentos, modos de ser e agir, os discursos estabelecem normas, padrões, instauram referenciais identitários e, ao mesmo tempo, afirmam e constituem aquilo que é diferente a esta identidade, que não é apenas o seu oposto, mas é tudo aquilo que não está incluído nesta referência. Esta dinâmica de significação e demarcação de diferenças, central para as teorias pós-estruturalistas, será fundamental no processo de construção e constituição de identidades (Guareschi, 2006, p. 84).

Em um trabalho cujo objetivo foi analisar a cultura quilombola como campo simbólico possível para identificações e posicionamentos de seus sujeitos, Furtado, Pedroza e Alves (2014) fazem uma distinção entre identidade social e identidade pessoal, em que a primeira se trata de um posicionamento coletivo, que se refere a uma noção dos “nós mesmos” segundo o contexto histórico e cultural, que traz consigo elementos que afirmam e que negam o grupo, “o que somos” e o que “não somos”.

A identidade pessoal, por sua vez, pode ser compreendida como uma noção psíquica do “si mesmo”, de modo que se encontrem nela afirmações e negações acerca da própria identidade, o que se é, e o que não se é (Furtado, Pedroza e Alves, 2014). Estes referenciais de si também são cambiáveis entre os grupos nos quais estes sujeitos se inserem em sua história, nos mais diversos lugares, e ao longo do tempo.

Esta distinção entre coletivo e pessoal também é feita por Juliana Silva (2023), que concebe a identidade cultural e social como uma construção da identidade coletiva, e a identidade individual como construção da subjetividade. A autora sugere que, individual ou coletivamente, a construção da identidade deve ser compreendida como um processo.

Podemos refletir sobre como aquilo que se narra sobre a própria história pode se relacionar com as identidades que se constroem ao longo de uma vida, e a sua relação com os territórios, os lugares, e a cultura. Essa construção identitária, que se dá no campo da linguagem e das representações, nos permite analisar como os sujeitos desta pesquisa compreendem a si mesmos em relação às suas trajetórias socioespaciais.

Essa “contação de si” e da trajetória socioespacial vivida pelos sujeitos, assume também uma concepção de re-história de cada vida, no fluxo de contradições e tensões dos diversos mundos, que aqui podem ser entendidos em termos de lugares, nos quais simultaneamente cada pessoa é ator e responde às ações de outros atores. Ao mencionar esse processo de re-história, Mishler (2002, p. 110) afirma que ele:

Constitui uma característica geral de nossas múltiplas identidades, cada uma arraigada a um conjunto diferente de relações que formam a matriz de nossas vidas. Cada um dos nossos eus parciais é um personagem em uma história diferente, na qual somos posicionados de modos diferentes em nossas relações com os outros, que constituem nossos diversos mundos sociais.

A discussão sobre identidades a partir das trajetórias socioespaciais dos sujeitos envolvidos na pesquisa é particularmente importante no sentido de que nos permite questionar tais identidades e compreendê-las como originadas a partir de sistemas de representação permite que os sujeitos questionem a si mesmos, as posições que assumem ou aquelas nas quais são posicionados, bem como as práticas sociais relacionadas a este grupo populacional.

Também, considerando que o envelhecimento e a velhice são, muitas vezes, abordados de forma homogeneizante nos discursos médicos ou das políticas públicas, a consideração das trajetórias socioespaciais na construção e ressignificação da identidade na velhice permite considerar essa identidade de forma a não apagar as marcas que a história imprime nos sujeitos e em suas trajetórias (Delgado, 2023).

Em suma, a representação é onde as trajetórias socioespaciais e as identidades se encontram. Ao se levantar as trajetórias socioespaciais, em uma interação dialógica, no contexto de uma entrevista, espera-se compreender quais representações podem ser derivadas destas narrativas, quais os significados que emergem delas, quais os sentidos são atribuídos às experiências destas pessoas por elas mesmas, e de onde estes sentidos partem e, finalmente, quais identidades são posicionadas a partir destas representações.

2.3 TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS

Nesta seção, fizemos uma incursão sobre a categoria trajetória socioespacial e a categoria identidade no envelhecimento, abordando a possibilidade de relação entre as duas no que diz respeito à compreensão das múltiplas formas de se envelhecer.

No começo da trajetória deste trabalho, pretendemos descrever como se daria a construção da identidade das pessoas idosas participantes da UNIIAL, a partir do sistema de representações sobre o que significa ser velho em nossa sociedade. No entanto, essa proposta desconsiderava a noção de espaço experienciado ao longo do tempo por essas pessoas, e, ainda, desconsiderava que as identidades são instáveis, ao ponto de não ser possível capturá-las tão eficazmente, haja vista que os sujeitos estão sempre sendo, continuamente.

Como já apontado na seção que aborda o tema do envelhecimento humano, falar sobre a velhice demanda que consideremos os diferentes contextos sociais em que as pessoas idosas viveram e vivem. Ao revisitar a ideia do envelhecimento biológico, Jeckel-Neto (2015, p. 48) afirma que “quando se fala de envelhecimento, não devemos considerar o ambiente apenas no momento em que estamos realizando a coleta de dados; devemos considerá-lo ao longo do tempo também”. Essa concepção conversa muito bem com a ideia de trajetórias socioespaciais que trabalhamos nessa pesquisa.

Partimos da premissa de que a forma como as pessoas representam a si mesmas e o mundo contribui para a construção de suas identidades, assim propomos inicialmente a ideia de que as pessoas podem significar o espaço de muitas maneiras, conforme se vive nele. Numa perspectiva trazida por Tuan (2015), a relação da pessoa com o espaço em que ela está pode ser mais próxima ou mais distante, mais íntima ou mais conceitual, sobretudo, ela é mediada por símbolos, portanto, simbólica. A partir disso, pode-se supor que na história de vida das pessoas idosas, há sistemas simbólicos que medeiam a experiência dessas pessoas em seu mundo, ao passo em que as constituem.

Esses sistemas simbólicos transformam, a partir da atribuição de valores, o espaço em um lugar, de modo que ambas as categorias não podem ser definidas uma sem a outra. Tuan (2015, p. 11) também traz consigo uma reflexão no sentido de que “[...] se pensarmos o espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar. [...]”

Esta noção trazida por Tuan (2015) contribuiu para a construção desse trabalho, cuja proposta é apreender os movimentos e sobretudo as pausas na história de vida de uma pessoa – o percurso que ela faz ao longo de sua existência, na relação com a coletividade, que é o que Cirqueira (2010) nos apresenta sob a denominação de trajetória socioespacial.

Numa perspectiva territorial, as identidades mudam através do espaço e do tempo, o que as torna plurais (Souza, 2007). Assim, decidiu-se trabalhar com o questionamento sobre como essas identidades são construídas e ressignificadas nas trajetórias socioespaciais dos sujeitos participantes desta pesquisa.

No sentido de se apreender os significados e usos do conceito trajetória socioespacial, fizemos um levantamento bibliográfico dos trabalhos publicados até

então que levantaram ou descreveram trajetórias socioespaciais de diferentes sujeitos, grupos ou movimentos sociais em diversos contextos.

Inicialmente, pôde-se constatar que todos os trabalhos que buscaram descrever e apreender as trajetórias socioespaciais de diferentes sujeitos ou grupos foram construídos no Instituto de Estudos Socioambientais (IESA) vinculado à Universidade Federal de Goiás (UFG) e constituem-se em sua maioria em dissertações de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia, e orientados pelo Professor Alex Ratts.

Com o objetivo de compreender as trajetórias socioespaciais vividas e construídas por professoras negras da cidade de Goiânia-GO, Lorena Francisca de Souza (2007) traz uma reflexão sobre os espaços ocupados por estas mulheres na condição de professoras, mães e cidadãs, deparando-se com diferentes formas de preconceito e discriminação.

A autora propõe que as trajetórias socioespaciais consistem nos diversos caminhos percorridos pelas participantes de sua pesquisa, sejam eles geográficos, pelo espaço urbano, ou sociais, pela universidade e escola, na condição de profissionais. Estes caminhos foram designados como deslocamentos socioespaciais, e estes trazem consigo uma ideia de mobilidade social e espacial.

Ainda, as trajetórias socioespaciais, na concepção de Souza (2007, p. 51), expressam as histórias de vida das participantes de sua pesquisa, “[...] abarcando as dificuldades socioeconômicas, a luta para fugir delas, os deslocamentos espaciais realizados, a espacialidade de suas práticas cotidianas e a dimensão espacial das relações raciais [...]”.

Três aspectos também merecem destaque no que diz respeito ao trabalho desenvolvido por Souza (2007), o primeiro diz respeito à importância da memória de cada espaço frequentado durante o levantamento das trajetórias socioespaciais, e aponta para a metodologia utilizada neste trabalho, a saber, a história oral. O segundo refere-se ao caráter interdisciplinar das trajetórias socioespaciais, ou seja, um diálogo entre a geografia e outras ciências sociais e humanas, a fim de refletir e analisar as relações, as subjetividades e a espacialidade dos indivíduos ou grupos estudados.

Por sua vez, o terceiro aspecto informa sobre a relação entre as trajetórias socioespaciais dos atores sociais estudados com outras categorias elencadas neste trabalho, a saber, identidade, território e lugar, em que à medida em que os sujeitos seguem e vivenciam suas trajetórias, eles “[...] vão configurando suas relações com

outros atores, a sua própria maneira de perceber a realidade e de vivê-la, construindo sua própria identidade e, muitas vezes, constituindo territórios e lugares [...]” (Souza, 2007, p. 54).

A categoria trajetórias socioespaciais também foi utilizada para fins de análise do fenômeno da exclusão/segregação socioespacial de trabalhadoras domésticas que trabalhavam na cidade de Goiânia-GO. Renata Batista Lopes (2008) buscou identificar a trajetória destas trabalhadoras, e compreender quais as relações que essas mulheres constroem com os locais que frequentam, assim como os principais elementos na construção desses laços. A autora também considerou em sua análise as representações acerca do corpo, do gênero, da raça/etnia e do trabalho doméstico, tentando apreender sobre como estas questões influenciam a prática socioespacial dessas mulheres.

Em uma monografia produzida como requisito para a obtenção do grau de bacharel em geografia, o até então estudante Diogo Marçal Cirqueira (2008), buscou analisar a trajetória socioespacial das/os estudantes negras/os da Universidade Federal do Goiás (UFG), com um enfoque nas trajetórias no âmbito da educação formal, buscando entender como se deu ou se dá a inserção dessas/es estudantes na referida universidade, bem como as suas perspectivas sobre esse lugar.

Entre os resultados apresentados pelo autor, salienta-se que apesar da heterogeneidade das histórias e espaços vivenciados pelos estudantes participantes de sua pesquisa, há um fato que une as diferentes trajetórias socioespaciais levantadas e descritas, a saber, a cor de suas peles negras e consequentemente os desafios e problemas proporcionados por uma sociedade racista, ou seja “as trajetórias individuais se encontram na medida que o racismo, atuando de forma marcante, influência nas experiências dos indivíduos na sociedade” (Cirqueira, 2008, p. 11).

As trajetórias socioespaciais também podem ser utilizadas para se analisar a história de vida de pessoas na intersecção com o espaço e o tempo. Dois anos após a conclusão do curso de geografia, Diogo Marçal Cirqueira (2010) publicou sua dissertação de mestrado, resultante de uma análise da produção bibliográfica e da trajetória socioespacial do geógrafo brasileiro Milton Santos, buscando compreender a questão étnico-racial a partir delas, bem como sobre como elas se contextualizam a quadros políticos, históricos e geográficos. O autor afirma que o olhar sobre a trajetória

socioespacial dos sujeitos permite que entendamos os seus posicionamentos frente ao mundo (Cirqueira, 2010, p. 42).

Ao longo de seu trabalho dissertativo, o autor teceu algumas considerações acerca das trajetórias socioespaciais, a saber, que elas podem ser consideradas como um trajeto que o sujeito perfaz durante sua vida, onde há uma relação recíproca entre o sujeito e a coletividade, e uma das citações mais utilizadas acerca do conceito de trajetória socioespacial também parte deste autor, onde ele afirma que

[...] Em linhas gerais, a trajetória socioespacial envolve a história de vida dos indivíduos, suas experiências dentro de uma temporalidade e uma espacialidade que não possuem uma constituição linear ou contínua. A importância da espacialidade se faz na medida em que as experiências não se dão no nada e, muitas das vezes, os lugares demarcam momentos e limites dessas trajetórias, firmando-se como referências simbólicas e materiais para o indivíduo [...] (Cirqueira, 2010, p. 43).

Esta sequência de acontecimentos da vida, considerada como história em relação ao espaço social, conduz à construção da ideia de trajetória, a saber, uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo sujeito ou grupo num espaço sujeito a incessantes transformações.

O trabalho do referido autor também traz um aspecto metodológico para o estudo das trajetórias socioespaciais, sobretudo quando ele afirma que para se compreendê-las, é necessário considerar “[...] os estados sucessivos do campo no qual elas se desenrolam, os vários lugares e experiências pelas quais o indivíduo perpassa, unindo um ator social a outros cujas vivências se desenvolvem no mesmo campo e no mesmo conjunto de possibilidades [...]” (Cirqueira, 2010, p. 44).

As trajetórias socioespaciais também permitem uma compreensão acerca da produção do espaço urbano. Em sua dissertação, finalizada em 2011, a pesquisadora Talita Cabral Machado buscou compreender a relação entre o movimento negro e a produção do espaço urbano na região metropolitana de Goiânia-GO, a partir do levantamento e da descrição das trajetórias socioespaciais em diversos cenários, a saber, na cidade e no bairro, a trajetória familiar/memória, no trabalho, na escola, nos locais de lazer, e nos locais de militância dos sujeitos que compõem o movimento.

A partir do levantamento e descrição destas trajetórias socioespaciais, a autora aponta que as ações dos militantes em diversos lugares contribuíram para a produção de territórios no espaço urbano, de modo que é possível compreender a cidade a partir de um recorte social (Machado, 2011).

Com base em uma perspectiva trazida por Bourdieu (1996, p. 190) a autora também afirma que a trajetória socioespacial envolve a história de vida das pessoas, e compreende uma grande quantidade de deslocamentos desses indivíduos em lugares no espaço.

Estes lugares, muitas vezes, produzem novas colocações desses sujeitos nos espaços que eles vivenciam (Machado, 2011), o que permite inferir uma aproximação importante entre a trajetória socioespacial e a concepção de identidade, vista como posições de sujeito que assumimos e com as quais nos identificamos ao longo da vida, conforme propõe Kathryn Woodward, em 2014.

As trajetórias socioespaciais também podem ser utilizadas para fins de compreender os aspectos culturais de um determinado lugar. Barboza e Ratts (2011) trazem esta concepção em um estudo que buscou refletir sobre a trajetória socioespacial da congada nos municípios goianos de Catalão, Goiandira e Pires do Rio. Os pesquisadores afirmam que isso é possível porque “[...] estas trajetórias imprimem significativas modificações no espaço de maneira a firmar e resgatar identidades sociais e culturais [...]”.

No trabalho dissertativo construído pela pesquisadora Andréa Pereira dos Santos (2014), vemos a utilização das trajetórias socioespaciais para se compreender as práticas de leitura de estudantes de graduação da Universidade Federal de Goiás (UFG) dos câmpus de Goiânia-GO. A partir de seus resultados, a autora concluiu que as diversas práticas de leitura dependem da trajetória socioespacial dos sujeitos de sua pesquisa, bem como das suas experiências de vida e pertencimento a um determinado lugar.

A autora também trabalha com a categoria identidade e expressa a sua relação com os lugares descritos nas trajetórias socioespaciais, uma vez que a identificação com um determinado lugar antecede o senso de pertencimento à ele. O lugar, por ele mesmo, não é construtor das identidades, entretanto ele possui um conjunto de características que fazem com que as pessoas se sintam atraídas a partir de um sentimento de pertença/identificação (Santos, 2014).

Em 2016, a pesquisadora Mariza Fernandes dos Santos, analisou as trajetórias socioespaciais de estudantes negros/as que participaram de iniciativas organizadas pelo movimento negro de base acadêmica da Universidade Federal do Goiás (UFG), com o objetivo de se apreender a dimensão socioespacial das experiências vividas, e identificou que a espacialidade das ações ligadas a esse processo transcende o

espaço da universidade, se relacionando com outros espaços que constituem as trajetórias dos sujeitos participantes da pesquisa, a saber, o bairro, a casa, o local de trabalho e a cidade.

A autora afirma que as trajetórias socioespaciais podem se constituir como uma importante categoria de análise para o tema das diferenças no que tange às suas manifestações espaciais (diferenças entendidas como partes do processo de constituição identitária), reconhecendo, entretanto, que nem sempre é possível abordar determinado indivíduo, grupo ou movimento social somente a partir de suas trajetórias, devendo-se também considerar a identidade, a diferença, e o corpo para uma abordagem mais completa que permita situar as/os sujeitos como produtores de espacialidades diferenciadas (Santos, 2016).

Em 2021, Marcos Antonio Pereira Neto buscou identificar e apreender as trajetórias socioespaciais de romeiros e romeiras negras, e também a formação territorial do Quilombo Dona Juscelina, no município de Muricilândia-TO, entre as décadas de 1950 a 1960. O autor afirma que “[...] as trajetórias socioespaciais marcam a história de vida das pessoas, elas elaboram a concepção de lugares, territórios e afetos, e vêm construindo, no decorrer dos anos, sabedoria [...]” (PEREIRA NETO, 2021).

Dentre os achados de Pereira Neto (2021) tem-se que assim como as trajetórias, a fala das/os participantes de sua pesquisa também não são lineares, e foi possível identificar lugares a partir das histórias narradas que se relacionam em um “território étnico”, que se diferencia de outros territórios. O trabalho do autor também é uma referência sobre os usos do levantamento das trajetórias socioespaciais, neste caso, de uma comunidade.

Na obra “Memórias em branco e negro: olhares sobre São Paulo”, Teresinha Bernardo (1998) levanta e estuda a memória de velhas e velhos negros, e de velhas e velhos brancos descendentes de italianos, residentes na cidade de São Paulo. Segundo a autora, “[...] as trajetórias destas pessoas, apesar de se cruzarem, foram profundamente diferentes e marcadas pela desigualdade [...]”, o gênero e a raça/etnia possibilitaram mobilidades distintas na cidade de São Paulo, diferentes construções de identidade, e ainda apresentaram versões distintas da cidade, “[...] na medida em que contempla relações sociais, que também são raciais, vividas por segmentos diferentes de sua heterogênea população [...]” (Bernardo, 1998, p. 10 e p. 13).

É importante notar que a pesquisadora reconhece que as pessoas idosas participantes de sua pesquisa apresentaram trajetórias que se distinguem pelos aspectos que podem ser manifestados no corpo, a saber, o gênero e a raça/etnia, e, assim, como as trajetórias podem se unificar a partir de condições de opressão comuns que atravessam as pessoas de um determinado grupo, elas também podem se diferenciar a partir dos marcadores presentes no corpo destas pessoas.

A reconstrução das trajetórias pelas/os participantes da pesquisa de Bernardo (1998) permitiu não apenas que elas/es refizessem a paisagem da cidade, como também possibilitou que se esclarecesse aspectos da vida destas pessoas, uma vez que é possível, nesse processo narrativo, demarcar as posições-de-sujeito ante a própria vida, a saber suas identidades.

As identidades possuem uma relação próxima com a memória dos sujeitos. O “trabalho da memória”, no trabalho apresentado por Bernardo (1998) permite não apenas rememorar o passado e a história, como também dar significado aos fatos resgatados. Na perspectiva de Stuart Hall (2018) esses significados permitem que as/os participantes deem sentido à sua experiência e aquilo que eles são, ou seja, permite que elas/eles cultivem a noção da própria identidade.

As identidades individuais e coletivas têm forte suporte na memória. Lucilia de Almeida Neves Delgado (2010, p. 37) afirma que

A memória é elemento constitutivo do autorreconhecimento como pessoa e/ou como membro de uma comunidade pública, como uma nação, ou privada, como uma família. A memória é inseparável da vivência da temporalidade, do fluir do tempo e do entrecruzamento de tempos múltiplos. A memória atualiza o passado, tornando-o tempo vivo e pleno de significados no presente.

Por meio da memória, os sujeitos participantes não só resgatam as trajetórias socioespaciais, como também as atualizam no tempo presente.

As trajetórias socioespaciais, de acordo com Santos (2014) contemplam três categorias da Geografia, a saber, espaço, território e lugar. A partir e através dos espaços, as pessoas territorializam os seus territórios, e podem desenvolver relações afetivas, ou até mesmo processos de identificação, constituindo, desta forma, lugares. Assim, as trajetórias socioespaciais, apreendidas da história de vida de cada sujeito nos permitem compreender como território e cultura constituem identidades.

Este capítulo teve por objetivo fazer uma incursão sobre as trajetórias socioespaciais, a produção de conhecimentos acerca delas, sobretudo no IESA-UFG, a utilidade de seu levantamento, descrição e análise. Também buscou descrever algumas das trajetórias colhidas na fase de levantamento desta pesquisa. As trajetórias socioespaciais nos dão uma série de informações sobre as pessoas, as suas identidades, e as relações que elas constroem com os seus lugares, se conectando com eles, e se identificando. O próximo capítulo faz um apanhado sobre envelhecimento e lugar, abordando também categorias como espaço e território.

2.4 O PROTAGONISMO REGIONAL DE ARAGUAÍNA

Esta seção tem o objetivo de falar brevemente sobre o protagonismo regional de Araguaína, desde a transição do território do Norte Goiano para o território do Estado do Tocantins, essa relevância contribuiu para que, historicamente, a cidade recebesse uma grande quantidade de pessoas que perfizeram caminhos e alteraram rotas em busca de melhores condições de vida, dentre estas pessoas encontram-se as participantes desta pesquisa, cujas trajetórias socioespaciais convergem na “cidade que não para de crescer”.

Também tivemos por objetivo falar sobre o fenômeno da transição demográfica, especialmente aquela ocorrida no Brasil, apontando dados quantitativos acerca da dinâmica populacional do envelhecimento no Brasil, trazendo também informações censitárias do estado do Tocantins e da cidade de Araguaína.

Para esta incursão, elegeu-se a década de 1950 para demarcar o momento em que o norte goiano, até então isolado, começa a ser mais povoado. Esse povoamento se dá, dentre outras coisas, pelas contingências da construção da Rodovia Belém-Brasília (BR-153), pelos incentivos fiscais do governo federal para expansão da fronteira agrícola, e também por contingência edafoclimáticas, como a estiagem no semiárido nordestino e algumas secas históricas que impulsionaram a migração de pessoas da Região Nordeste para a região Norte do Brasil (Oliveira, 2019).

A cidade de Araguaína, anteriormente designada Povoado Lontra, fazia parte do município de São Vicente, hoje Araguatins. Posteriormente passou a fazer parte do município de Boa Vista do Tocantins, atualmente Tocantinópolis. Em 1948 o Povoado Lontra foi anexado à cidade de Filadélfia, tornando-se conhecido desde então como Povoado de Araguaína. Em 1953, o Povoado de Araguaína tornou-se

distrito, ainda integrado à Filadélfia, e vindo a finalmente se emancipar politicamente em 1958.

Segundo Olívia Macedo Miranda de Medeiros (2024), ao falar sobre o povoamento de Araguaína, a população local vivia uma situação precária antes de 1950, e em difíceis condições econômicas e sociais, dentre outras razões, devido a ausência de estradas que permitissem, por exemplo, o escoamento de sua produção. Foi com a construção da BR-153, que a cidade começou a ganhar destaque e relevância na região.

De acordo com Oliveira (2019), o governo brasileiro intencionava conectar o transporte terrestre ao transporte fluvial, e a construção da Rodovia Belém-Brasília permitiu que se integrasse o Norte Goiano ao mercado nacional, produzindo efeitos de estímulo na atividade agropecuária. Neste cenário, Araguaína, juntamente com a cidade de Paraíso do Norte e Gurupi, ambas mais ao centro e ao sul do atual Estado do Tocantins, se tornaram entrepostos comerciais importantes, inseridos em uma região cuja atividade agropecuária vinha crescendo, efeito da construção da rodovia. O Norte Goiano, nesse contexto, foi retirado do isolamento.

Outros efeitos possíveis de serem observados graças a abertura de estradas no norte de Goiás, segundo Oliveira (2019), foram o aumento populacional dessa região num ritmo de crescimento acima daquele observado na população brasileira. Este aumento populacional foi possível graças ao aumento do fluxo migratório, uma vez que a fronteira agrícola estava em expansão, e teve como efeito a criação de novas cidades, ou a alteração de territórios de cidades já existentes.

Na década de 1980, “Araguaína se constituía como o principal polo de base econômica regional [...] e era o único município com população acima de 50 mil habitantes”, suprimindo diversos povoados criados após a inauguração da rodovia (Oliveira, 2019, p. 79). Concomitantemente, reduziu-se o protagonismo das cidades do norte goiano e do sul do Maranhão que se situavam às margens do Rio Tocantins e Rio Araguaia, uma vez que o Rio foi perdendo relevância neste novo cenário econômico (Medeiros, 2024; Oliveira, 2019).

Ao estudar as transformações ocorridas em Araguaína após a construção da Rodovia Belém-Brasília, Correa (2015) afirma que

em curto espaço de tempo, o município passou por profundas transformações, a ponto de, deixar de ser uma pequena cidade influenciada para ser influenciadora de outras cidades em aspectos econômicos e sociais,

tanto dando suporte e subsídios econômicos, como fazendo intermediação de cidades menores de seu entorno, dos estados TO, MA, e PA, com a capital Palmas e grandes centros econômicos como Goiânia/GO, Brasília/DF, São Paulo/SP, Belém/PA e São Luís/MA.

É de esperar que o crescimento econômico e social de Araguaína atraísse pessoas de diversas regiões e estados do Brasil em busca de melhorias na condição de vida, dada as mudanças ocorridas no cenário econômico e social da cidade, a saber, “aumento do tamanho geográfico, crescimento populacional, acréscimo do consumo de bens e serviços, ampliação da produção agropecuária” (Correia, 2015, p. 125), e ainda, melhoria de “Índices de Longevidade, Educação e Renda, maior geração de empregos e maior investimento em políticas públicas” (Correia, 2015, p.127).

No entanto, é muito importante frisar que antes da construção da Rodovia Belém-Brasília, já havia grupos de pessoas vivendo no que antes era conhecido como Povoado Lontra, quer pessoas nativas do antigo norte goiano, quer pessoas oriundas de outros estados, sobretudo da região Nordeste. Esta observação é importante no sentido de não desconsiderarmos que havia uma dinâmica social pré-existente, e que esforços para a construção da cidade já eram empreendidos mesmo antes da construção da rodovia (Medeiros, 2024).

Para além da influência da construção da Rodovia Belém-Brasília no povoamento de Araguaína, Valdivina Telia Rosa de Melian e Mariseti Cristina Soares Lunckes (2023) mencionam a interferência dos saberes médicos no povoamento de Araguaína sobretudo a partir da criação do Hospital vinculado à Organização de Saúde do Goiás (OSEGO) a partir de 1970, fazendo com que Araguaína se tornasse um polo de saúde, atraindo pessoas para a cidade, sobretudo do sudeste do Pará e do sudoeste do Maranhão, atraindo investidores, e proporcionando à Araguaína uma nova história, na qual o saber médico, lado a lado com o poder político, contribuíram para um processo de expansão da cidade. Para este crescimento, motivado pela contingência da oferta de serviços de saúde, Marta Vieira (2024) acrescenta a fundação do Hospital e Maternidade Dom Orione, no ano de 1972.

Além do Hospital Dom Orione, os missionários orionitas também contribuíram fortemente com a educação no antigo norte goiano, ao implantar escolas e formar professores nas cidades sedes da missão orionita, a saber, Tocantinópolis,

Araguaína, Filadélfia, Babaçulândia, Ananás, Araguatins, Itaguatins e Xambioá, numa clara tentativa de catolicização desta região de fronteiras (Silva, 2020).

Finalmente, ao falarem sobre os desafios da construção de uma identidade araguainense, Eugênio Pacelli de Moraes Firmino e Mirany Cardoso Lopes (2023) também citam a influência das representações que circulavam sobre a cidade de Araguaína sobre seu povoamento, sobretudo aquelas representações que se relacionam à criação do Estado do Tocantins, em 1988, que posicionaram a cidade de Araguaína como forte candidata a assumir o posto de capital do novo estado, por já ser considerada um importante polo econômico do antigo norte goiano.

O processo histórico de povoamento do antigo norte goiano e, mais especificamente, da cidade de Araguaína, relaciona-se com o envelhecimento humano na região, na medida em que as condições proporcionadas pela cidade possibilitou uma maior expectativa de vida e longevidade, dado a maior oferta de educação, de trabalho, de bens de consumo, e de serviços de saúde, alterando o seu índice de envelhecimento, e ao mesmo tempo contribuindo para a composição do índice de envelhecimento das cidades adjacentes, haja vista a vinda de muitas pessoas jovens para a cidade, atraídas pelas oportunidades dela.

Normalmente, nos estudos sobre o envelhecimento humano, a transição demográfica é abordada no início dos trabalhos publicados, entretanto neste trabalho, seguindo uma recomendação feita por Nóbrega (2015), optou-se por não abrir o trabalho a partir dela. Esta decisão se fundamenta na ideia de que a estatística não deve ser considerada nem um ponto de chegada e nem um ponto de partida, mas um meio, uma ferramenta de análise que aponta para um comportamento coletivo sobre determinado aspecto demográfico.

Entende-se que se os elementos estatísticos e censitários não forem devidamente contextualizados, ou tratados conjuntamente com os aspectos qualitativos, dentre os quais as trajetórias socioespaciais, podemos incorrer no risco de apresentar uma análise rasa e superficial.

Abordar o tema do envelhecimento e da velhice requer que falemos das alterações ocorridas na estrutura etária da população brasileira nos últimos anos, caracterizada pelo aumento no número de pessoas idosas residentes no país, uma consequente elevação da proporção de pessoas idosas na população, e expresso pelo crescente índice de envelhecimento, a saber, o número de pessoas com 65 anos e mais de idade, em relação a um grupo de 100 crianças de 0 a 14 anos.

A maior participação de pessoas idosas na população também se relaciona ao aumento da expectativa de vida. Esta, por sua vez, de acordo com Ferigato *et al.* (2012), se relaciona com múltiplos fatores sociais, econômicos, culturais, políticos e tecnológicos, tais como a melhoria das condições sanitárias no Brasil, a expansão das tecnologias em saúde, e do acesso às informações de comunicação, que contribuíram para a redução dos índices de mortalidade.

Também, segundo Ferigato *et al.* (2012), são registradas mudanças nas causas de morte, como resultante da redução de mortes por doenças infectocontagiosas e aumento de mortes por doenças crônico-degenerativas, a esse conjunto de mudanças, dá-se o nome de “transição epidemiológica” que, segundo Chaimowicz (2013, p. 27) se refere a “[...] modificações nos padrões de morbidade, invalidez e morte que caracterizam uma população e que ocorrem em conjunto com outras transformações demográficas e sociais [...]”.

Esse conjunto de transformações históricas contribuíram para o crescimento gradativo no número de pessoas idosas, e em 2022, ano do último censo realizado, foi possível observar que esta tendência se manteve, mesmo o Brasil, junto ao mundo, tendo passado por uma epidemia severa de Covid-19.

Desta forma, os dados de 2022, mostram que 15,8% da população brasileira é constituída por pessoas com 60 anos de idade ou mais – este dado representa um crescimento de 46,6% em relação ao último censo realizado no ano de 2010, em que 10,8% da população era constituída por pessoas velhas (IBGE, 2022).

Se analisarmos a distribuição desta população entre as cinco grandes regiões brasileiras, temos que a Região Sul e a Região Sudeste apresentam a maior proporção de pessoas idosas, ambas com 17,6% de sua população constituída por pessoas velhas; a Região Nordeste aparece em seguida, com 14,5% de pessoas idosas em sua população; Posteriormente tem-se a Região Centro-Oeste, com uma população idosa de 13,2% e; Finalmente, a Região Norte, com 10,4% da população constituída por pessoas velhas, sendo, portanto, a Região mais jovem do país (IBGE, 2022).

O Índice de Envelhecimento (IE), que se trata da razão entre as pessoas idosas e as pessoas mais jovens, cresceu 35,2 pontos ao longo desses pouco mais de dez anos. No último censo realizado no Brasil, em 2022, este índice chegou a 80 pontos, sinalizando que há 80 pessoas idosas para cada 100 crianças de 0 a 14 anos. No último censo, realizado em 2010, este índice era de 44,8%. Ainda segundo o IBGE

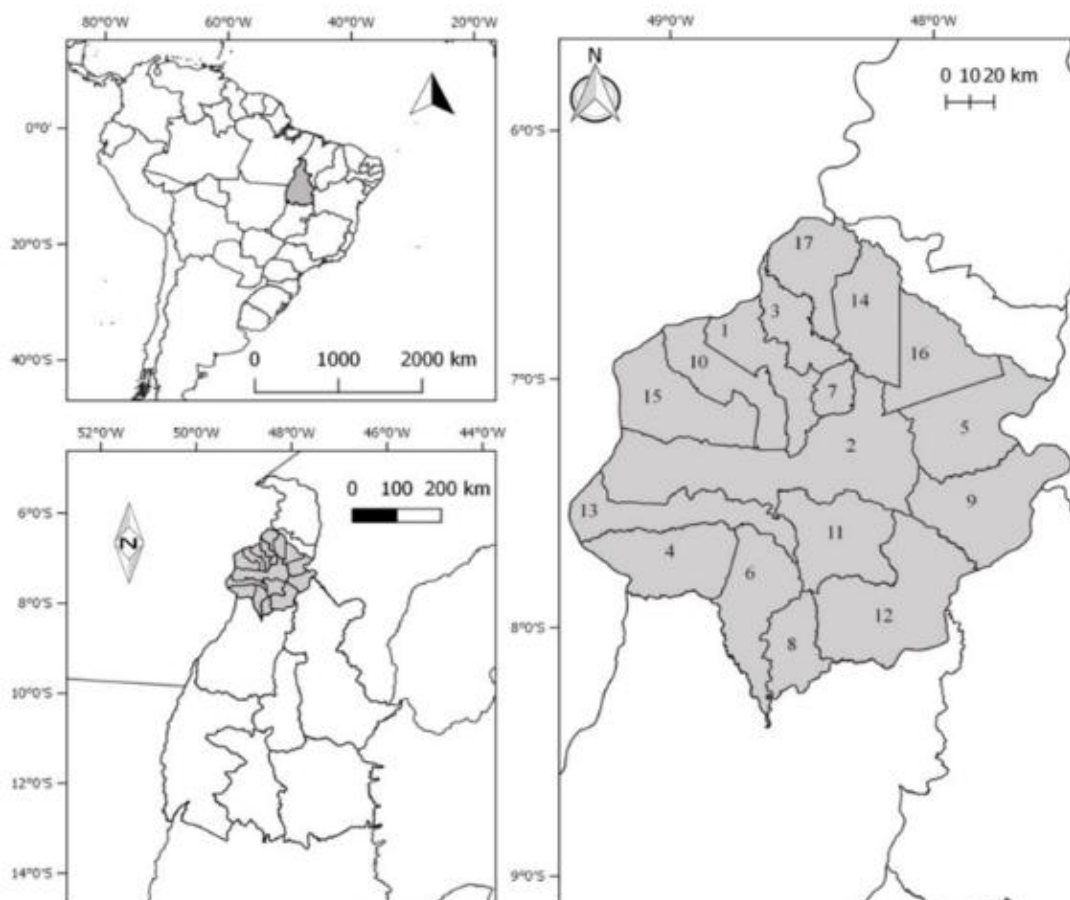
(2022, p. 12), “[...] as Unidades da Federação que têm os maiores índices de envelhecimento são as mesmas com as maiores proporções de pessoas idosas [...].”

No Tocantins, a proporção de pessoas idosas com mais de 65 anos de idade também aumentou 4,8 pontos percentuais, saindo de 3,8% em 1991 a 8,6% em 2022. O índice de envelhecimento do Estado, sob o parâmetro de 60 anos e mais de idade, chegou a 53,8% em 2022, indicando haver 53,8 pessoas idosas com 60 anos ou mais de idade para cada 100 crianças de 0 a 14 anos. Em 2010, esse índice era de 29,5.

Finalmente, a cidade de Araguaína, segundo o censo realizado em 2022, possui 171.306 habitantes, destes 18.516 são pessoas idosas, o que dá uma proporção de 10,81% da população com 60 anos ou mais de idade. O percentual de mulheres idosas entre a população é de 53,06% (n = 9.926 mulheres) e o percentual de homens idosos é de 46,94% (n = 8590 homens), sendo que a razão entre homens e mulheres é de 0,87, isso indica que há aproximadamente 87 homens idosos para cada 100 mulheres idosas (IBGE, 2024).

O índice de envelhecimento de Araguaína, segundo o último censo realizado é 32,28, sendo o menor índice com relação aos demais municípios que fazem parte de sua região imediata (Quadro 1). A microrregião de Araguaína, que é a quinta maior do Tocantins em extensão territorial e a segunda mais populosa, é composta por 17 municípios: 1- Aragominas, 2- Araguaína, 3- Araguanã, 4-Arapoema, 5- Babaçulândia, 6- Bandeirantes do Tocantins, 7- Carmolândia, 8- Colinas do Tocantins, 9- Filadélfia, 10- Muricilândia, 11- Nova Olinda, 12- Palmeirante, 13- Pau D’Arco, 14- Piraquê, 15- Santa Fé do Araguaia, 16- Wanderlândia e 17- Xambioá (Figura 3).

Figura 1 - Municípios que compõem a microrregião de Araguaína



Fonte: Sousa e Oliveira, 2018

Uma possível explicação para esse fenômeno, segundo Gomes e Britto (2023), é o deslocamento de pessoas em idade economicamente ativa para as grandes cidades, em busca de melhores condições de vida, como oportunidades de emprego, acesso a serviços, infraestrutura e qualidade de vida, entre outros fatores que tornam esses centros urbanos mais atraentes. Esse fluxo populacional, frequentemente composto por adultos e seus filhos, envolve predominantemente indivíduos em idade reprodutiva, o que contribui para a redução do número de crianças e nascimentos nas cidades menores de origem, contribuindo, portanto, com o crescimento do índice de envelhecimento.

Em nota técnica sobre o crescimento populacional de Araguaína, Peel, Leite e Lima, 2024, afirmam que esse fenômeno é frequente em cidades em expansão ou em locais que se destacam como centros econômicos, políticos ou culturais, impactando de forma expressiva os municípios vizinhos, como ocorre em Araguaína. As trajetórias

socioespaciais e seus deslocamentos, pelas mais diversas razões, também transformam a dinâmica populacional de determinado lugar.

Quadro 1 – Índice de envelhecimento (razão) de municípios da microrregião de Araguaína, segundo o Censo de 2022.

	Município	Idade mediana	Índice de envelhecimento	População de 0 a 14 anos	População de 65 anos ou mais de idade
1	Aragominas	35	51,84	1169	606
2	Araguaína	30	32,28	39401	12718
3	Araguanã	31	38,28	1058	405
4	Arapoema	34	46,62	1227	572
5	Babaçulândia	37	64,15	1668	1070
6	Bandeirantes do Tocantins	31	33,83	804	272
7	Carmolândia	32	42,99	521	224
8	Colinas do Tocantins	30	34,68	8053	2793
9	Filadélfia	35	56,82	1737	987
10	Muricilândia	32	42,10	810	341
11	Nova Olinda	31	42,39	2536	1075
12	Palmeirante	34	46,36	1085	503
13	Pau D'arco	32	36,70	1011	371
14	Piraquê	36	49,12	511	251
15	Santa Fé do Araguaia	30	32,95	1824	601
16	Wanderlândia	32	40,80	2581	1053
17	Xambioá	32	38,64	2448	946

Fonte: IBGE (2022)

Ao falar sobre as políticas públicas de educação ao longo da vida no Brasil, na Amazônia Legal, no Estado do Tocantins, e na cidade de Araguaína, Sampaio (2023) afirma que os desafios desta última acentuam-se, uma vez que ainda não há infraestrutura adequada à população velha em algumas regiões da cidade, e ainda demanda-se maior número de profissionais especializados nas demandas do envelhecimento, além da necessidade de se investir em programas de lazer, de cultura e de esportes, direcionados para este grupo populacional.

Somente a partir do ano de 2022, o poder público municipal tem investido em calçadas com blocos intertravados e centros-guias nas principais avenidas e ruas dos setores mais centrais de Araguaína, garantindo melhor acessibilidade a pessoas cegas ou com baixa visão, pessoas com deficiência, ou pessoas idosas, mas ainda assim, ainda há muito o que fazer no que tange à infraestrutura da cidade.

Não obstante, também é possível notar pessoas que não são idosas estacionando nas vagas de estacionamento direcionadas para a população idosa, ou ainda desrespeitando o seu direito em filas, transportes coletivos etc., o que nos leva a pensar que também há uma elevada demanda por atividades e campanhas que busquem sensibilizar a população no que tange aos direitos das pessoas com 60 anos de idade ou mais.

Ainda no que diz respeito às informações censitárias, um dado importante diz respeito ao processo de feminização do envelhecimento, a saber uma maior proporção de mulheres idosas do que de homens idosos em todos os grupos etários de 60 anos e mais. Esta proporção, mantém-se pela maior mortalidade masculina em todas as faixas etárias, sobretudo por causas externas como violência ou acidentes (IBGE, 2022).

Devido a este fenômeno, as mulheres idosas possuem maior probabilidade de ficarem viúvas, de viverem sozinhas, e muitas vezes elas estão mais propensas a ficarem em situação socioeconômica frágil. Também estas mulheres idosas, embora tenham maior longevidade, estão mais vulneráveis aos efeitos do adoecimento, da debilitação física, tornando-as mais dependentes de cuidados (Falcão e Carvalho, 2018; Camarano e Fernandes, 2022). Paradoxalmente, também segundo Camarano e Fernandes (2022), estas mulheres têm assumido cada vez mais o papel de cuidadoras e provedoras de seus lares, e apesar disso, mantêm a responsabilidade pelos cuidados da família dependente.

Com efeito, a enorme carga de trabalho não remunerado que implica o conjunto de atividades cotidianas de gestão, sustentação e reprodução da vida e do bem-estar das pessoas, como a preparação de alimentos, a manutenção da limpeza, a organização dos domicílios e o apoio às mais diversas atividades do cotidiano a pessoas com diversos graus de autonomia ou dependência, tem sido historicamente realizada pelas mulheres no interior de seus próprios domicílios. Nesse sentido, é necessário enfatizar que o cuidado, além de ser uma necessidade e um direito de todas as pessoas, é também um trabalho que ocupa, diariamente, muitas horas de milhões de mulheres no Brasil (Brasil, 2023, p. 5).

Deste modo, e de acordo com Cepellos (2021), a feminização da velhice é um fenômeno muito mais complexo e multifacetado do que somente uma informação estatística ou um dado demográfico e, segundo a autora, ele pode ser compreendido a partir de três eixos norteadores, elaborados a partir de um olhar sobre as condições de trabalho de mulheres que estão envelhecendo. Estes eixos são: “a constituição da feminização do envelhecimento, as feições de quem o enfrenta e, por fim, as necessidades das mulheres em processo de envelhecimento e estratégias de transformação no contexto de trabalho”.

Ao falar sobre as transformações ocorridas na estruturação e na dinâmica familiar da pessoa idosa, Marangoni e Oliveira (2016) cita os efeitos das mudanças históricas e culturais na organização familiar, e afirmam também que a longevidade produz efeitos na organização não só das famílias, como também da sociedade.

Deste modo tem-se que o envelhecimento é um fenômeno fortemente influenciado pelas variáveis ambientais e contextuais, que foi otimizado na medida em que a sociedade brasileira se transformou, passando a garantir direitos e cuidados, e melhorando a qualidade de vida da população, e que ao mesmo tempo, determina outros modos de funcionamento para esta mesma sociedade e suas instituições, incluindo a família.

De acordo com Bragato *et al.* (2023), a pessoa idosa na sociedade atual tem desempenhado um papel cada vez mais significativo no contexto familiar, trazendo novas dinâmicas à estrutura familiar. Além de oferecerem suporte financeiro para seus familiares, também assumem a responsabilidade de cuidar dos netos. Em muitos casos, participam ativamente na educação e no desenvolvimento de crianças e pré-adolescentes.

Não podemos deixar de mencionar o acelerado crescimento da proporção de pessoas idosas com 80 anos ou mais de idade, que vêm sendo chamados de pessoas idosas muito idosas, em contraposição à categoria de pessoas idosas mais jovens. Este fenômeno é resultante dos menores índices de mortalidade nas idades mais avançadas. Segundo Camarano e Fernandes (2022), este grupo de pessoas é o grupo mais exposto às doenças e agravos crônicos de saúde, que produzem comprometimento funcional, dependência, e maior necessidade de cuidados, e suporte dos serviços de saúde.

A UNIAL, atualmente, é composta, em sua maioria, por um grupo de pessoas idosas mais jovens, o que, por sua vez, pode demandar mais ações educativas com

vistas a sensibilizar essas pessoas e seus familiares acerca da prevenção de perdas cognitivas e funcionais, bem como de práticas de cuidados que garantam o bem-estar, a autonomia, e a segurança deste grupo populacional.

Finalmente, esta seção buscou abordar alguns aspectos sociodemográficos referentes à população idosa, partindo de um cenário mais amplo, a saber, o Brasil como um todo e suas grandes regiões, até a realidade de Araguaína. O que nos permite repensar a importância de programas como a UNIAL, e ao mesmo tempo políticas públicas de cuidados, de saúde, de educação, de assistência social e previdenciárias que garantam uma melhor qualidade de vida para este grupo que tem se tornado cada vez mais longo.

O processo de feminização do envelhecimento, tão destacado quando se fala dessas mudanças demográficas também nos sensibiliza no sentido de pensarmos as reconfigurações familiares nas quais as mulheres idosas pela sua força de trabalho são inseridas ou reinseridas na vida e cotidiano das famílias, sobretudo pelo cuidado de filhos, netos e bisnetos, contribuindo, portanto, com a renda destas famílias, que, muitas vezes, não possuem ou não querem arcar com os custos de uma outra cuidadora.

O próximo capítulo busca abordar com maior profundidade o processo de envelhecimento humano, a velhice, e a pessoa idosa, enfatizando também aspectos relacionados ao corpo, e como este corpo que envelhece, interseccionado com outras formas de opressão, como gênero e raça, por exemplo, possuem menor ou maior mobilidade nas trajetórias que estas pessoas empreendem na vida.

2.5 AS UNIVERSIDADES ABERTAS À TERCEIRA IDADE NO MUNDO, NO BRASIL E EM ARAGUAÍNA

Esta seção busca situar a Universidade de Identidades, Adulter e Longevidade (UNIAL) em um processo histórico de educação ao longo da vida, cuja trajetória teve início no século passado, e seus frutos existem até os dias atuais, impactando comunidades e indivíduos ao longo desses poucos mais de cinquenta anos de história, tendo sido difundida por diversas regiões do mundo e do Brasil, até chegar na região norte do estado do Tocantins.

A UNIAL se fundamenta em um modelo de programa voltado para pessoas idosas construído no século passado, e inicialmente denominado Universidade da Terceira Idade (UTI), que se caracteriza como “[...] um programa educacional de

modalidade não formal direcionado à população de adultos e idosos [...]” (Cachioni e Flauzino, 2022, p. 1380).

A precursora deste programa educacional foi a Universidade do Tempo Livre, criada em 1960, na França, como resposta ao crescimento do número de pessoas aposentadas nesse país, cujo propósito era simplesmente ocupar o tempo destes indivíduos com uma série de atividades culturais que pudessem favorecer as relações sociais entre eles (Cachioni e Neri, 2004). Nota-se que nesta ocasião ainda não se falava de uma proposta pedagógica de educação ao longo da vida.

A primeira UTI foi criada em 1973 na cidade de Toulouse, na França, pelo professor de Direito Internacional Pierre Vellas, e se difundiu muito rapidamente para outros países da Europa e da América do Norte, a saber, Suíça, Bélgica, Itália e Canadá, tendo, com o tempo, se adequado à realidade não só destes países, como também de alguns outros, produzindo modelos diversos de UTI, mas que mantinham semelhanças com o modelo francês (Cachioni, 2013; Rozendo, 2015).

Nos países considerados desenvolvidos, a década de 1970 fortaleceu o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para o envelhecimento da população, uma vez que o processo de envelhecimento nestes lugares já se encontrava em estágio muito avançado (Camarano, 2016), haja vista que teve início ainda no século XVII, logo após a Revolução Industrial, ao passo em que nos países subdesenvolvidos esta transição ocorreu apenas a partir de 1940.

Segundo François Vellas, filho do professor Pierre Vellas, em entrevista fornecida a Rozendo (2015), a UTI surge a partir da preocupação de abrir as portas da universidade para a sociedade, permitindo que ela tenha um maior alcance e inclua uma população idosa que, dispondo de maior expectativa de vida, necessitava de um lugar no qual pudesse se engajar em novas atividades, permanecendo, portanto, ativa.

No que diz respeito aos objetivos da UTI, Veras e Caldas (2004) afirmam que se trata de aumentar os níveis de saúde física, mental e social das pessoas idosas a partir daquilo que a universidade poderia oferecer à população. Por sua vez, Cachioni e Neri (2004) e Cachioni (2012) acrescenta entre os objetivos deste programa tirar as pessoas idosas do isolamento, propiciando saúde, energia, interesse pela vida e, concomitantemente, produzir uma imagem positiva do envelhecimento e da velhice.

As Universidades Abertas à Terceira Idade não contemplam objetivos profissionalizantes. Corroborando com essa constatação, Cachioni e Todaro (2016, p. 181) reforçam que:

[...] a intenção maior das UNATIS não é a de certificar ou profissionalizar os alunos idosos, mas, sim, abrir a eles o mundo do conhecimento e da possibilidade de se aprender ao longo de toda a vida. O ambiente universitário, multidisciplinar e intergeracional, propicia aos mais velhos o acesso a novos saberes, trocas de experiências e sociabilidade.

Na América Latina, a UTI chegou em 1980 por meio da Universidade Aberta à Terceira Idade no Uruguai, localizada no Instituto de Estudos Superiores de Montevideu, tendo posteriormente se espalhado para outros países da América do Sul e Central, a saber, Paraguai, Argentina, Chile, Panamá, Venezuela, México e o Brasil (Cachioni e Flauzino, 2022, p. 1383).

No contexto brasileiro, o Serviço Social do Comércio de São Paulo (SESC-SP) tem um papel preponderante nos estudos, produção de conhecimento, e na assistência à pessoa idosa no Brasil, e embora ele tenha sido pioneiro na construção de programas para as pessoas mais velhas ao longo da década de 1960 e 1970, a construção do primeiro programa com características de UTI foi instituído com a criação do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI) pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 1982. No entanto, foi em 1990 que a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), em parceria com o SESC-SP, criou a Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), replicando o modelo francês.

As ações voltadas para a população idosa nesta época ainda eram muito incipientes, e o Brasil, embora já estivesse vivenciando o fenômeno da transição demográfica desde a segunda metade do século XX, ainda não percebia o impacto desta transição, haja vista que sua primeira fase (década de 1950-1960), foi caracterizada por um grande aumento populacional, especialmente na proporção de pessoas mais jovens, decorrente das elevadas taxas de natalidade e fecundidade, e redução da mortalidade.

É somente em 1970 que a população brasileira inicia o seu processo de envelhecimento, e o Brasil se viu realmente em uma revolução demográfica em 1980, que provocou uma alteração em sua pirâmide etária, período caracterizado pela redução dos índices de mortalidade infantil, pelo seu crescimento populacional, pelo aumento da esperança de vida ao nascer, pelo aumento da idade mediana da

população, superando os 60 anos de idade, e pela redução do número de filhos por mulher (Vasconcelos e Gomes, 2012).

Este aumento da proporção de pessoas idosas no país contribuiu para que o Estado, a partir desta demanda emergente, e a partir de debates e embates envolvendo a sociedade civil e os movimentos sociais, criasse leis com o intuito de que estas pessoas tivessem os seus direitos humanos básicos garantidos, e como resultado deste cenário de intensas lutas políticas que buscavam a ampliação e garantias de direitos sociais, tem-se a promulgação da Constituição Federal de 1988, conhecida também como “Constituição Cidadã” (Serafim e Alves, 2018).

E assim, em seu artigo 229, a Constituição de 1988 afirma que os pais têm o direito de serem amparados nas situações de velhice, carência ou enfermidade pelos filhos maiores, e em seu artigo 230 afirma que “a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida” (Brasil, 2025).

Este direito constitucional foi ampliado na década de 1990 a partir da sanção do projeto de lei 8.842/1994 (Brasil, 1994), que institui a Política Nacional do Idoso (PNI) que garante, dentre outras coisas, a “[...] criação de Universidade Aberta para a Terceira Idade (UNATI), como meio de universalizar o acesso às diferentes formas do saber [...]” (Brasil, 1994, art. 10, inciso III, alínea f). As UNATIS passam então a estar presentes em uma política do Estado Brasileiro e, na década de 1990 várias delas foram implantadas pelo país no contexto das universidades públicas e privadas brasileiras.

O Estatuto da Pessoa Idosa (Brasil, 2003), publicado praticamente dez anos depois da PNI reforça a responsabilidade das instituições de ensino superior (IES) no apoio à criação de universidades abertas para as pessoas idosas, bem como a oferta de cursos e programas voltados para este grupo da população, trazendo em seu Art. 25 que “[...] as instituições de educação superior oferecerão às pessoas idosas, na perspectiva da educação ao longo da vida, cursos e programas de extensão, presenciais ou a distância, constituídos por atividades formais e não formais [...]”.

De acordo com Veras e Caldas (2004, p. 429) estes programas possuem denominações diversas e seguem modelos diferentes, embora possuam propósitos comuns, como o de “[...] rever os estereótipos e preconceitos com relação à velhice, promover a auto-estima e o resgate da cidadania, incentivar a autonomia, a

independência, a auto-expressão e a reinserção social em busca de uma velhice bem-sucedida. [...]"

De lá para cá, diversos trabalhos foram realizados em UNATIS de vários estados do Brasil no sentido de se compreender os efeitos da participação das pessoas idosas nas atividades propostas no âmbito das UNATIS. Por exemplo, o trabalho de Catarine Martins Torres (2019) identificou que um dos recursos utilizados para a ressignificação da viuvez na velhice foi a participação na UNATI que funcionou como facilitadora para a adaptação social a partir da vinculação afetiva e compartilhamento de experiências de vida, auxiliando no processo de elaboração do luto.

Ao avaliar os efeitos da UNATI sobre a Qualidade de Vida (QV) do público idoso antes e após a participação no programa ao término de um ano, Inouye (2011) encontrou que esta participação é favorável às percepções de Qualidade de Vida, tanto em termos de melhoria quanto em termos de manutenção.

Em um estudo que também buscou avaliar a Qualidade de Vida de participantes na UNATI, Derhun (2016), afirma que a participação foi promotora de qualidade de vida ao preservar a autonomia e a independência, ao ampliar a convivência social e ao proporcionar bem-estar com a participação em atividades intelectuais.

Por sua vez, Santos (2018) desenvolveu um trabalho com o objetivo de apreender os projetos de vida de pessoas idosas participantes da UNATI em uma IES no Estado da Bahia, concluindo que as pessoas idosas participantes possuem perspectivas futuras para uma boa velhice, desejam manterem-se ativos, independentes e autônomos.

Ao investigar a percepção do egresso sobre a influência da UNATI vinculada a uma IES pública de São Paulo na sua qualidade de vida, Mello (2008), concluiu que o programa tem alcançado seus objetivos de melhora na qualidade de vida, integração social, desenvolvimento pessoal e coletivo, reconstrução de novos planos de vida e transformação pessoal.

Também, ao investigar se as UNATIS poderiam funcionar como uma rede de apoio afetivo e social para seus participantes, Finato (2003) conclui que as UNATIS foram consideradas pelas pessoas idosas estudadas, como uma importante rede de apoio social.

Além destes, há milhares de outros trabalhos que estudam os efeitos da participação nas UNATIS sobre diversos índices, e em sua grande maioria, são pesquisas realizadas por profissionais de diversas áreas da saúde, que juntos trazem contribuições no sentido de se apontar os diversos benefícios que a participação nestes programas traz sobre a saúde e bem-estar das pessoas idosas.

Finalmente, esta seção buscou traçar uma trajetória do desenvolvimento das UNATIS no mundo e no Brasil, apontando as intenções e objetivos que desde o início motivaram a criação e as transformações das UNATIS, bem como os contextos sócio-históricos e demandas populacionais que serviram de pano de fundo para o desenvolvimento destes programas.

A próxima seção afunila esta trajetória, situando-a na realidade de Araguaína, município com aproximadamente 187 mil habitantes, situado na mesorregião ocidental do Estado do Tocantins, e onde a ideia da UNATI foi instituída inicialmente em uma universidade pública federal, que muito recentemente foi desmembrada, dando origem a uma nova universidade pública, e conseqüentemente a um novo programa voltada para o atendimento às pessoas idosas do município.

2.5.1 A Universidade da Terceira Idade no Tocantins e em Araguaína

Seguindo o modelo da Universidade Aberta à Terceira Idade no Estado do Tocantins, a Universidade da Maturidade (UMA) foi institucionalizada em fevereiro de 2006, pelo curso de Pedagogia da Universidade Federal do Tocantins (UFT), no município de Palmas, tendo se difundido posteriormente para os municípios tocaninenses de Tocantinópolis, Miracema, Gurupi, Brejinho de Nazaré, Arraias e Araguaína.

Segundo a página oficial da UMA, atualmente, os municípios tocaninenses em que o programa de extensão está presente são: Araguaína, Dianópolis, Palmas, Porto Nacional, Paraíso do Tocantins, Tocantínia e Palmeirópolis e Cariri do Tocantins (Figura 1).

A UMA é um programa de extensão da UFT que tem como objetivo melhorar a qualidade de vida de adultos acima de 45 anos e pessoas idosas. Por meio de uma abordagem pedagógica, o programa promove a integração desses indivíduos com os alunos de graduação, reforçando o papel, o compromisso e a responsabilidade da universidade em relação à população idosa (Universidade da Maturidade, 2025).

técnicos/as administrativos/as em educação (TAE), e estudantes dos campi de Araguaína e Tocantinópolis da UFT.

Essa articulação teve início em 2015 e, com o apoio de lideranças políticas, alcançou o Ministério da Educação (MEC), resultando no Projeto de Lei nº 5.274/2016 (Brasil, 2016), que foi enviado ao Congresso Nacional pela Presidência da República em abril de 2016, demarcando o início do processo de criação da mais nova Universidade Federal do país.

A partir de então, uma comissão institucional formada por membros da comunidade acadêmica conduziu um trabalho contínuo de acompanhamento e articulação, culminando com a sanção presidencial da Lei nº 13.856/2019 (Brasil, 2019), que oficializou a criação da UFNT.

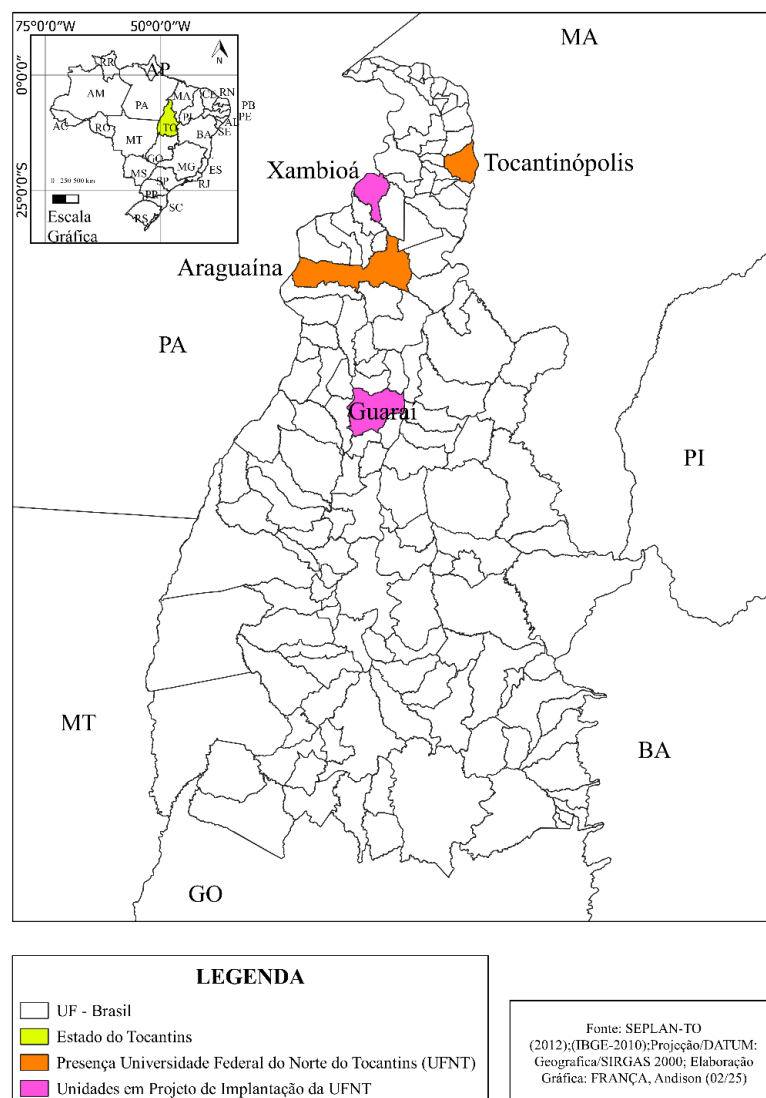
Assim como outras instituições criadas no período de 2018/2019, conhecidas como "Supernovas", a UFNT surgiu por desmembramento da Universidade Federal do Tocantins (UFT), incorporando os campus de Araguaína e Tocantinópolis, e a legislação que a institui também prevê a futura criação de unidades nos municípios de Guaraí e Xambioá, estendendo a sua atuação na região (Figura 2).

Desde então, a UFNT tem se dedicado à consolidação de sua estrutura institucional. Esse processo incluiu a aprovação do seu Estatuto por meio da Portaria nº 125, de 26 de março de 2021 (Brasil, 2021), a elaboração do Planejamento Estratégico Institucional em 2022 (UFNT, 2022) e a criação do seu Regimento Geral, aprovado pela Resolução Consuni/Consepe em 13 de junho de 2023 (UFNT, 2023). Além disso, em 2023, foram aprovados o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), por meio da Resolução nº 10, de 17 de novembro (UFNT, 2023), e o Projeto Pedagógico Institucional.

O processo de transição formal entre a UFT e a UFNT foi concluído em abril de 2024, ano marcado também pelo ingresso de 70 novos técnicos administrativos, sendo 29 cargos de nível superior e 41 cargos de nível médio, além de 13 novos professores/as, fortalecendo a força de trabalho da recente instituição.

Em agosto de 2024, A UFNT apresentou sua primeira carta de serviços ao usuário, reafirmando seu compromisso com a sociedade. Com uma missão voltada para a formação de cidadãos responsáveis e profissionais competentes, a "supernova" universidade segue em sua "trajetória" para contribuir com o desenvolvimento regional sustentável, consolidando-se como um pilar do ensino superior no Tocantins e no Brasil.

Figura 3 - Cidades em que a UFNT está presente, e cidades contempladas no projeto de expansão da Universidade.



No que tange à oferta de cursos, a UFNT se destaca pela sua ampla oferta de cursos de graduação e de pós-graduação distribuídos em vários centros de ensino, localizados nos municípios de Araguaína e Tocantinópolis. Esses centros abrangem áreas estratégicas e essenciais para o desenvolvimento regional, nas ciências agrárias, exatas, humanas e da saúde.

O trabalho prestado junto à comunidade pela UFNT fundamenta-se em sua missão, expressa em seu Plano de Desenvolvimento Institucional, que se trata de “[...] formar cidadãos responsáveis e profissionais competentes na produção de

conhecimentos para um desenvolvimento regional sustentável [...]” (UFNT, 2023, p. 17).

Também, segundo o PDI da UFNT, no que concerne às atividades de extensão, a universidade se constituirá no diálogo com a sociedade centro-norte tocantinense, como parte da luta desta sociedade por um espaço de sistematização de saberes regionalizados, e construindo ainda soluções para os processos produtivos, políticos, econômicos, culturais e regionais de Araguaína e suas adjacências (UFNT, 2023).

Esse processo histórico de criação da UFNT impactou as atividades da UMA, que passou a funcionar nas dependências da Secretaria da Assistência Social, Trabalho e Habitação de Araguaína, uma vez que se trata de um projeto da UFT. A UMA passou a ser executada em parceria com a Prefeitura Municipal de Araguaína (TO) e, nesse ínterim, começou-se a se formular um projeto de UNATI que pudesse ser conduzido pela recém-criada UFNT.

Este projeto ganhou materialidade em dezembro de 2022 com a criação da UNIIAL que, em sua forma inicial, foi chamada de Universidade da Idade Adulta e Longevidade e, posteriormente, passou a se chamar Universidade de Identidades, Adulter e Longevidade, que se trata de:

[...] um espaço de diálogo entre os sujeitos para debaterem seus problemas e buscar soluções no âmbito da gerontologia e da geriatria, contemplando a realização de atividades em articulação com profissionais de diversas áreas do conhecimento, tais como; médico, psicólogo, assistente social, educador físico, pedagogo e professores. Para além do entendimento das múltiplas vozes e discursos que permeiam e constituem a subjetividade da pessoa adulta e idosa, buscar cada vez mais a integração destes na educação permanente e continuada em prol de uma satisfação pessoal e coletiva, ampliação de atividades, autonomia e uma melhor qualidade de vida, de modo que tenham a compreensão do valor social que eles possuem e a sua participação na sociedade como um todo (UFNT, 2022).

Em sua formação inicial, a UNIIAL foi coordenada pela Professora Doutora Antônia Márcia Duarte Queiroz do curso de licenciatura em geografia, e pela Assistente Social Domingas Monteiro de Sousa. Posteriormente o Professor Doutor Elias da Silva, também do colegiado de licenciatura em geografia, substituiu a Professora Antônia, passando a compor a coordenação do programa.

No contexto da UFNT, a UNIIAL foi imaginada e construída como um projeto de extensão universitária, que se trata de “[...] um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre a Universidade e outros setores da sociedade [...]” (FORPROEX, 2009, p. 42).

A UNIIAL possui um sistema curricular dinâmico, que respeita a cultura local, e que apresenta aos seus participantes diversos temas da gerontologia, de modo interdisciplinar, além de propor atividades que buscam desenvolver habilidades cognitivas. Ainda, o programa busca contribuir no sentido de que a pessoa idosa possa se autoconhecer e se perceber em relação ao seu lugar, possibilitando a ressignificação da própria vida e a valorização da voz da pessoa idosa enquanto ser no mundo (UFNT, 2024).

A UNIIAL atualmente é um programa institucional cadastrado na PROEX sob o número 5606. e desenvolve três projetos junto aos seus/suas participantes, a saber “Adulter e longevidade no cotidiano”, “Rota de Saberes e Cultivos”, e “Saberes da Terra”, e seus encontros sempre acontecem nas segundas e quintas-feiras, das 14h às 17h.

O programa de extensão, portanto, parte da universidade e vai ao encontro das pessoas idosas do município de Araguaína/TO, estabelecendo a extensão universitária associada ao ensino e à pesquisa, conduzida de forma dialógica e participativa, de maneira interdisciplinar e interprofissional, e com potencial para produzir transformações sociais.

De acordo com informações concedidas pela secretaria da UNIIAL, atualmente o programa possui 88 participantes matriculadas/os, sendo que há 11 homens e 77 mulheres. A procura pelo programa de extensão se dá majoritariamente pelas mulheres idosas ou pelos familiares dessas mulheres.

Sugere-se que este fenômeno possa estar relacionado com a maior expectativa de vida das mulheres em relação aos homens, o que por sua vez as torna mais vulneráveis ao isolamento, à solidão, e ao adoecimento mental, sendo o programa de extensão comumente relatado pelas participantes como uma possibilidade para a convivência e a construção de vínculos.

Com relação à faixa etária, tem-se que 4 participantes possuem idade entre 40 e 49 anos, 11 participantes possuem idade entre 50 e 59 anos, 33 participantes possuem idade entre 60 e 69 anos, 26 participantes têm entre 70 e 79 anos e, finalmente, 13 participantes possuem entre 80 e 89 anos. Chama-se a atenção para o fato de que apenas 72 participantes são pessoas idosas segundo a legislação brasileira, no entanto, a UNIIAL possibilita que pessoas com idade inferior a 60 anos possam participar das atividades do programa.

A participação de pessoas mais jovens na UNIIAL é vantajosa por permitir a intergeracionalidade, entendida como a relação entre diferentes gerações, e que potencializa a aprendizagem, e permite maior adaptação de indivíduos de várias idades e em diversos contextos.

Nas muitas visitas ao programa de extensão observamos que as pessoas mais jovens auxiliam as pessoas mais velhas, sobretudo aquelas com comprometimento cognitivo, dificuldades de locomoção, ou aquelas que vivem em bairros mais distantes, através de apoio para ir ao banheiro, na execução de atividades diversas, e através da oferta de carona, fortalecendo, desta forma, a rede de cuidados.

É comum que estudiosos da área do envelhecimento humano categorizem o segmento populacional de pessoas idosas em pelo menos dois subgrupos, a saber, as pessoas “idosas jovens”, com faixa etária entre 60 e 79 anos, e o grupo de pessoas “mais idosas”, composto por aquelas com 80 anos e mais de idade (Camarano, Kanso e Mello, 2004, p. 36). Deste modo, a UNIIAL é composta majoritariamente por pessoas idosas mais jovens.

Esta seção teve o objetivo de apresentar a trajetória da UNIIAL no município de Araguaína, bem como a sua intersecção com a história da UFNT, abordando também alguns aspectos relacionados à sua dinâmica de funcionamento, bem como o perfil de suas/seus participantes, com o propósito de oferecer ao leitor uma perspectiva sobre o espaço em que esta pesquisa foi realizada.

A UNIIAL, bem como a UMA, e outras ações coletivas que contemplem as necessidades e demandas das pessoas idosas fazem-se importantes em um cenário no qual a população idosa tem alcançado proporções cada vez maiores, assumindo novos papéis e tornando-se cada vez mais participantes na comunidade, e é ela que encerra esse capítulo de revisão bibliográfica.

No próximo capítulo abordamos os objetivos desse trabalho, bem como os métodos utilizados para responder à nossa pergunta de pesquisa, a saber, como as identidades das pessoas idosas participantes da UNIIAL são construídas e ressignificadas.

3 O FAZER DA/NA PESQUISA

Nessa pesquisa tivemos como objetivo geral investigar as identidades das pessoas idosas participantes da Universidade de Identidades, Adulterez e Longevidade (UNIIAL), levando em consideração suas trajetórias socioespaciais, e buscando responder de que maneira as identidades dessas pessoas são construídas e ressignificadas ao longo de suas trajetórias socioespaciais.

Desse objetivo geral, derivamos alguns objetivos específicos, dentre os quais, identificar quais as mobilidades permitidas a um corpo cujos marcadores de envelhecimento se sobrepõem ao longo do tempo, identificar os diferentes lugares com os quais as participantes da pesquisa se relacionaram ao longo de suas trajetórias socioespaciais, levantar a trajetória socioespaciais de participantes da Universidade de Identidades, Adulterez e Longevidade, e, finalmente, discutir as maneiras pelas quais a trajetória socioespacial das participantes contribuiu para construção das identidades assumidas por elas.

Para tanto mobilizamos os conceitos de envelhecimento humano, de identidade e de trajetórias socioespaciais. O envelhecimento enquanto processo vivenciado ao longo da vida por todos os seres humanos, biológico, à primeira vista, mas que também sofre os efeitos de determinantes culturais. A identidade, considerada a partir dos Estudos Culturais como as posições-de-sujeito que assumimos e com as quais nos identificamos ao longo da vida e, finalmente, as trajetórias socioespaciais, a saber, os deslocamentos de uma pessoa no espaço e no tempo, ao longo da vida, entendido enquanto dimensão geográfica.

Neste capítulo apresentamos os procedimentos metodológicos que orientaram a realização desta pesquisa. Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, com caráter descritivo, no qual detalhamos as informações sobre as participantes e os critérios que fundamentaram sua seleção. Explicamos, ainda, a adoção do método da história oral de vida, utilizado para o levantamento das trajetórias socioespaciais, bem como da análise de conteúdo, empregada para a sistematização e interpretação dos dados, em consonância com a questão de pesquisa e com o referencial teórico adotado.

3.1 NATUREZA DA PESQUISA

A pesquisa proposta é qualitativa, e, por meio dela, buscamos compreender a perspectiva das participantes sobre os fenômenos envolvendo suas próprias vidas,

aprofundando em suas experiências, em suas percepções, em seus pontos de vista, em suas opiniões, e em seus significados, ou seja, a maneira como elas percebem subjetivamente a sua realidade (Hernandez, Collado e Lúcio, 2013).

A pesquisa qualitativa, sobretudo aquela realizada nos Estudos Culturais, em um horizonte pós-moderno, busca analisar casos concretos trazidos pelos informantes, em suas particularidades locais e temporais, partindo das expressões e atividades dessas pessoas nas localidades em que elas estão. Ora, uma vez ultrapassada a era das grandes narrativas, nos resta o trabalho investigativo em contextos locais, temporais e situacionais (Flick, 2008).

Desse modo, a escolha da pesquisa qualitativa residiu na ideia inicial de abordarmos as experiências subjetivas de um pequeno grupo de pessoas idosas no norte do Tocantins, e, partindo de uma concepção proposta por Minayo (2014), compreendermos a lógica interna desse pequeno grupo, quanto aos seus valores culturais, e quanto as suas representações sobre sua história e temas específicos. Diante dessa escolha metodológica, as informações obtidas são sobre as trajetórias socioespaciais das informantes.

3.2 TIPO DE PESQUISA

Segundo o nível de interpretação, esta pesquisa é do tipo descritiva. Segundo Gil (2019), “as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno”, em nosso caso, como se dá a construção e ressignificação da identidade em um grupo de pessoas idosas.

3.3 SUJEITOS DE PESQUISA E CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

No dia 3 de outubro de 2024, realizamos um levantamento socioespacial das pessoas idosas participantes da UNIAL, na ocasião, levantamos informações relacionadas à idade, raça/etnia, gênero, nível de escolaridade, configurações familiares, ocupações exercidas ao longo da vida, e, por meio de um mapa do Brasil e do Tocantins, os lugares em que essas pessoas viveram (apêndice II).

A partir desse levantamento, escolhemos seis participantes que tinham como características serem mulheres com 60 anos ou mais de idade, que nasceram no antigo norte goiano, e, portanto, oriundas de cidades que atualmente fazem parte do Estado do Tocantins, e matriculadas na UNIAL há pelo menos seis meses.

A escolha desses critérios se deu pela constatação de que as mulheres são a grande maioria nesse programa de extensão, e também pela intenção de se descrever as trajetórias socioespaciais de mulheres cuja vida esteve circunscrita ao Estado do Tocantins, construindo, portanto, uma pesquisa com relevância local.

Da mesma forma, tivemos a preocupação de não selecionar participantes com alguma condição de saúde que pudesse prejudicar significativamente a capacidade de relatar suas trajetórias, e também aquelas participantes que, em qualquer momento, solicitassem o desligamento da atividade.

Durante a fase de coleta de dados dessa pesquisa, uma das participantes reagendou a entrevista em diversos momentos, se justificando de muitas formas, até o momento em que ela própria solicitou a sua retirada da atividade, por se sentir desconfortável em narrar sua própria trajetória. Desse modo, conduzimos a pesquisa com cinco participantes, cujas informações estão expressas no quadro abaixo:

Quadro 2 – informações sociodemográficas das participantes da pesquisa.

Nome	idade	Naturalidade	Raça/etnia	Estado civil	Escolaridade
Fava-de-Bolota	69	Miracema	Parda	Casada	Médio completo
Flor-de-Pitanga.	66	Nazaré	Branca	Viúva	Fundamental completo
Flor-de-Pequi	68	Filadélfia	Preta	Divorciada	Superior completo
Flor-de-Ipê	67	Ananás	Preta	Viúva	Fundamental completo
Flor-de-Buriti	75	Babaçulândia	Parda	Divorciada	Médio completo

3.4 MÉTODOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES

Nessa pesquisa fizemos uso do levantamento e da história oral com enfoque na história de vida. No levantamento, solicitamos aos participantes que respondessem perguntas acerca de suas condições sociodemográficas, a saber, o gênero, sua idade, seu estado civil, seu nível de escolaridade, sua ocupação profissional exercida ao longo da vida, e os lugares nos quais viveram até o momento presente. Essas informações foram coletadas por meio de um formulário (anexo), em uma atividade coletiva com as pessoas participantes da UNIIL.

O levantamento permitiu conhecer melhor o contexto do grupo do qual os informantes fazem parte, possibilitando também a elaboração de um perfil sociodemográfico, e de suas trajetórias socioespaciais, contribuindo para que a

investigação se tornasse mais livre de interpretações fundamentadas na subjetividade do pesquisador. Além disso, essa coleta de informações prévias garantiu uma oportunidade para o estabelecimento de um *rapport* (Marconi e Lakatos, 2016), que nada mais é do que a construção de um espaço de acolhimento no qual as pessoas puderam ficar mais à vontade, uma vez amplia a confiança que se tem uns nos outros.

Em um segundo momento, trabalhamos com o método da história oral, cujo propósito nesse trabalho foi o de possibilitar a compreensão sobre o que as trajetórias socioespaciais têm a dizer sobre a identidade. De acordo com Alberti (2005, p. 18), a história oral trata-se de um método de pesquisa que “[...] privilegia a realização de entrevistas com pessoas que, participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo [...].”

A escolha pela história oral também se deu pela atenção que o método dá “[...] aos ‘dominados’, aos silenciosos e aos excluídos da história [...], à história do cotidiano e da vida privada [...], à história local e enraizada”. Nesse grupo também podem ser encontradas muitas pessoas idosas, se tratando, portanto, de uma “história vista de baixo” (Françoís, 2006, p. 33). No entanto, todo cuidado foi tomado no sentido de não inferirmos ou considerarmos as participantes dessa pesquisa como pessoas necessariamente vulnerabilizadas ou inferiorizadas.

Dentro do método da história oral, considerando que será utilizada a categoria “trajetórias socioespaciais” preconizamos o uso de entrevistas de história de vida, cujo interesse repousa no próprio indivíduo na história, desde a sua infância até o momento atual do desenvolvimento, em nosso caso, a velhice, passando pelas mais diversas situações e lugares pelos quais as sujeitas da pesquisa passaram e viveram. Nesse tipo de entrevista é a trajetória das entrevistadas o que mais importa (Alberti, 2005).

De acordo com Meihy e Ribeiro (2023), a história oral de vida é uma narrativa com começo, meio e fim, de longo curso, e que diz respeito sobre a continuidade da experiência das pessoas, não se fazendo obrigatória a cronologia dos acontecimentos, uma vez que não é o tempo cronológico que marca o desenrolar da narrativa, e sim a valorização subjetiva dos detalhes. Ao longo da condução dessa pesquisa, tomamos cuidado especialmente no sentido de não tornar o método um levantamento biográfico.

O método também foi utilizado em estudos que buscaram investigar a construção da identidade de pessoas idosas a partir de suas memórias narradas. Por exemplo, Marinho e Reis (2016) realizaram uma pesquisa qualitativa exploratória-

descritiva, utilizando a técnica da história oral, no caso, do tipo temática, com o objetivo de compreender as identidades das pessoas idosas por meio de suas memórias. Os autores, afirmaram que as identidades foram sendo construídas e se transformaram no processo de envelhecimento.

Também, Barroso (2021), por meio da história oral, se disponibilizou a pensar a velhice e as identidades dos velhos na contemporaneidade. A autora constatou que

ao procurar conhecer a história do envelhecimento por meio da história oral, é possível identificarmos as transformações vivenciadas dentro dos processos singulares do envelhecimento. À medida que acessamos as subjetividades do idoso, suas expectativas, seus desejos, suas paixões, além de nos ocuparmos de contexto social histórico, também nos ocupamos do passado, de modo que podemos repensar experiências e identidades ratificadas por sistemas de representações que afirmam outras identidades possíveis àquele que envelhece (Barroso, 2021, p. 25).

A história oral de vida é construída por meio do diálogo com as pessoas sobre as suas experiências e memórias, o que nos levou a utilizar a técnica de entrevista, com vistas a levantar as trajetórias socioespaciais, perpassando temas como a família, educação, trabalho, lazer e deslocamentos.

Nesse trabalho, demos predileção ao uso de entrevista livre e aberta, com a intenção de conseguirmos a entrada em territórios de difícil acesso, como a vida privada, os afetos pessoais e coletivos, ou as visões subjetivas, uma vez que na história oral de vida, o processo seletivo sobre o que dizer é muito mais exposto, e o narrador tem um perfil ou algo a revelar (Meihs e Ribeiro, 2023).

3.5 A EXPERIÊNCIA DE REALIZAR AS ENTREVISTAS

Nas pesquisas do tipo qualitativa, as reflexões do pesquisador sobre suas próprias atitudes durante a etapa de campo, bem como suas impressões, seus sentimentos, suas emoções, seus pensamentos, ou outras experiências comumente designadas “internas”, tornam-se parte do processo de pesquisa (Flick, 2008).

Deste modo, com relação ao processo de realização das entrevistas é preciso considerar o regime enunciativo circunscrito à realização delas, uma vez que entre entrevistado e entrevistadas, já havia uma relação constituída no seio da UNIAL, em que o pesquisador realiza oficinas e palestras para o público idoso que participa do programa de extensão desde a sua criação.

Assim, as identidades em curso do entrevistador podem ter contribuído com os rumos da entrevista. Este é identificado como professor da UNIAL (muito embora o programa não possua professores diretamente ou formalmente vinculados); identificado ainda como psicólogo que realiza escutas e acolhe as demandas das pessoas idosas; duas participantes identificaram o entrevistador com os netos, uma pela semelhança física, outra pelo nome; e o pesquisador também é significado como uma pessoa carismática.

Estas identificações podem ter contribuído para o cenário no qual parte das participantes, expressaram contentamento e sentiram-se lisonjeadas ao serem entrevistadas, recebendo o entrevistador com muita hospitalidade, com alegria, e até com lanches. Tal receptividade foi observada no encontro com as participantes Fava de Bolota e Flor-de-Pequi, cujas entrevistas foram realizadas em suas residências.

A participante Flor-de-Buriti e Flor-de-Ipê foram entrevistadas na Universidade Federal do Norte do Tocantins, e suas entrevistas foram mais breves. Ambas estavam na instituição para participarem de uma aula na UNIAL, e concordaram em conceder a entrevista, desde que ela fosse realizada entre o término da aula e o momento em que as filhas as buscassem.

Estas duas participantes supracitadas, em um primeiro momento, não demonstraram lisonja por participarem, mas apresentaram o questionamento “por que eu?”, que foi respondido quando se falou sobre os objetivos da pesquisa e os critérios de seleção. Não demorou muito para que também demonstrassem estar à vontade.

A participante Flor-de-Pitanga recebeu o pesquisador em casa, e ofereceu um farto café da manhã. Ela estava sempre atenta ao relógio porque à tarde ela precisaria sair para fazer companhia à mãe que estava doente. O momento da entrevista com essa participante foi alterado algumas vezes por ela estar em trabalho de cuidado com pessoas de seu convívio, ora era a mãe, ora um sobrinho que precisou ir à um serviço de saúde em sua companhia. A entrevista com essa participante, por sugestão dela, se deu às sete horas da manhã, e o pesquisador ainda estava sonolento.

Observou-se em todas as situações uma grande abertura ao tocar em pontos sensíveis da trajetória socioespacial, e muito embora se falou sobre assuntos delicados ou dolorosos para essas pessoas, elas não choraram em nenhum momento, e até riam em momento posterior aos tópicos sensíveis. Provavelmente, os aspectos subjetivos e as posições de sujeito em que o pesquisador é alocado podem ter contribuído para isso.

Um ponto também importante nesse relato, é a ansiedade do entrevistador - embora tenha experiência em entrevistar pessoas em contextos variados, o peso da responsabilidade foi sentido pelo Hugo pesquisador, que se vê em um lugar no qual está sendo avaliado em cada etapa do processo, e que apresentou episódios de ansiedade em momentos anteriores e durante a entrevista.

3.6 MÉTODO DE ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Para a análise das entrevistas, utilizamos a técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016), que diz respeito a

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2016, p. 48).

O ponto de partida foi a “mensagem” verbal produzida no contexto da entrevista, esta mensagem, de acordo com Franco (2018, p. 21), “expressa um significado e um sentido. Sentido que não pode ser considerado um ato isolado”.

Segundo Bardin (2016), a Análise de Conteúdo pode ser organizada em três fases, a saber, (i) a pré-análise, (ii) a exploração do material e (iii) o tratamento dos resultados. A pré-análise, de acordo com Bardin (2016), é a própria organização do material a ser trabalhado na análise, que permite sistematizar e tornar viáveis as ideias iniciais, de modo a construir um plano do desenvolvimento das operações sucessivas.

É neste primeiro momento que se escolhe os documentos que serão analisados, e que se formulam as hipóteses e os objetivos, permitindo ainda a elaboração de indicadores que apoiem a interpretação final.

Na pré-análise deste trabalho, as entrevistas foram transcritas, impressas e organizadas, e elas constituem o *corpus* da pesquisa. A transcrição se deu com base no Projeto NURC (Norma Urbana Linguística Culta). O projeto já tem uma notação de transcrição consolidada no Brasil. Por essa razão, seguiu-se as regras de transcrição (Anexo I), pois foi pertinente registrar detalhes do modo como as entrevistadas narraram as suas experiências.

Nessa fase, realizamos também uma leitura flutuante, cuja proposta nos permitiu deixar o mais livremente possível a nossa própria atividade inconsciente,

suspendendo quaisquer motivações que orientem a nossa atenção, permitindo-nos entrar em contato íntimo, uniforme e despropositado com o *corpus* da pesquisa.

Durante a realização da leitura flutuante notamos prontamente alguns aspectos comuns que atravessam as vivências das mulheres entrevistadas, a saber, o fato de quase todas elas terem vivido e trabalhado no campo durante suas infâncias, a maneira como os homens que passaram pelas suas histórias as subjugaram, e o valor que todas elas atribuem à UNIAL, mesmo não tendo sido diretamente inquiridas acerca de sua participação no programa de extensão.

Na fase de pré-análise, também escolhemos as categorias de análise, considerando a pergunta de pesquisa formulada neste trabalho: “como as identidades das pessoas idosas são construídas e ressignificadas na velhice?”. Para tanto, realizamos a codificação do material, a partir da qual se escolheu as unidades de registro, e, considerando as características comuns entre elas, classificou-se com base em elementos semânticos e lexicais, e, posteriormente, categorizou-se o material.

Uma vez escolhida a unidade de codificação, o próximo passo, na fase exploratória, realizou-se a classificação em blocos que expressaram determinadas categorias. Neste trabalho, retiramos das entrevistas apenas as verbalizações que se referiam às trajetórias socioespaciais interurbanas e intra-urbanas e suas contingências, e os marcadores biológicos e culturais da velhice expressos em alterações biológicas, alterações culturais, ou aquelas alterações imprevisíveis que porventura tenham surgido ao longo da existência das participantes.

Desse modo, para a elaboração das categorias desta análise, realizamos um movimento de constante ida e volta das entrevistas às teorias acerca do envelhecimento humano, das identidades na perspectiva dos Estudos Culturais, e das trajetórias socioespaciais. Assim, as categorias foram criadas em um primeiro momento, para depois serem interpretadas à luz das teorias. Segundo Franco (2018, p. 66), “[...] o conteúdo, que emerge do discurso, é comparado com algum tipo de teoria. Infere-se, pois, das diferentes ‘falas’, diferentes concepções de mundo, de sociedade, de escola, de indivíduo, etc.”

A elaboração de categorias procurou obedecer a algumas regras da análise de conteúdo, a saber, a *exclusão mútua*, que afirma que cada elemento só pode existir em uma categoria; a *homogeneidade*, que aponta que é preciso haver somente uma dimensão na análise para definir uma categoria, e caso houver diferentes níveis de

análise, eles devem ser separados em diferentes categorias; a *pertinência*, que preza pela relação entre as categorias e as intenções do investigador, os objetivos da pesquisa, as questões norteadoras, as características da mensagem etc.; a *objetividade e fidelidade*, ora, se as categorias forem bem definidas, se os temas e indicadores que determinam a entrada de um elemento numa categoria forem bem claros, não haverá distorções devido à subjetividade dos analistas e; finalmente a *produtividade*, que afirma que as categorias serão produtivas se os resultados forem férteis em inferências, em hipóteses novas, em dados exatos (Bardin, 2016).

Em um primeiro momento, as categorias que foram construídas eram 1) trajetórias socioespaciais intermunicipais e suas contingências, 2) trajetórias socioespaciais intraurbanas e suas contingências, 3) marcadores biológicos da velhice, 4) marcadores psicossociais da velhice e 5) eventos não-normativos da velhice. No entanto, ao se explorar as verbalizações a serem abrigadas na categoria “marcadores biológicos”, não se encontraram fragmentos que expressassem estas alterações biológicas na fala das participantes, pelo menos não de maneira que se possa relacionar com o processo de envelhecimento.

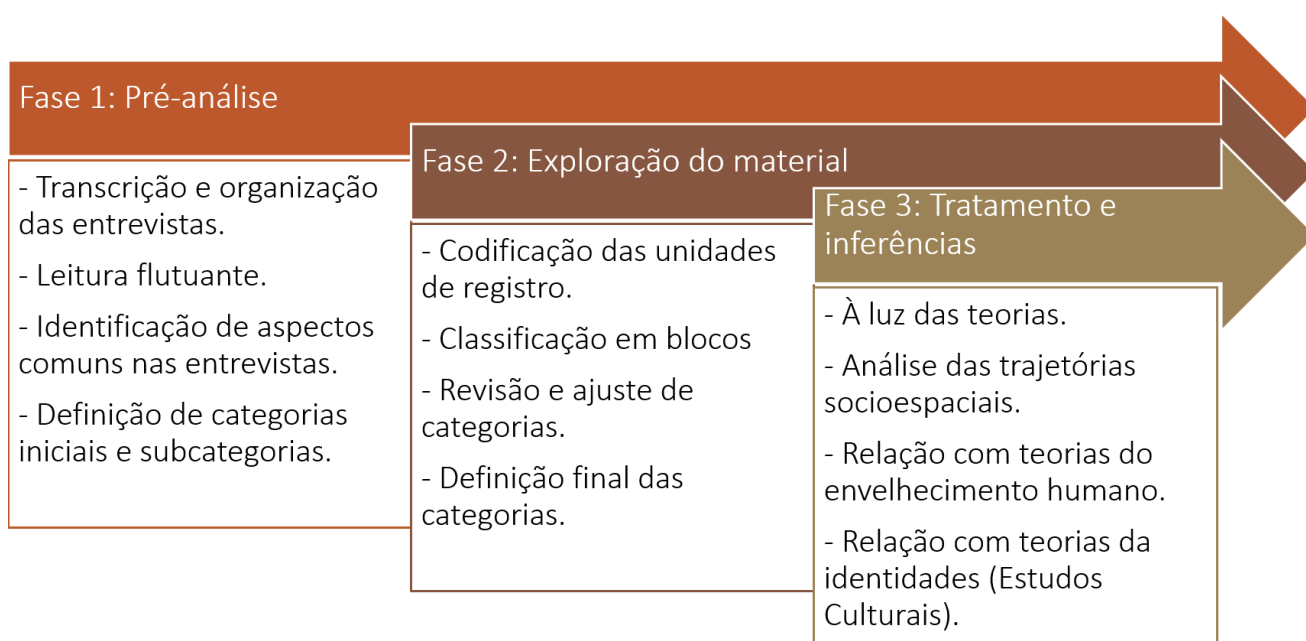
Deste modo, optamos por reconstruir as subcategorias que fazem parte da segunda categoria, substituindo o termo “marcadores psicossociais da velhice” por “eventos normativos graduados por história”, excluindo a categoria “marcadores biológicos da velhice”, e mantendo, por sua vez, a subcategoria eventos não-normativos.

Assim, para este trabalho, elaboramos duas categorias, a saber, trajetórias socioespaciais e suas contingências, e influências biológicas e culturais da velhice, cada uma contendo duas subcategorias, Trajetória socioespacial intermunicipal, Trajetória socioespaciais intraurbana, eventos normativos graduados por história, e eventos não normativos. A descrição dessas categorias e subcategorias estão na seção de resultados.

Finalmente, a terceira fase da análise de conteúdo utilizada nesta pesquisa, também proposta por Bardin (2016) é a inferência, a saber, um processo em que o analista se apoia nos elementos constitutivos da comunicação (o emissor, o receptor, a mensagem, o código, a significação), para construir interpretações que extrapolem o conteúdo manifesto no corpus da pesquisa. Neste trabalho, o processo de inferência foi específico, uma vez que buscou responder como as identidades das pessoas idosas são construídas e ressignificadas a partir de suas trajetórias socioespaciais.

Deste modo, baseamos a análise se na teoria das trajetórias socioespaciais, em que, uma vez tendo sido levantadas e descritas as trajetórias socioespaciais das participantes, analisamos as contingências que produziram diferentes deslocamentos na vida, pela ótica das teorias do envelhecimento humano baseadas no paradigma *lifespan* de desenvolvimento ao longo de toda a vida, e de teorias da identidade sob a perspectiva dos Estudos Culturais (Figura 1):

Figura 4 – Fluxograma da análise de conteúdo das entrevistas realizadas.



3.7 ASPECTOS ÉTICOS

Em um primeiro momento, o projeto de pesquisa foi submetido à avaliação pelo Comitê de ética em pesquisa com seres humanos da UFNT, em atenção à Resolução nº 466/12 (BRASIL, 2012), que aprova as “[...] diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos” [...]. O projeto foi aprovado sob Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) de número **82632224.0.0000.0342** (Anexo II).

Ressalta-se o uso do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) contendo todas as informações necessárias, de forma objetiva e de fácil compreensão, para o esclarecimento sobre a pesquisa, de forma que as/os

participantes puderam decidir autônoma e conscientemente sobre a sua participação (Anexo I).

A utilização da história oral de vida como método, pode envolver riscos de natureza emocional e psicológica para os participantes idosos. Ao compartilhar suas memórias e experiências pessoais, é possível que os relatos despertem sentimentos de tristeza, ansiedade ou desconforto, especialmente ao recordar eventos dolorosos ou traumáticos.

Ao mesmo tempo, a experiência da participação na entrevista pode ser interpretada como uma avaliação, ameaça, aborrecimento ou invasão de privacidade, e, além disso, há o risco de exposição da privacidade dos participantes, caso informações sensíveis ou pessoais sejam compartilhadas inadvertidamente.

Com o intuito de mitigar estes possíveis efeitos, antes de cada entrevista, foi realizada uma orientação para discutir a possibilidade de temas sensíveis emergirem durante a conversa, preparando os participantes para lidar com essas situações de maneira segura e respeitosa. Durante a entrevista, ao se perceber quaisquer desconfortos dos entrevistados, a entrevista seria suspensa imediatamente.

O pesquisador responsável, que é psicólogo com especialização em gerontologia, e que possui experiência advinda da clínica psicológica, esteve disponível para escuta e acolhimento após a entrevista, com o propósito de oferecer apoio, se necessário.

Os entrevistados foram informados de que poderiam solicitar esse atendimento mesmo alguns dias após a realização da entrevista. Além disso, entrou-se em contato com as participantes na semana seguinte à entrevista, com o objetivo de verificar como estavam em relação à entrevista e reforçar a disponibilidade para acolhimento, caso seja necessário.

Quanto ao sigilo das informações prestadas, as identidades dos participantes foram preservadas por meio de pseudônimos das informações. Nessa pesquisa utilizou-se o nome de flores de árvores do cerrado para se referir às participantes. Todos os dados coletados serão armazenados, e somente a equipe de pesquisa terá acesso a esses dados. Serão seguidas rigorosamente as diretrizes da Resolução nº 510/2016 (BRASIL, 2016) no que se refere à proteção dos direitos dos participantes.

Após a finalização do trabalho investigativo, será agendada uma devolutiva de tudo aquilo que foi construído ao longo desse processo. Segundo Roger Flores Ceccon *et al.* (2022, p. 85), “[...] a prática da devolutiva é uma postura ética e visa a

romper com a lógica de que somente os pesquisadores podem deter o saber alcançado, portanto, acumulando poder sobre determinado tema” [...].

A devolutiva, portanto, será um momento em que as pessoas idosas participantes da pesquisa poderão problematizar os resultados da investigação, se enxergarem nas informações expostas, se autoconhecerem e modificarem sentidos em seus contextos de vida.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma vez elaboradas as categorias, conforme abordado no capítulo anterior, construímos a definição de cada uma delas a partir dos conceitos presentes no referencial teórico. Estas definições foram organizadas no quadro 3. Ressaltamos que, em todo o processo de construção de categorias e de mobilização do *corpus* da pesquisa, preservamos integralmente as verbalizações das participantes entrevistadas, cujas expressões estão contidas nos quadros dispostos na seção 4.1, a saber, “identidades construídas e reconstruídas em trajetórias socioespaciais”.

Quadro 3 – Quadro matricial das categorias.

Categoria	Definição
Trajetórias socioespaciais e suas contingências (a prevalência é a constituição da identidade).	Nesta categoria, a trajetória socioespacial e suas contingências foram pensadas a partir dos seguintes elementos: percurso que se faz ao longo da existência, deslocamentos socioespaciais intermunicipal e intraurbano, mobilidade social e espacial, histórias de vida, permite a construção e a resignificação da identidade, elaboram a concepção de lugares, territórios e afetos, movimento e pausa.
Subcategorias	Definição
Trajetória socioespacial intermunicipal.	Nesta subcategoria, a trajetória socioespacial intermunicipal foi pensada a partir dos seguintes elementos: deslocamentos entre cidades do antigo norte goiano e do Estado do Tocantins, considerando as contingências e as maneiras como elas produzem movimentos e pausas.
Trajetória socioespacial intraurbana.	Nesta subcategoria, a trajetória socioespacial intraurbana foi pensada a partir dos seguintes elementos: deslocamentos ocorridos dentro da cidade de Araguaína, entre os bairros, não perdendo de vista o modo como as contingências vão produzindo movimentos e pausas.
Categoria	Definição
Influências biológicas e culturais da velhice (prevalência da resignificação da identidade).	Nesta categoria, consideram-se marcadores biológicos as mudanças de natureza genético-biológica (alterações físicas e biológicas, alterações cognitivas), e consideram-se marcadores culturais os aspectos psicossociais, de natureza normativa que ocorrem no desenvolvimento humano (trabalho, casamento, família, maternidade, avosidade, aposentadoria, escolarização). Consideram-se também as mudanças não-normativas, a saber, as alterações não-previsíveis, de natureza tanto biológica como cultural (divórcio, luto, adoecimento), apreendendo o modo como as contingências produzem movimentos e pausas.
Subcategorias	Definição
Influências normativas graduadas por história	Nesta subcategoria, consideram-se os fatores psicossociais associados ao tempo e ao contexto histórico de uma determinada coorte, os quais geralmente acontecem de forma similar para a

	maioria dos membros, não perdendo de vista o modo como as contingências vão produzindo movimentos e pausas. Inclui-se aqui processos como escolarização, casamento, aposentadoria etc.
Influências não-normativas	Nesta subcategoria, as alterações não previsíveis foram pensadas a partir dos seguintes itens: os eventos não previsíveis de cunho biológico ou social, que não têm caráter universal, tendo por base o modo como as contingências vão produzindo movimentos e pausas, inclui-se aqui processos como o adoecimento, o luto, o divórcio etc.

4.1 IDENTIDADES CONSTRUÍDAS E RECONSTRUÍDAS EM TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS

Neste capítulo, apresentamos a incursão analítica em torno do modo como as identidades das pessoas idosas entrevistadas foram construídas e ressignificadas, considerando as suas trajetórias socioespaciais no interior do estado do Tocantins e na cidade de Araguaína. Além disso, abordamos a maneira como as influências históricas e as influências não-normativas são narrativizadas pelas entrevistadas.

Esta incursão está organizada em torno das categorias analíticas construídas na fase exploratória da análise de conteúdo, a saber, as trajetórias socioespaciais intermunicipais, as trajetórias socioespaciais intraurbanas, as influências normativas graduadas por história, e as influências não-normativas.

Neste trabalho, não se trabalhou com uma categoria de influências normativas graduadas por idade, uma vez que essas influências não aparecem em todas as entrevistas, e o pouco do que é dito, parece estar mais relacionado a processos de comprometimento que, embora estejam presentes na velhice, não podem ser diretamente atribuídos a este período do desenvolvimento humano. Essa perspectiva dialoga com a ideia de que o envelhecimento é um processo natural e saudável, comum a todas as pessoas que envelhecem, e que processos de adoecimento ou emergências médicas podem comprometê-lo, tornando-o um envelhecimento que convencionou chamá-lo de “patológico” (Neri).

Ao longo do texto, a ordem dos quadros de verbalizações e da discussão que os seguem são: Fava-de-Bolota, Flor-de-Pitanga, Flor-de-Pequi, Flor-de-Ípê e Flor-de-Buriti. Optamos pela descrição das narrativas dessas participantes, à luz dos Estudos Culturais, mais especificamente daquilo que diz respeito às identidades, não se perdendo de vista as contingências que produzem movimentos e pausas nas trajetórias socioespaciais.

Conceituamos contingência como todos os eventos ao longo da trajetória socioespacial e que possam ter contribuído para os deslocamentos, os movimentos e as pausas, o que inclui o casamento, o luto, o divórcio, o cuidado, ou a escolarização, por exemplo, e que tanto podem se relacionar com as influências normativas graduadas por idade ou por história, bem como com as influências não-normativas.

Considere-se, na sequência, o quadro 3, em que se abordam as verbalizações que sustentam a geração da primeira subcategoria de análise (trajetória socioespacial intermunicipal):

Quadro 4: Quadro matricial da categoria “trajetória socioespacial intermunicipal”:

Verbalizações	
Fava-de-Bolota	“eu nasci ... no município de <i>Miracema do Tocantins</i> mas sou registrada de <i>Miracema</i>”. “e nós mudamos pra ... pra <i>Ilha do Bananal</i> ... num lugar chamado ... éh ... Serra das Cobras.” “é ... e lá a gente ficou por uns cinco a seis anos ... meus pais se separaram ... e meu pai voltou pra o ... pra o município de <i>Miracema</i> e minha mãe ficou na fazenda com seus pais no município de Formoso do Araguaia ...” “depois ... ela resolveu vender tudo o que tinha e foi pra o <i>Formoso do Araguaia</i> pra comprar uma casa lá ... quando ela chegou lá ela não gostou muito da cidade ... e ela disse ‘eu vou mais longe ... eu vou em <i>Gurupi</i> ...’” “aí foi para <i>Gurupi</i> ... lá ela comprou uma casa ... quando ela voltou ela disse ‘eu só vim buscar vocês ... nós vamos morar em <i>Gurupi</i>’ ... e a gente ficou todo mundo feliz né porque a gente queria ter o cantinho da gente também né ...” “[...] e nós fomos morar lá ... e quando nós távamo lá em sessenta e três ... ela disse ‘vou mais na frente ... vou procurar outro lugar eu quero ir pra <i>Porangatu</i>...’” “aí foi pra <i>Porangatu</i> nós mudamos pra <i>Porangatu</i> em sessenta e três ...” “em sessenta e sete nós voltamo novamente pra <i>Gurupi</i> ...” “casei em <i>Gurupi</i> ... e aí nós fomos morar em <i>Formosa</i> ...” “e aí depois chegando assim do ... do casamento né ... eu fui pra <i>Formosa</i> mais ele nós moramo em <i>Formosa</i> e ... uns seis meses .. aí ele ficou desempregado a firma lá fechou ... aí nós voltamo pra <i>Gurupi</i> ... aí ele disse ‘eu vou ... nós vamo pra <i>Itapiratins</i>.’” “[...] eu já consegui já o nosso ganha pão lá e a gente vai pra Ara/ pra <i>Araguaína</i>’.”
Flor-de-Pitanga	“[...] pois eu nasci no município de Nazaré ... lá no interior ... lá no sertão ... eu morava na roça ... e quando eu tinha quatorze ano ... aí eu fui pra cidade ... estudar ...” “aí viemos pra cá [<i>araguaína</i>] ...” “aí ele [o marido] disse ‘não nós vamo mudar daqui ... vamo pra Nova Olinda’ que ele foi transferido pra lá ...” “morei duas vezes lá ... a primeira vez meu filho eram pequenino ... passei acho que um ano lá ...” “mais de ano ... aí depo/ a segunda vez passei acho que nem um ano não ... eu fui em maio junho (parece) que foi junho e em dezembro eu voltei [para <i>Araguaína</i>]... eu já ia ganhar neném em janeiro ...” “aí falei ‘é ... o jeito é ir pra <i>Araguaína</i> de novo’ ... ((risos)).”

	“do Noroeste fomos morar em Conceição do Araguaia ...” “é porque meu marido tem uns filho lá ... da primeira mulher ...” “aí ele quis morar lá perto desses filho dele ... aí construiu outra casa lá ...” “aí ...moramo ... deixa eu ver quantos anos ... um ano e meio lá ...”
Flor-de-pequi	“[...] então eu nasci em Filadélfia não foi programado pra nascer em Filadelfia éh filho de viajante de estradas né ... é assim que se fala né ...” “aí meu pai arrumou umas terras aqui onde hoje é ... éh ... o quê ... Brejão ...” “aí viemos aqui pra cidade [Araguaína] ...”
Flor-do-ipê	“eu nasci no município de Ananás [...]”. “antes disso [de se mudar para Araguaína] nós morava no município de Nova Olinda ...” “depois foi que vim pra Araguaína”.
Flor-do-buriti	“pois é quando eu nasci eu nasci no município de Babaçulândia ... morava na fazenda né ... e hoje é município de Wanderlândia ...” “quando eu vim pra cá pra Araguaína em ... oitenta e quatro ... eu ... só tinha a terceira série ...”

A partir dessas verbalizações, levando em consideração a análise de conteúdo pela perspectiva da ocorrência lexical, podemos trabalhar, nas entrevistas, com o campo semântico dos verbos que indicam deslocamento no interior do antigo Norte Goiano, hoje estado do Tocantins.

Tomando como ponto de partida a trajetória socioespacial da entrevistada Fava-de-Bolota, temos uma mulher de 69 anos de idade, que nasceu em 1954 no município de Miracema do Tocantins que, desde 1948, era conhecida como Miracema do Norte, tendo recebido a designação “do Tocantins” somente no final de década de 80 após a promulgação do ato de criação do Estado que leva o mesmo nome.

A participante, ainda muito menina, com aproximadamente seus três ou quatro anos de idade, se mudou para a Ilha do Bananal, para um lugar designado por ela de Serra das Cobras que, segundo ela, deve existir hoje sob outro nome que ela não soube dizer qual, dada a passagem do tempo e os processos históricos do lugar.

A Ilha do Bananal é considerada a maior ilha fluvial do mundo e, de acordo com Costa (2014), ela possui aproximadamente dois milhões de hectares, estando situada no estado do Tocantins, fazendo fronteira com os estados do Goiás, do Mato Grosso e do Pará. No território tocantinense, a ilha do Bananal está subdividida entre as cidades de Pium, Lagoa da Confusão, Cristalândia e Formoso do Araguaia.

Fava-de-Bolota permaneceu na Ilha do Bananal por aproximadamente cinco ou seis anos, e os seus pais se divorciaram enquanto viviam lá, de modo que a entrevistada se mudou juntamente com sua mãe para o município de Formoso do Araguaia. Em Formoso ficava a fazenda dos avós maternos de Fava-de-Bolota.

A separação dos pais, segundo Fava de Bolota, foi um elemento triste de sua história, uma vez que também representou a separação dos sete irmãos, em que parte foi viver com o pai no município de Miracema do Norte, e parte foi viver com a mãe no município de Formoso. Estes sete irmãos voltaram a conviver em 1967, ocasião em que os filhos que foram viver com o pai retornaram para perto da mãe.

Fava-de-Bolota conta que sua mãe não gostou muito de morar em Formoso e decidiu “*ir mais longe*”, se mudando, em 1962, para a cidade de Gurupi, município situado ao sul do que veio a se tornar o Estado do Tocantins. Fava de Bolota expressou contentamento por ter ido morar com a mãe em Gurupi, afirmando que na época, ela também queria ter o “cantinho” dela.

A vida de mãe solo na década de sessenta tinha lá os seus desafios, e convém ressaltar que nem mesmo o Estado reconhecia famílias chefiadas somente por mulheres na década de 60. Até então vigorava o modelo de família nuclear, sendo que novos arranjos familiares, como o da monoparentalidade, somente vieram a ser reconhecidos com a promulgação da Constituição de 1988 (Benatti, 2021).

A permanência em Gurupi, nesse primeiro momento foi breve, pois em 1963 a mãe de Fava-de-Bolota decidiu ir mais à frente, indo morar em Porangatu/GO, tendo passado quatro anos lá, retornando para Gurupi em 1967. Fava de Bolota descreve que, mesmo nessas idas e vindas, pôde estudar, e fala sobre a necessidade de interrupção dos estudos.

A participante fala sobre o cuidado da mãe, retomando a ideia de que a mãe era uma pessoa de muita garra, de muita luta, de muito trabalho, e de muito ânimo, e que, mesmo sem ter o marido ao lado, ela se esforçou para não faltar o pão de cada dia.

Com relação à escolarização, Fava de Bolota diz ter estudado até o ensino médio, momento em que conheceu o homem que veio a ser o seu marido, com o qual se casou em 1973, quando tinha 19 anos. Após se casar, Fava-de-Bolota foi morar em Formosa, tendo permanecido aproximadamente seis meses por lá, até que se mudaram para Gurupi, haja vista que seu marido ficou desempregado.

A vida em Gurupi também não estava fácil, de maneira que Fava-de-Bolota e seu marido se mudaram para Itapiratins, município localizado na zona de influência imediata de Colinas do Tocantins, mais ao norte do Estado, para junto da família de seu marido. Em Itapiratins, após uma oferta de venda de um ponto de táxi em

Araguaína, surgiu a ideia de ir “tentar a vida” nessa nova cidade, que até então ainda era um município novo do norte goiano.

De acordo com Vieira (2024), a partir de 1970 Araguaína registra um aumento expressivo de sua população, ocasião marcada por uma intensificação do processo de urbanização e pela migração de pessoas de vários estados do Brasil que vinham à procura de trabalho, de melhores condições de vida, ou para investir nas atividades agropecuárias na região. Nesse processo também se encontra nossa entrevistada, cuja vinda para Araguaína se deu 1976, sob muita expectativa sobre se iriam ou não gostar da cidade, e ela se tornou o lugar destas pessoas desde então, por 49 anos até a presente data.

No que diz respeito às trajetórias socioespaciais intermunicipais, podemos refletir, inicialmente, sobre quais contingências motivaram os deslocamentos de Fava-de-Bolota entre cidades do antigo Norte Goiano. E dentre essas contingências, podemos elencar a contingência pela família, expressa no deslocamento que foi necessário fazer após o divórcio dos pais, momento em que sua mãe saiu da Ilha do Bananal, tendo ido viver na fazenda com os avós maternos da entrevistada, no município de Formoso do Araguaia.

Observamos no relato dessa entrevistada, que a partir do divórcio, inicia-se uma sequência de trajetórias socioespaciais entre diversos municípios, tendo como objetivo a busca pela sobrevivência dessa mãe que se tornou mãe-solo tendo três filhas sob seus cuidados em um primeiro momento, e posteriormente passando a cuidar dos sete filhos.

Dado os esforços da mãe no que diz respeito à criação dos filhos, a entrevistada a representa como uma mulher guerreira, identificando-a a partir dos esforços que faz e dos movimentos que realiza em busca da (re)construção de sua vida sem o marido e com filhos, na região norte do país.

Destacamos que a representação e os significados que ela produz permite que a participante dê sentido à existência, e a si mesma (Woodward, 2014), e ao longo de todas as entrevistas, as participantes trarão consigo suas representações do mundo e de si, que permitirão que pensemos sobre suas identidades.

Ainda quanto à Fava-de-Bolota, notamos que a entrevistada não deu ênfase ao pai no que tange a criação dos filhos, o pai não é representado como um pai guerreiro, o pai que se muda constantemente em busca da sobrevivência de si e dos filhos, mas

o pai também não é explicitado como algo vil, ou alguém de quem se possa guardar profunda mágoa.

Ao falar sobre esses processos de identificação e construção de identidades, Hall (2014, p. 110) afirma que a identidade é “construída a partir da diferença e não fora dela”, e, em se tratando de nossa entrevistada, a representação acerca do pai possui a capacidade de transformar este diferente, no caso a figura paterna, em exterior, em abjeto, só que de um modo sutil. Identificar, portanto, a mãe na posição de mulher guerreira, permite não ter que lidar com as ausências desse pai, ao mesmo tempo em que se constrói para si uma posição-de-sujeito, de mulher guerreira, que possa (ou não) vir a ocupar futuramente.

Assim, percebemos no relato de Fava-de-Bolota, uma trajetória socioespacial que contempla suas dificuldades socioeconômicas, e os esforços para fugir delas (Souza, 2007), demandando uma sequência de deslocamentos pelas cidades que outrora faziam parte do Norte Goiano. A identidade que emerge em suas falas se relaciona com as suas andanças, onde se vê como alguém em busca de um lugar que lhe permita a sobrevivência. Uma buscadora.

No que diz respeito à segunda entrevistada, Flor-de-Pitanga, levantamos uma trajetória cujo início se deu na cidade de Nazaré, situada mais ao norte de Araguaína, na região conhecida hoje como “Bico-do-Papagaio”. A entrevistada vivia na roça, também designada por ela como o “sertão”, e, em 1972, quando tinha quatorze anos de idade, se deslocou para a cidade com o propósito de estudar.

Em um primeiro momento, a contingência do estudo motivou o deslocamento da entrevistada, e, até certa altura de sua vida, continuou alterando o rumo de sua trajetória, uma vez que por não ter o segundo grau na cidade de Nazaré, Flor de Pitanga, então casada, se mudou para a cidade de Araguaína em 1979.

Quando questionada sobre os motivos pelos quais ela, juntamente com parte de sua família, se mudou para Araguaína, a entrevistada representou o município de Nazaré como uma cidade atrasada, onde os meninos não tinham nem como estudar. Se a ausência de possibilidades de estudos qualificava o lugar como “atrasado”, pode-se pensar que Araguaína é representada como um lugar mais evoluído e até mais moderno para o qual se poderia ir, para também não ser um sujeito atrasado. Esta inferência se dá no sentido de que a identidade, segundo Woodward (2014) é gestada mutuamente com a diferença.

Uma vez que a classificação simbólica se relaciona com a ordem social, podemos refletir que a produção da identidade do “moderno” tem como ponto de referência a identidade do local no qual se está, a saber, a pequena Nazaré. Os estudos ou a busca pelos estudos, portanto, podem produzir uma posição-de-sujeito de alguém que não seja atrasado, mas que esteja na vanguarda de seu lugar e de seu tempo.

Importante frisar que essa posição-de-sujeito é o que se entende por identidade nesse estudo, tomando como base a produção de Woodward (2014), tal posição é demarcada pelas representações e pelos sentidos que emergem delas, o que também contribui para que esta identidade não seja algo estável ou permanente.

Em momento posterior da trajetória socioespacial de Flor-de-Pitanga, os deslocamentos entre cidades se deram com o intuito de acompanhar o marido. Após o casamento, em 1979, a trajetória educacional de Flor-de-Pitanga foi gradualmente interrompida, porque o marido não gostava que ela fosse para a escola, ou que ela trabalhasse fora, mas ficasse constantemente perto dele.

Percebemos aqui uma representação no que diz respeito ao gênero, de que a mulher não deve se afastar do marido, ou de que a mulher não deve estudar ou trabalhar, mas sim cuidar de seu homem, de seus filhos e de sua casa. Neste caso, a representação que parte de uma sociedade estruturada em torno do patriarcado, é atualizada no casamento de Flor-de-Pitanga pelo marido, uma vez que é ele quem dita a regra, é ele quem controla a vida de nossa entrevistada, sendo ela, portanto, posicionada através do discurso dele, o que nos permite pensar que, enquanto relações sociais, as identidades estão sujeitas a relações de poder (Silva, 2014).

Desse modo podemos inferir que durante grande parte de sua vida, a entrevistada se apegou temporariamente à posição-de-sujeito que a prática discursiva do marido construiu para ela, assim, podemos considerar a ideia de que não só as trajetórias socioespaciais podem construir e ressignificar identidades, mas que também as identidades, tanto aquelas posições-de-sujeitos nas quais as pessoas posicionam a si mesmas, quanto aqueles lugares nos quais as pessoas são posicionadas, também ditam os rumos das trajetórias socioespaciais, permitindo movimentos, mas também produzindo pausas.

Com relação à terceira entrevistada, a saber, Flor-de-Pequi, obtivemos a informação de que ela nasceu no ano de 1956 no município de Filadélfia, cidade do antigo Norte Goiano, às margens do Rio Tocantins, e é filha única. A ocasião de seu

nascimento se deu quando os pais estavam viajando, não se sabe ao certo para onde, mas se sabe que os avós da entrevistada já moravam em regiões próximas de Araguaína, a saber, no povoado de Araçulândia, também conhecida como Sucuruiuzinho, que atualmente faz parte do município de Wanderlândia/TO.

Os pais tentaram ter mais filhos, e a segunda filha, falecida aos sete meses de idade, também era uma mulher. Desde então, segundo Flor-de-Pequi, os pais não tiveram outros filhos. Nesse ponto, a entrevistada faz menção ao fato de que os homens queriam ter filhos homens, pois assim eles poderiam ajudar nas atividades da roça. Meses após o nascimento de Flor-de-Pequi, os pais se mudaram para o povoado Brejão, que faz parte do município de Wanderlândia, e quando a entrevistada tinha dez anos de idade, eles se mudaram para a cidade de Araguaína, em 1966.

Com relação às representações que emergem da fala desta participante, temos aquela acerca da condição de ser viajante, como aqueles que não conseguem se planejar ou se programar, atribuindo para si uma posição-de-sujeito de uma pessoa não planejada, cuja gestação não se programou. Além desta identidade, podemos citar a identidade da filha única, em cuja representação se tem a maior atenção recebida, a ausência de necessidades básicas, e a experiência de uma vida tranquila.

Como as outras participantes dessa entrevista, a família andava em busca de melhores condições de vida no norte do país, e uma contingência que podemos aqui citar se dá pelo estado de saúde do pai, que fez com que ainda na infância, a entrevistada, juntamente com sua família, se deslocasse em direção à Araguaína.

Araguaína, nesse tempo, já apresentava alguns serviços importantes de saúde. Desde 1950 a cidade já contava com uma forte presença Orionita que, além de difundir a religião católica, trouxe contribuições à educação e saúde da região. Em 1970 inaugurou-se o Hospital Regional vinculado à Organização de Saúde do Goiás (OSEGO), e em 1972 fundou-se o Hospital e Maternidade Dom Orione.

A quarta entrevista foi realizada com a participante Flor-do-Ípê. A participante nasceu na cidade de Ananás, antigo norte goiano, em novembro de 1956, e, com um ano e dez meses de idade, passou a morar com a avó, passando a relação com a casa da mãe biológica a ser uma relação de visita. Quando completou onze anos de idade, a sua mãe morreu, tendo os outros irmãos mais novos ido viver definitivamente com ela e os avós.

Flor-do-Ípê estudou, em um primeiro momento, somente até a quarta série, e não pôde dar continuidade em seus estudos, uma vez que o avô, com quem vivia, não

era afeito a ideia de a filha sair para estudar, sob o pretexto de que a participante somente sairia quando se casasse. No ano de 1975, com 19 anos de idade, a participante se casou, no entanto, e nos anos que se seguiram se tornou mãe de seis filhos, tendo, segunda ela mesma, criado somente três, uma vez que três filhos morreram. O marido com quem passou a conviver, também não era adepto de que ela pudesse estudar, e ela relata que passou a cuidar da roça e a quebrar coco-babaçu.

É notório, na entrevista de Flor-do-Ipê, a maneira como foi posicionada pelo discurso de homens importantes em sua vida, a saber, seu avô, que lhe criou, e seu marido. Na condição de mulher moradora do antigo norte goiano, o lugar que lhe coube foi o lugar das atividades da roça e do quebrar cocos, tendo sido tolhido o seu acesso aos estudos. A identidade representada aqui era aquela em que à mulher se destinava o trabalho reprodutivo e também o trabalho produtivo na roça. Estudar e trabalhar fora não cabiam nessa concepção de mulher e esposa.

A participante da entrevista se mudou para a cidade de Nova Olinda, também motivada pela contingência familiar, uma vez que ela acompanhou o marido que, segundo ela, se metia sempre em confusões, e em dado momento, simplesmente foi embora, sem dar sinais de vida, até que teve notícias de que ele estava em uma fazenda próxima da cidade de Nova Olinda, e que queria que ela fosse morar junto com ele lá. No ano de 1999, após a terra ter sido vendida pelo marido, Flor-do-Ipê, juntamente com sua família, se mudou para a cidade de Araguaína.

Finalmente, no que diz respeito a esta primeira subcategoria, temos a trajetória socioespacial intermunicipal da entrevistada Flor-de-Buriti. A participante nasceu no ano de 1950, na cidade de Babaçulândia, no antigo Norte Goiano. Vivia e trabalhava na roça, e também estudou na roça, ainda que em condições bastantes precarizadas, até a terceira série do fundamental.

No ano de 1967 ela se casou, e a contingência do casamento contribuiu para que ela se mudasse para a Fazenda Tucum e, posteriormente, na Fazenda Estiva, ambas na região da Ponta do Asfalto, município de Wanderlândia/TO. Ao falar sobre o casamento em 1967, a participante dessa entrevista menciona que ela era bem “novinha” naquele tempo, e que as mocinhas casavam muito jovens porque senão ficavam “coroas”.

A representação que a participante expressa nos dá uma noção sobre a importância do casamento para as mulheres da época, no que diz respeito às suas

identidades. Não casar significa se tornar coroa, a saber, uma mulher que envelhece solteira, e que possui, portanto, menor valor.

Se casar também reposiciona a participante Flor-de-Buriti, no lugar de alguém que necessita acompanhar o marido. Assim como algumas outras participantes dessa pesquisa, que se posicionaram ou foram posicionadas nesse lugar de acompanhar o marido, o casamento também se tornou uma contingência que alterou o curso de sua trajetória socioespacial.

Flor-de-Buriti se mudou para Araguaína em 1984, e ela ressalta que quando veio somente tinha estudado até a terceira série, se posicionando na identidade de alguém sem estudos, e notamos que essa condição não era bem-vinda, uma vez que a participante declara não querer que os filhos também ficassem sem estudar. A contingência para esse deslocamento, portanto, foram os estudos para as filhas e filhos, uma vez que, na época, Araguaína detinha melhores condições de estudos quando comparada às cidades de sua região de influência imediata.

Neste ponto, dando continuidade ao trabalho de análise neste capítulo, passamos às incursões em relação à segunda subcategoria que integra a primeira categoria de análise, a saber, as trajetórias socioespaciais intraurbanas. Para tanto, considera-se o quadro 4.

Quadro 5: Quadro matricial da categoria “trajetória socioespacial intraurbana”:

Verbalizações	
Fava-de-Bolota	“eu vim pra Araguaína dia seis de janeiro de mil novecentos e setenta e seis...” “mas desde quando nós chegamos Hugo... que até hoje... a gente sempre morou só por aqui mesmo...” “eu num num me vejo morando em outro lugar...” “gosto muito aqui de Araguaína...” “a primeira casa que nós moramo foi essa casa ao lado aqui...” “nós fomos morar nessa rua era nessa casa aqui... aí a gente ficou aí uns... uns cinco dias mais ou menos... aí o vizinho da outra casa de lá convidou a gente ‘óh cês são tão pouquinho tão pouca gente que tem um quarto aqui vazio... tem aqui uma areazinha aqui... vocês pode ficar tem o quarto pra vocês morar e tem uma areazinha aqui que pode ser a área de de... de vocês fazer tudo aqui a sala cozinha tudo aqui’...” “[...] tá certo... aí nós fomos pra lá... e aí foi bom porque nós ficamo lá até a gente poder comprar o nosso barraquim [...]” “(...) nós moramo lá no barraquim lá... uns tempo aí depois ele construiu a casa... aí depois nós vendemo nós compramo essa aqui e vendemo.”
Flor-de-Pitanga	“aí viemos pra cá ... aí ele viajou ... e depois ... eu vim pra cá meus pais resolveram mudar pra cá minha mãe resolveu mudar pra cá ... meu pai ficou lá ... disse que não vinha não ... lá na roça ...”

	“incutido com roça ... aí mandou nós vim ... pra aqui pra cidade ... pra aqui pra Araguaína ... aí eu vim com eles ... aí quando ... meu marido voltou da viagem ele ... alugou uma casa aí nós fomos morar aqui ...” “primeira vez foi na ... perto da casa da cumadi Sabina ...” “foi na Prefeito ... tinha uns ... uns cômodo lá ... tipo kitnet ...” “aí de lá [Nazaré] eu fui pra ... morar perto da casa da mamãe [na Rua 8 do Bairro Senador] depois eu mudei lá pra ... as kitnet da cumadi Sabina ... lá que eu conheci ela ...” “nesse tempo ali ... num tinha ... a água era pouquinha tinha que lavar a roupa no ribeirão ... no Lontra ...” “passeio mesmo era só no rumo da casa da mamãe ... ((risos))” “algumas vezes eu ia passear lá no Nazaré ...” “nesse tempo nós não morava nessa casa não era lá no Bairro São João ...” “[...] mais lá em cima ... lá perto da Primeiro de Janeiro ...” “é lá perto do ... ah nesse tempo nós tinha casa ali na frente ... de frente o estacionamento li da ... secretaria de educação ... nesse tempo era a Unitins ali ...” “[...] morei lá ... meu marido fez a casa lá ... mandou fazer ...” “aí depois ele vendeu essa casa e nós fumo pra ... Setor Noroeste ... comprou uma casa no Setor Noroeste” “na Rua Águas Claras ...” “a primeira casa que ele mandou fazer era na Rua Três de Maio ...” “São João também” “uhum ... só morei mais no Bairro São João ... ((risos))” “morei em três lugar lá no Bairro São João ...” “foi ... primeiro na Rua Três de Maio depois da Rua ... Porto Alegre ... por último ... de aluguel na rua Humberto de Campos ... perto do Colégio Luiz Augusto ...” “moramo ... deixa eu ver moramo seis meses ... na casa alugada [na Rua Humberto de Campos] depois ele mandou construir essa casa lá ... e passamo ... um ano e meio aí voltamo pra ... aqui nós viemo pra ... Rua Humberto de Campos ali perto do Luiz Augusto ... [...] aí de lá é que nós viemos pra cá que ele mandou construir essa aqui ...”
Flor-de-pequi	“[...] ai meu pai teve um problema de saúde sério que não dava mais pra trabalhar na roça ...” “aí viemos aqui pra cidade ... aí meu pai foi trabalhar de ... de vender banana ... carvão ... ele fazia carvão ali no Bairro São João que era mato naquele tempo ele fazia carvão ali e vendia ... então daí começou a nossa vida daí aqui em Araguaína ...” “meu pai comprou uma casinha de palha ... por cima e por baixo ... não sei quem conhece ainda a casinha de palha ... aqui na Avenida Tiradentes mais ou menos entre [as ruas] Cinco e a Seis ...” “e ... e a dona desse lote aqui era a Dona Maria ... que meu pai já conhecia ... e ela queria vender a casa ... meu pai não pensou duas vezes ... vendeu a de lá e comprou essa daqui ... ainda em sessenta e seis ...” “foi jogo rápido ... aí eu briguei eu falei ‘mais meu pai nós tamo morando aqui’ que era mais perto da igreja tudo ‘e o senhor vai comprar uma casa num lugar que só passa lá quem vai pro cemitério ou pro cabaré’ ... pro cabaré por que? porque naquela época aqui na Vila Aliança ... chegando aqui na Vila Aliança tinha o Cabaré ... era Casqueiro ...” “aí então nós estamos aqui e foi um negócio que meu pai fez assim guiado por Deus porque até hoje aquela rua a Rua Tiradentes não é tão valorizada ...” “e essa aqui foi valorizada assim ... num piscar ... e eu estou desde sessenta e seis nesse mesmo endereço nesse mesmo local ...”
Flor-do-ipê	“quando eu vim nós veio ... nós morou na chácara ali perto do ... do Clube dos Trinta ...” “é foi nós primeiro morou ali aí depois quando nós saiu de lá da chácara aí nós veio pra cá ... aí moremo ali no Entroncamento na Rua Canindé ...”

	“De aluguel aí moremo ... fomo pro Setor Couto aí fomo ... mudemo um bocado menino ...” “aluguel vou te falar uma coisa ...” “do Setor Couto ... eu fui pra Vila Cearense ...” “Da Vila Cearense eu voltei fiquei ali no Setor Planalto ... do Setor Planalto nós fomo pro Setor São Pedro que é ali embaixo do Campelo um pouquinho ...” “aí daí nós voltou de novo pro Setor Couto pra Rua F ... aí de lá do Setor Couto nós fomo pro Setor Urbanista lá eu demorei pouco ...” “passei um medo no Setor Urbanista ... lá não é setor de gente pobre morar não ... muito perigoso ...” “são aquelas casarão e uma casinha bem no meio e o povo não quer respeitar ... um dia o cara tava empurrando a porta era de dia mesmo ...” “eu digo ... ‘eu vou sair daqui agora’ ... aí nós arrumemo outra casa na Vila Cearense aí fomo lá pra Vila Cearense ... de lá da Vila Cearense eu consegui a minha casa já saí diretamente pra lá e tô até hoje ...” “moro no Morada do Sol 2 ...” “[...] eu ganhei do movimento luta pela moradia ...” “fazia a inscri/... é a inscrição ...aí surgiu aquelas casas aí eu ... me deram uma e achei bom ...((risos))” “aí tô até hoje graças a meu Deus [...]” “porque aí quando eu ganhei a casa ficou difícil pra mim ... porque lá só tinha o Caic [escola] ... e pra ir a gente ia cedo mas pra voltar ... era tarde e não tinha coletivo de volta só tinha pra ir ...” “porque tarde da noite depois das sete o coletivo não entra mais lá no setor ...” “nem naquele tempo e nem agora ... eu parei na oitava série ...”
Flor-do-buriti	“a cidade era muito diferente de agora naquele tempo tinha muita rua que não era asfaltada ... naquele tempo que nós veio pra cá nós foi morar no Setor Brasil lá era tudo no chão não tinha nenhuma rua asfaltada ... aí nós moremo lá parece que três ano ... aí depois logo nós comprou uma casa ali no centro ... aí lá já melhorou porque lá já era ... a rua era asfaltada ...” “ali na Rua das Palmeira ...” “perto do mercado [municipal]” “ali eu morei quinze ano ali ...” “pois é a minha casa fica ali quase chegando na Rua ... Quinze de Novembro ...” “vendeu ... aí no tempo que nós separou aí ele nós só tinha uma casa lá aí ele queria a parte dele aí nós vendeu e dividiu ...” “aí eu fui morar na Vila Couto ... comprei uma casa pra mim lá ...” “morei lá um bocado de tempo também ... aí depois a minha filha comprou uma casa pra ela lá no ... Boa Sorte ... aí eu fui pra ela dizia é uma que nunca me largou assim toda vida ela morou comigo ...” “aí ela dizia ‘mamãe quando eu comprar minha casa é pra senhora ir morar mais eu ... aí ... aí eu fui porque os ouros tudo já tinha saído ela que morava comigo ...” “aí nós mora lá ... eu moro com ela ...” “já tem sete ano já lá no Boa Sorte ...” “gosto muito de lá ... lá é bom pra gente morar ... tranquilo ... gosto muito de lá ...”

A participante Fava-de-Bolota chegou em Araguaína em 1976, motivada pela contingência do casamento, uma vez que o marido precisou se mudar para trabalhar em um táxi, cujo ponto ele comprou previamente, e pela contingência da moradia, uma vez que, após tantas idas e vindas, a participante valorizava o ter a casa própria e o seu lugar no qual viver.

Também podemos falar na contingência pela sobrevivência, uma vez que Araguaína é significada na fala da participante como o lugar em que se ganha o pão, se referindo ao seu sustento e de sua família. Importante lembrar que na década de 1970 Araguaína despontava como promessa de desenvolvimento e progresso, sobretudo pelas novas possibilidades econômicas resultantes da construção da Rodovia Belém-Brasília.

Fava-de-Bolota se posiciona no lugar de alguém que começou a vida do zero. Este era o sentimento que a acompanhou na ocasião dessa mudança. E este lugar de quem está começando do zero produziu um efeito no sentido de que ela e sua família se empenharam “com muita luta e garra” no trabalho não só de sobreviver, mas também de constituir uma família e uma vida social, expressa na interação com as outras pessoas da mesma rua ou do bairro. Para além da sobrevivência, se desejou também por desfrutar e viver na nova cidade.

A mudança para Araguaína se deu em meio a primeira gestação de Fava-de-Bolota, sendo Araguaína, portanto, a cidade de nascimento de seus quatro filhos, que deram à participante dez netas e netos e um bisneto. A participante mantém relações próximas com seus descendentes, marcadas por muito contentamento e afeto até os dias atuais. O nascimento dos filhos e dos netos, lhe posicionam respectivamente nos lugares de mãe e de avó, considerando que a identidade, conforme Hall (2014), é sempre produzida em relação a uma outra.

Chama atenção também o fato de os filhos permanecerem próximos de Fava-de-Bolota mesmo após terem se casado e saído de casa, garantindo a continuidade da convivência, e a manutenção de uma rede de apoio que, juntamente com a vizinhança e amigos, proporcionam à participante e ao seu companheiro um senso de bem-estar.

Com relação a trajetória socioespacial dentro de Araguaína, também levantamos que a participante se estabeleceu no Bairro São João, desde que chegou, tendo construído sua casa ali, em um processo que começa em uma casa alugada, passa pela construção de um “barraquim”, e culmina na construção do que ela chama de casa, em um momento posterior.

Na segunda entrevista, temos o relato de Flor-de-Pitanga que, como dito outrora, se deslocou para Araguaína pela contingência dos estudos, e se estabeleceu em um primeiro momento no Bairro Senador. Diferentemente da participante anterior,

Flor-de-Pitanga se mudou de casa muitas vezes, e nesse ínterim, também se mudou de cidade em dois momentos que serão posteriormente relatados.

No Bairro Senador, a participante alugou uma casa próximo à casa em que a mãe e os irmãos viviam, e essa proximidade contribuiu para que se estabelecesse uma relação de cuidados entre Flor-de-Pitanga, sua mãe e seus irmãos. Por exemplo, no puerpério da segunda gestação, foi na casa da mãe que a participante encontrou cuidados, e, ao longo de sua trajetória socioespacial, a nossa participante exerce o cuidado, não só com a mãe, como com irmãos e sobrinhos.

Posteriormente a participante alugou uma quitinete nas proximidades da Vila Aliança, relatando ser um lugar pequeno, com três cômodos, e com um banheiro do lado de fora da casa, como enfatizou. A participante sempre cuidou do marido e da casa, e nessa época relata que lavava roupas em alguns rios da cidade, a saber, o Córrego Baixa Funda, localizado onde hoje é o Bairro Itaipu, o Rio Lontra, um dos principais recursos hídricos da cidade de Araguaína, e um rio não mencionado localizado no Bairro JK.

O homem com quem Flor-de-Pitanga se casou tinha melhores condições financeiras, uma vez que se tratava de um servidor público do Governo do Estado do Goiás, e, desse modo, a participante viveu pouco tempo em casa alugada, passando a morar em casas construídas pelo marido.

Em meio a trajetória socioespacial intraurbana, se interpõe dois momentos na vida de nossa participante onde ela deixa Araguaína temporariamente e se muda para a cidade de Nova Olinda. Embora vivendo pouco tempo por lá, importa resgatar que o motivo de sua ida se deu porque o marido sentia ciúmes dela pelo fato de ela ir à escola, encontrando na mudança de cidade um subterfúgio para a impedir de estudar. Flor-de-Pitanga retornou de Nova Olinda à Araguaína pela segunda vez em 1985, ocasião do nascimento de sua segunda filha.

A terceira casa onde viveu ficava situada no Bairro São João. Posteriormente, Flor-de-Pitanga se mudou para o Setor Noroeste, e depois de lá, temos um outro momento em que a participante deixa a cidade de Araguaína, se mudando para Conceição do Araguaia, Estado do Pará, motivada pelo desejo do marido de ir morar próximo aos filhos do primeiro casamento.

Quando retorna para Araguaína, Flor-de-Pitanga passou a viver em uma casa alugada no Bairro São João, e somente em 1999 ela se muda para a casa na qual vive até hoje, no Bairro Araguaína Sul. Em 2004, a participante se muda

temporariamente para Goiânia e fica cinco anos por lá, e mais uma vez o motivo de seu deslocamento foi dado pelo marido, que, necessitando de cuidados médicos, decidiu morar mais próximo da sede de seu plano de saúde. Em 2009, Flor-de-Pitanga retornou para sua casa em Araguaína, onde vive até hoje.

Assim como observado nas trajetórias socioespaciais intermunicipais de nossa participante, observamos nas trajetórias socioespaciais intraurbanas que ela continuou sendo posicionada pelo marido no lugar da esposa que necessita acompanhá-lo incansavelmente de forma resignada, e foi lhe designado ainda o lugar da cuidadora da casa, do marido, e dos filhos, de maneira que sua trajetória socioespacial foi fortemente delineada pelas necessidades e vontades desta outra pessoa.

Em meio a sua trajetória na cidade de Araguaína, a participante também se torna mãe, assumindo para si a posição-de-sujeito da mãe que cuida, nem que para isso precise se deslocar grandes distâncias, como quando a filha, após ter ido viver em outro estado, adoeceu e precisou de cuidados, de maneira que Flor-de-Pitanga empreendeu uma viagem para o sul do país para prestar esta assistência e este cuidado.

Em momentos finais da entrevista, Flor-de-Pitanga muito cuidadosamente, como quem desvela um segredo, afirma ter passado em um concurso público para o cargo de professora no ano de 1984, e que foi impedida de assumir o cargo pelo marido, afirmando de forma muito resignada que ficou sem o concurso, sem o emprego.

Nesse momento, ela se posiciona em sua própria história, como alguém que foi dependente do marido, e que viver de modo independente foi um desejo não somente dela, como também de seu pai, desejo não realizado que lhe produziu um sentimento de frustração, de modo que podemos inferir que a contingência do casamento mudou a trajetória socioespacial de Flor-de-Pitanga, e também o modo como significou a si mesma, restando o pesar por toda a trajetória socioespacial outrora idealizada.

Ainda no que diz respeito às trajetórias socioespaciais intraurbanas e suas contingências, apresentamos o terceiro relato, da participante Flor-de-Pequi, cuja contingência que a levou a se deslocar para Araguaína, em 1966, como dito anteriormente, foi pela saúde, no caso a saúde do pai. A participante e sua família se estabeleceram no Bairro São João, e uma vez lá, se mudaram de casa, porém permaneceram no mesmo bairro.

A mudança em um primeiro momento foi contestada pela participante, uma vez que a nova casa ficava em uma região na qual, segunda ela, somente passavam as pessoas que iam para os cabarés ou para o Cemitério São Lázaro, pessoas que aparecem no discurso da participante como “esse tipo de gente”. A região, quase às margens da Avenida Filadélfia, que futuramente veio a se tornar rodovia estadual (TO-222), era periférica, considerada um anexo do Bairro São João, e significada como um lugar inadequado para morar. Tal impressão não permaneceu muito tempo, haja vista que a rua, também muito próxima da Avenida Prefeito João de Sousa Lima, se tornou muito valorizada ao longo do tempo, devido a intensificação do comércio local.

A participante Flor-de-Ípê também se deslocou bastante dentro da cidade de Araguaína, na qual chegou no ano de 1999, diferentemente das demais participantes, Flor-de-Ípê morou, em um primeiro momento, em uma chácara nos arredores da cidade, tendo acessado Araguaína, portanto pela borda. A participante também difere das outras no sentido de que chegou em Araguaína em um momento posterior, já no final da década de noventa. Sem casa própria, com um marido que se metia em confusão, e com filhas para criar, restou à participante alugar uma série de casas em distintos bairros da cidade.

Duas histórias chamam atenção, ao se analisar essa trajetória socioespacial, a saber, a dificuldade que foi morar em um setor caracterizado por ter grandes casas, e sendo considerado um bairro mais elitizado à época. A participante relembra que sua casa era uma casa simples em meio às casas de alto padrão e, portanto, um alvo mais fácil para criminosos. Ao mencionar esse período, ela se posiciona na categoria de gente pobre.

Uma segunda história, diz respeito à aquisição de sua casa própria, conseguida através do Movimento de Luta Pela Moradia, marcando, portanto, um momento de trégua de tantas mudanças, e de ter que pagar aluguel. Viver no Bairro em que vive atualmente lhe permitiu ter um lugar onde pudesse repousar e chamar de seu, e por outro lado, também trouxe dificuldades, sobretudo no que diz respeito à trajetória educacional, uma vez que a escola pública mais próxima estava situada a uma grande distância de seu bairro.

Como a participante somente podia estudar à noite, o seu deslocamento até a escola ficava comprometido, uma vez que até hoje, após às sete horas da noite, o ônibus não circula mais no bairro em que Flor-de-Ípê vive, fazendo com que a participante tivesse dificuldades para voltar pra casa após sair da aula.

Finalmente, tem-se a trajetória socioespacial intraurbana da participante Flor-de-Buriti. Quando ela se mudou para Araguaína, motivada sobretudo pela contingência dos estudos para os filhos, ela morou em um bairro que ainda não tinha saneamento ou asfalto. A participante menciona que a condição de vida melhorou, e o relato da rua asfaltada é um marcador dessa melhoria. Em dado momento de sua trajetória a participante foi morar no centro da cidade.

Do centro da cidade, Flor-de-Buriti, se mudou para a Vila Couto, um bairro bastante afastado do centro da cidade, motivada pela contingência do casamento, do qual o marido pediu o divórcio e a sua parte da casa, fazendo com que nossa participante precisasse vender a casa, sair do centro da cidade e ir para esse bairro mais distante.

Da Vila Couto, Flor-de-Buriti se mudou para o Jardim Boa Sorte, movida pela contingência familiar, indo viver com a filha, uma vez que todos os outros filhos já haviam saído de casa. A participante convive em uma relação de afeto com essa filha, sendo apoiada em sua velhice, e ao mesmo tempo contribuindo sobretudo com o cuidado dos netos e da casa.

O Jardim Boa Sorte é um residencial privado, caracterizado por possuir casas de alto padrão, e pela tranquilidade, graças à sua localização geográfica mais afastada, estando nos limites da cidade. O bairro também está numa altitude mais elevada, o que também contribui para que seja um bairro bastante ventilado, arejado e silencioso.

Atualmente, as cinco pessoas entrevistadas nesse trabalho, vivenciam melhores condições ambientais para envelhecer em casa, uma vez que possuem uma relação de afeto com o lugar, sobretudo se pensarmos no quanto se esforçaram para conseguir as suas casas, após trajetória socioespacial longa e marcada por muitas lutas, nas experiências que narram em suas histórias, e no apoio familiar e comunitário que cada uma, ao seu modo, possuiu.

Embora as residências em que vivem no município de Araguaína estejam próximas a alguns serviços importantes, como a Unidade Básica de Saúde, ou parques e praças, ainda é necessário se pensar e desenhar uma cidade cujos espaços públicos permitam um envelhecimento mais digno para todas as pessoas, sob o risco de nos engajamos em práticas de ageísmo ambiental (Rocha et al., 2023).

As trajetórias socioespaciais das pessoas idosas podem contribuir, portanto, para uma melhor compreensão da proposta do *aging in place* ao apontar para os

deslocamentos e pausas dentro da cidade, as contingências que os motivam, e as necessidades e demandas que as pessoas, em sua velhice, apresentam.

A seguir, prosseguimos com a análise desenvolvida neste capítulo, voltando-nos agora à primeira subcategoria que compõe a segunda categoria de análise, a saber, as influências normativas graduadas por história nos relatos das trajetórias socioespaciais das participantes, não perdendo de vista o modo como as contingências vão produzindo movimentos e pausas. Para tanto, considera-se o quadro 5.

Quadro 6: Quadro matricial da categoria “influências normativas graduadas por história”:

Verbalizações	
Fava-de-Bolota	“e aí a gente estudando ... e ela toda a vida (sendo) aquela pessoa muita garra e luta de muito trabalho [...]” “mas foi muito bom graças a Deus ... aí quando ... eu ... eu ... estudei ... fiz até o ensino médio [...]” “minha trajetória escolar ... eu comecei a estudar ... lá em Gurupi ... lá eu fiz até o ensino fundamental mas não terminei ...” “e a gente pagava sempre pagava o INSS né ...” “e quando eu passei pra meu filho que ele ficou desempregado ... aí eu passei pra ele nós vendemo o ponto pra ele aí ... nós ficamo pagando [o INSS] ... éh ... particular ...” “e ... foi muito bom porque hoje eu sou aposentada ...” “aposentei em dois mil e vinte ...”
Flor-de-Pitanga	“foi mas eu já estudava ... tinha estudado ... tinha feito a alfabetização lá no ... né ... lá no sertão ...” “tinha o professor lá ... era até estadual ... era ... estadual o professor lá ... a escolinha lá era estadual ... aí ele ... faleceu ... esse prof/eu tava na primeira série quando ele faleceu ...” “aí eu ... estudei mais uma vez a primeira série ... aí passei ... aí quando eu cheguei lá Nazaré comecei na segunda ... segunda série ...” “é quando eu mudei pra lá eu fui estudar a segunda série ...” “lá começamo a namorar ... ((risos)) aí terminamo casando [...] em mil novecentos e setenta e nove ...”
Flor-de-Pequi	“aí aqui em Araguaína quando nós chegamos eu fui estudar na Escola Paroquial Sagrado Coração de Jesus ...” “de lá eu fui para a Escola Alfredo Nasser ...” “do Alfredo Nasser eu fui pro Santa Cruz fazer admissão ... no tempo que fazia o quinto ano da admissão ...” “lá eu fiz o quinto ano da admissão e fiquei até ... a conclusão do ensino médio em contabilidade ...” “aí depois eu fiz normal superior ... normal o superior era normal? era ... fiz normal ... éh ... que os projetos que tinha igual tem essas faculdade hoje de final de semana de tudo aquele tempo eu fiz o normal porque eu já tinha o ensino [médio] ...” “[...] aí eu fiz o normal ... e aí fi ...casei [...] aí eu já tinha dezenove anos ...” “[...] aos sessenta e três aposentei ...”

Flor-de-Ipê	“aí crescemo ... num estudei estudei só até a quarta série lá só tinha só isso ... passou daí ... aí tinha que sair pra fora pra estudar mas aí meu avô não () não sentiu ... tinha uma tia que queria me levar pra estudar mais ... “não não sai daqui não só sai quando ...” aí naquele tempo cê sabe os fi tinha medo de sair da casa dos pai ...” “aí eu fiquei ... com dezenove ano eu me casei o marido também não gostava muito de negócio de ... de estudo era só cuidando da roça ... a nossa missão a nossa roça era isso quebrar coco e ir pra roça ...”
Flor-de-Buriti	“aí eu me criei trabalhando na roça quase não estudei porque não tinha naqueles tempos pra ter aula era muito difícil escola no sertão [...] eu só tinha a terceira série ...” “foi ... foi bom ... que eu casei em sessenta e sete ... eu tinha dezenove ano naquele tempo eu era bem novinha [...]” “[...] fiquei lá até quando cheguei o tempo de aposentar ... não aposentei pelo estado porque nunca me ... me efetivaram lá no estado ...” “eu tinha minha carteira assinada mas eles não me efetivaram ... eu che/ eu aposentei pela idade [...] em dois mil e onze ...”

Importante demarcar mais uma vez que este grupo de influências se trata de uma sucessão previsível de mudanças psicossociais decorrentes dos processos de socialização, às quais cada coorte está exposta (Neri, 2006), e que incluem, por exemplo, o ingresso na escola, demarcando o início do processo de escolarização, a instituição do casamento, e a aposentadoria por idade.

A trajetória socioespacial de Fava-de-Bolota, conforme já visto, perpassa por diversas cidades do antigo Norte Goiano, em que ela, a mãe, e os irmãos, se mudam de cidade algumas vezes em busca de sua sobrevivência, e nesse ínterim, a participante relata o seu acesso à escola quando ainda vivia em Gurupi, contudo, Fava-de-Bolota começa os estudos mas não os conclui quando ainda criança.

O processo de escolarização pode ser compreendido como uma influência normativa graduada por idade, uma vez que se espera que todas as crianças tenham acesso à escola para que aprendam os conceitos necessários para o seu desenvolvimento, mas há especificidades, frutos de muitas desigualdades sociais, na trajetória socioespacial das pessoas, que fazem com que esse processo de escolarização seja interrompido.

Na trajetória socioespacial de Fava-de-Bolota, podemos atribuir tal ruptura ao grande número de mudanças entre cidades, mas também à contingência pelo casamento e à contingência pela maternidade, que contribuíram para que a participante fizesse uso do tempo de grande parte de sua vida no trabalho reprodutivo, no cuidado com a casa, com o marido, e com as crianças, e também no trabalho produtivo, contribuindo com a economia do lar.

Contudo, também é possível uma reflexão acerca da educação no antigo norte goiano a partir de Silva (2020), que a retrata como bastante incipiente e precarizada na década de 1950, tendo se desenvolvido após a vinda da Missão Orionita que, dentro de um plano para a catolicização da região do antigo Norte Goiano, institui ações para a formação de professores, e oferta de ensino para as crianças da região, sobretudo aquelas que habitavam as cidades que se tornaram maiores centros urbanos em momentos posteriores da história.

Uma vez interrompido o processo de escolarização, as pessoas podem retornar à escola em algum momento de suas trajetórias, em que as condições sejam mais favoráveis. Nesse caso, defendemos que ela deixa de ser um processo normativo graduado pela idade, e passa a ser um processo não-normativo, de maneira que essa discussão será retomada em momento posterior dessa análise, momento este dedicado às influências não-normativas contidas nas trajetórias socioespaciais dos sujeitos.

Uma outra influência graduada pela história, na trajetória socioespacial de Fava-de-Bolota foi o seu processo de aposentadoria pelo INSS, que, do ponto de vista da identidade a posiciona na posição-de-sujeito de mulher aposentada, no auge de seus 64 anos de idade, coroando uma trajetória socioespacial que até então foi caracterizada por muitas idas e vindas, e em todas elas, muito trabalho.

A história de Flor-de-Pitanga também abriga um retrato do que era a educação no antigo norte goiano: incipiente, pouco ofertada, e que disputava espaço com o trabalho nas lavouras. A participante dessa pesquisa inicia o seu processo de escolarização quando criança, conforme o esperado para a idade, no entanto, o momento da escola em sua trajetória socioespacial também disputava lugar com o trabalho na lavoura, e no sertão. O trabalho na lavoura desde muito cedo pode ter sido a realidade de muitas crianças à época, e esse trabalho muitas vezes era realizado concomitantemente ao trabalho em casa, no cuidado com a casa ou com os irmãos, por exemplo, principalmente entre as meninas.

A participante da pesquisa relata ter sido reprovada na escola quando criança porque precisou se ausentar para acompanhar a mãe até a cidade de Tocantinópolis para assisti-la na ocasião do parto e puerpério de sua irmã mais nova e, da mesma forma que a participante anterior, a escolarização, em momento posterior de sua vida, se tornou um processo não-normativo que também será discutido em momento mais adequado.

No que diz respeito à participante Flor-de-Pequi, temos que ela entrou na Escola Paroquial do Sagrado Coração de Jesus quando criança, tendo cumprido os seus anos escolares, e realizado alguns cursos técnicos que permitiram o seu ingresso no mercado de trabalho, onde trabalhou como caixa de farmácia e atendente de enfermagem. A realização de um curso de nível superior se deu pelo seu ingresso em um curso Normal Superior que possibilitou sua posterior inserção na área da educação onde atuou principalmente como professora concursada desde 1993.

A participante, se posiciona outrora como a filha única e amada, e relembra o cuidado dos pais com relação à sua vida, não excluindo a sua educação. Diferentemente das outras participantes, Flor-de-Pequi não trabalhou no campo durante a infância, tendo a sua trajetória socioespacial sido predominantemente urbana.

Flor-de-Pequi narra ter frequentado a escola desde sempre, sendo, inclusive a participante que detém maior renda com relação às outras, haja vista que pôde estudar, se ocupar em uma profissão um pouco mais valorizada, e se valer, ainda, da renda dos aluguéis de seus imóveis. A participante relata que casou com dezenove anos de idade.

A trajetória socioespacial de Flor-de-Pequi é caracterizada por um maior acesso a bens de consumo, uma vez que sempre morou em uma região que veio a ser mais centralizada com o passar dos anos, e por ter trabalhado desde muito jovem, garantindo-lhe uma maior autonomia, sobretudo por causa da renda tanto aquela oriunda de seu trabalho como professora quanto a renda de um estabelecimento comercial em uma das principais avenidas da cidade que aluga até os dias de hoje.

Curiosamente, ao longo da entrevista, a participante sempre reforça a ideia de que o seu salário não é lá grandes coisas, mas são suficientes para comprar os seus remédios, que vive uma vida simples na qual vive com o básico, e que não é nada sofisticada, se colocando constantemente na posição-de-sujeito de uma mulher modesta. Aos sessenta e três anos de idade, Flor-de-Pequi se aposentou, se posicionando também no lugar de mulher aposentada.

A quarta mulher entrevistada, a saber, Flor-de-Ipê, também relata a infância vivida no campo, onde não havia tanto espaço para o brincar, e ao mesmo tempo sobrava espaço para a árdua tarefa de quebrar coco-babaçu para extração do azeite, inclusive se posicionando na posição-de-sujeito de quebradeira de coco-babaçu, significando, inclusive que esta posição-de-sujeito era mais atribuída às mulheres,

como se fosse um trabalho mais leve, ao passo em que aos homens era destinado o trabalho da roça.

A participante relata ter estudado até a quarta série do ensino fundamental, e que no município em que vivia não havia oferta de ensino para além do fundamental, sendo necessário se deslocar para outra localidade para isso, o que não aconteceu, considerando que o avô, quem a criou, não permitiu que ela saísse.

Ao relatar sua vida escolar na infância, a participante narra as condições da escola em que estudou na época: um local sem cadeiras, o que demandava que os alunos levassem cadeiras de suas casas, e onde também não havia merenda escolar. As férias escolares, eram aguardadas ansiosamente, não para descansar ou brincar, mas porque era a época do ano em que se quebrava coco-babaçu pela manhã, quando o sol estava menos intenso, ao invés do horário habitual da tarde.

Com relação ao seu casamento, a participante narra que se casou com dezenove anos de idade, mas o marido com quem casou também não era aberto à ideia de estudar, condicionando, portanto, que Flor-de-Ipê se dedicasse tão somente ao trabalho da roça e o trabalho de casa.

Finalmente, apresentamos as influências graduadas por história da quinta participante entrevistada, a saber, Flor-de-Buriti. Como a maioria das mulheres participantes, ela possui um baixo nível de escolaridade, tendo estudado somente até a terceira série do ensino fundamental, tendo que conciliar os estudos com o trabalho na lavoura, e vivenciando a realidade de se viver em um lugar no qual a escola ainda não havia chegado.

Uma vez tendo se casado aos dezenove anos de idade, a participante mudou juntamente com sua família para Araguaína em busca, sobretudo, de melhores condições para a educação das crianças e, embora mencione que o seu marido a largou, ela não fala sobre situações de maus tratos e violências.

Uma outra influência normativa graduada pela idade foi a aposentadoria, em 2011, a participante se aposentou pela idade, após ter trabalhado longos anos no serviço de limpeza da OSEGO, que, com o passar dos anos, se tornou o que é hoje o Hospital Regional de Araguaína (HRA). No que diz respeito à identidade, a participante assume a posição-se-sujeito de trabalhadora do campo e, portanto, incapaz de fazer outra coisa na vida a não ser limpar, se utilizando dessa representação para falar acerca de seu trabalho no serviço de limpeza da OSEGO.

Após a aposentadoria, a participante, agora posicionada como mulher aposentada, diz passar grande parte do tempo em casa, trabalhando nos afazeres domésticos, e fazendo crochê, se representando como alguém que é incapaz de ficar sem fazer alguma coisa.

Finalmente, no que tange à categoria influências normativas graduadas por história, a escolarização na infância, o casamento, e a aposentadoria são as influências que mais emergem na fala dessas mulheres. As participantes, com exceção de Flor-de-Pitanga, relataram dificuldades no sentido de estarem mais lentas, ou terem maiores dificuldades de aprendizagem, no entanto, não se pode afirmar enfaticamente que tais alterações se deram em decorrência da velhice, mesmo sabendo que a senescência traz consigo algumas alterações no campo da cognição.

Se faz importante, levar em consideração o fato de suas trajetórias socioespaciais caracterizadas serem demarcadas por poucos anos de escolarização, um árduo trabalho no campo, e uma coleção de dissabores, que, na perspectiva trazida por Teixeira (2023, p. 48), são condições macrosociais, psicossociais e culturais que produzem efeitos sobre as alterações de cunho biológico, podendo, portanto, serem fatores de risco para déficits na cognição.

Um ponto, também a se observar, é a demarcação que a aposentadoria produz na vida dessas mulheres. Após trajetórias socioespaciais tão árduas e repletas de lutas e desafios, a aposentadoria chega como que para coroar as suas vidas, inaugurando um tempo em que não precisarão trabalhar, em que poderão utilizar o tempo com outras atividades de lazer, como viajar, participar do programa de extensão, fazer crochê, ou simplesmente ficar em casa sem ter que se preocupar tanto com a própria sobrevivência.

A seguir, dando continuidade à análise desenvolvida neste capítulo, nos voltamos agora à segunda subcategoria que compõe a segunda categoria de análise, a saber, as influências não-normativas que emergiram nos relatos das trajetórias socioespaciais das participantes, não perdendo de vista o modo como as contingências vão produzindo movimentos e pausas. Para tanto, considera-se o quadro 6.

Quadro 7: Quadro matricial da categoria “influências não-normativas”:

Verbalizações	
Fava-de-Bolota	“foi muito triste essa separação porque nós somos sete irmãos e meus irmãos tiveram que ser também separados ... uns uns ficou ... ficou três com minha mãe três com ele e um ficou com minha vó ...” “aí depois que eu já estava aqui em Araguaína que eu terminei o ensino fundamental na na Escola André Luís ...” “e fiz o ensino médio no Colégio Estadual Guilherme Dourado ...” “tive que me ausentar um tempo pra poder cuidar da saúde ... da da tireóide porque na época não tinha endócrino aqui em Araguaína ... e aí eu fui pra Brasília ... fazer tratamento em Brasília ...” “(...) aí ficou uma pessoa da família dele pra ajudar com os menino ... e ... e eu fiquei lá ... fiquei uns ... uns quatro meses lá cuidando ... mas voltei bem graças a Deus ... e ... mas faço tratamento até hoje desde setenta e nove até hoje ...” “faço ... eu ten/nho problema de de ... de pressão alta ... eu faço também ... agora esses tempo agora eu fui fazer uma ... um cateterismo fiz um cateterismo deu algumas ... algumas artérias já meio complicadinha tô ...” “e aí eu tenho vários probleminha assim de saúde mas são coisas assim que vai [...] que vai levando né ... o mais complicado é essa dessa tireóide mesmo que ela é terrível ... e esse probleminha que deu agora também na no coração assim mas () faço tratamento ... eu tô sempre no médico tô cuidando né ...” “aí agora tô saindo dessa cirurgia de catarata pra poder ver as coisa melhor ...” “aí o ensino superior é na na UNIAL ... ((risos))” “[...] nós temos um é inclusive a metade dessas pessoas que são amigas que eu gosto que a gente se combina bem nós nos conhecemos na UNI/ na UNIENVA que na época era éh () UNIENVA depois veio a UMA ... e depois a UNIAL né ...” “A UNIENVA foi ant/foi primeiro depois que foi a UMA ...” “então a gente fez desde lá até agora a gente foi fazendo amigos né amigos assim ... nós temos amigos assim super legal nós temos nosso grupo que chama Grupo da Alegria [...] então a gente se encontra ...” “((então)) então a gente se encontra direto sabe ... e ... e a a nós já fomos a passeio ... inclusive nós já fomos até ... esse ano passa/ ano passado? não ... ano atrasado nós fomos mesmo no Rio de Janeiro ...” “aí a turminha ... foi uma viagem super legal foi muito boa ... e fomos ... (andamos) lá naquela praia de Copacabana [...] andamos lá fomos no Cristo ...”
Flor-de-Pitanga	“(é ter) que ... aí muda muita ... demora ... aí já não lembro muito das coisa ...” “aí ... eu fico mais ... mais lenta pra ... fazer as coisas ... ((risos))”. “é ... cada dia mais lenta mais ... distraída ...” “éh de ... tem osteoporose e ... tomo remédio pra ... é Turan T4 ...” “acho que é o ... é o hipotireoidismo ... acho que é ...” “é ... da tireóide ... da osteoporose também ... a da osteoporose já faz mais tempo [...] que eu tin/ que eu descobri né ... só que eu não ligava muito de tomar remédio não ...” “aí uns três ano pra cá que eu fui fazer exame de novo e tava muito ... os osso tava muito fraco aí a doutora disse que tinha que ... ficar tomando remédio da osteoporose ...” “ah eu fiquei ... fiquei desanimada pensei assim ... “nossa agora não posso mais nem cair” ... ((risos))” “tem que andar com cuidado pra não cair ... senão vai quebrar osso ... ((risos))” “eu tava pensando de an/aprender a andar de bicicleta ...” “(...) depois que meu marido morreu ... aí fui logo descobrir que tinha osteoporose ... acho que foi dois mil e ... doze ... ou foi dois mil e treze ...” “faz aí falei ‘não ah não vou andar de bicicleta não é perigoso ... cair e quebrar o osso’ ... ((risos)).”

	“aí ... eu fui consultar com o otorrino ... aí ele .. a otorrina que era Renata .. aí ela mandou fazer um bocado de exame tireóide e tudo ... aí descobriu que tinha ... esses nódulo na tireóide ...” “aí tinha que ficar tomando remédio contínuo ... ((risos))”. “aí acabou passou ah e tinha anemia também anemia labirintite ... desse dia que eu tava tonta era porque por causa da anemia ... disse que a anemia que deu labirintite por causa da anemia deu labirintite ...” “((risos)) aí quando eu tomei os remédio aí acabou as tontura ...”
Flor-de-Pequi	“porque quando eu tive ... em dois mil e sete ... eu tive um AVC isquêmico ...” “aí eu esqueço de muita coisa às vezes eu vou falar ‘Hugo’ e eu não lembro o nome ‘Hugo’ ... eu falo ‘oi filho oi amor tudo bem querido? por que? porque aquele nome não veio na minha mente ... às vezes em seguida volta ... outras vezes não ... óh ...” “leva tempo pra voltar o nome de Hugo ... aí eu tive que sair da sala ... aí eu perdi o direito ... de professor ...” “aí eu fui ... eu fiquei como se chama Severina ...” “eu fui pra biblioteca eu fui pra secretaria ... e eu ficava auxiliando professor ...” “até ... secretária ... eu ficava fazendo todas as funções que não exercesse de mim muita ... resposta imediata ...” “melhorei muito ... mas eu ainda tenho essas dificuldades essas limitações ...” “eu ... eu tenho acompanhamento de cardiologista ... eu tenho acompanhamento de nutricionista ... éh reumatologista ...” “ortopedista ... tem mais um ... sei lá mais qual é não ...” “é ... eu sempre tô procurando alguma coisa agora mesmo eu fiz um check-up geral com a nutricionista de vitaminas essas vitaminas aquelas sempre eu tô buscando ...” “esqueço ... e muitas coisas assim ... eu não sou de esquecer os meus compromisso primeiro porque eu anoto nas paredes assim óh sabe [...] pra mim não esquecer ...” “é ... mas eu esqueço de fatos de acontecimentos ...” “às vezes eu tento ... aí cê diz ‘não você fez isso assim assim nós fizemos isso’.” “até ... dois mil quando meu marido me largou ... eu não conhecia Babaçulândia ...” “e aí ele me largou em noventa e nove ... dois mil início de dois mil ... minha faleceu no final de noventa e nove ... e uma vizinha aqui que era uma ... uma tia do coração pra mim a Dona Pedrina ... foi pra Porto Seguro em dois ... disse ‘() cê vai mais vai comigo’ eu falei ‘não’ ... ‘vai’ ... e me incentivou e tudo ... e eu fui em dois mil pra Porto Seguro a primeira viagem que eu fiz ...” “fui pra Porto Seguro ... rapaz de lá pra cá ... deu certo eu tô arrastando mala ...”
Flor-de-Ípê	“t[e a saúde como anda] tô bem graças ao meu bom Deus ...” “não ... eu faço uns [exames] deito cedo durmo cedo e levanto cedo também ... a minha ... tem vez que eu tô sentada assim que ‘mãe vai dormir e deitar’ seu eu deitar eu não durmo seu tiver de cochilar eu cochilo ali sentada ali e levanto na mesma hora () porque seis da manhã já tô esperando o coletivo ... mas também tem dia que não assisto o Jornal Nacional já tô dormindo ... ((risos)). “é eu aposentei ... primeiro eu () ganhar o direito de pensão né por morte ... ele morreu de acidente tava trabalhando de carteira assinada ... aí os direito foi pra mim ... aí eu estudei depois disso ... em dois mil e oito dois mil e nove eu estudei ...” “eu faço parte da Igreja Universal ... a única as duas coisa que eu faço é a Igreja Universal e aqui a UNIAL ... ((risos))”. “porque ficar em casa só matando mosquito não presta não ... ((risos)) ... tem que ter atividade pra fazer ... aí cheguei aqui que achei essa ... essa turma boa aí tudo da mesma idade a gente fala a mesma língua ... aí deu tudo certo ...”

Flor-de-Buriti	“aí quando eu vim pra cá pra Araguaína foi que eu ... aí eu fui pro Jorge Amado fiz a quarta série ... aí fiz a quinta a sexta a sétima a oitava ...” “aí depois eu fiz o ensino médio na ... não sei nem o que é era o segundo grau que falava naquele tempo ...” “aí me arrependo muito de não ter feito a faculdade porque naquele tempo eu tinha cinquenta e poucos anos ...” “aí logo eu tive do em sessenta e oito eu ganhei a primeira filha ... aí tive cinco filho ... quatro mulher e um homem graças a Deus ... e... foi bom minha vida foi ... moramo na roça muitos ano aí depois que nós viemos pra cá pra Araguaína aí meu marido me largou por outra ... mas eu os meu fii já tava tudo criado” “((risos)) não aí porque eu já a gente já ficando de idade a gente quase não aprende mais nada e eu toda vida eu fui muito ruim de matemática ... ((risos))” “aí eu parei de estudar ... estudo aqui agora que eu venho pra cá e ... quase não aprendo mais nada mas muitas coisa ainda gravo ainda ... ainda aprende ...” “tem sido ... bom assim porque não é melhor do que a gente ... aparece tanta doença na gente tanta coisa ... ((risos)) mas assim mesmo a gente vai ... levando a vida né vai ...”. “e aí depois que eu ... começou essas aulas aqui aí eu vim pra cá pra UNIAL que é outro divertimento também que a gente tem outra ...a gente aprende muita coisa ...”
----------------	--

No que diz respeito às influências não-normativas nas trajetórias socioespaciais da participante Fava-de-Bolota, observamos que o divórcio dos pais, como já explicitado outrora foi uma contingência que contribuiu para que ela e parte dos irmãos fossem viver com a mãe, cuja busca por melhores condições de existência contribuiu para que vivessem em várias cidades do antigo norte goiano, contribuindo, inclusive para que a sua vida escola ficasse comprometida, vindo a ser retomada anos mais tarde, quando já estava casada e vivendo em Araguaína.

Desse modo, a retomada dos estudos mais tardiamente, foi considerada aqui como um evento não-normativo da vida, uma vez que a escolarização é um processo da vida do indivíduo culturalmente delimitada pela idade, e que geralmente compreende o momento da infância e da adolescência. Fava-de-Bolota concluiu o ensino médio no ano de 1999, e até lá precisou conciliar os estudos com o trabalho de cuidado com a casa, o marido e os filhos.

Nesse sentido, uma questão de gênero pode ser apontada aqui, uma vez que, ao se posicionar e ser posicionada na posição-de-sujeito de mulher, mãe e dona-de-casa, a participante se engajou em atividades de trabalho produtivo e reprodutivo, dosando o seu tempo entre os cuidados de outras pessoas e as questões relacionadas ao próprio desenvolvimento pessoal.

Também, enquanto influência não-normativa da trajetória socioespacial, citamos os processos de adoecimento. Um problema importante de saúde fez com

que a participante precisasse passar quatro meses em tratamento em Brasília (DF), uma vez que a saúde em Araguaína, outrora incipiente, não dispunha de médicos endocrinologistas para cuidar da população. E, com o passar do tempo, alguns problemas crônicos de saúde fizeram com que a participante reduzisse o seu ritmo e redobrasse os seus cuidados consigo mesma, com relação à própria saúde.

Um outro evento não-normativo, e que também fará parte da fala das outras participantes, é o seu ingresso em programas de extensão voltados para a velhice. Fava-de-Bolota participou da UNIENVA, o primeiro modelo de Universidade Aberta à Terceira Idade, proposta pela UFT, e participou da Universidade da Maturidade (UMA), a saber, um programa de extensão da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Atualmente, a participante frequenta assiduamente a Universidade de Identidades, Adulterez e Longevidade (UNIIAL), projeto de extensão da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT).

Participar de todos esses projetos de extensão universitária é representado pela participante como a continuidade de um estudo que, pelas contingências da vida não pôde dar prosseguimento, é o lugar em que a participante se representa a si mesma e se identifica como estudante, mesmo consciente de que a UNIIAL não se configura enquanto espaço de educação formal.

Para Woodward (2014), a identidade não se configura somente em como o indivíduo representa a si mesmo ou como ele é representado, mas também diz respeito aos recursos que estão disponíveis para as pessoas, considerando que há restrições de cunho material, social ou até mesmo físicas que impossibilita que as pessoas se apresentem em determinada posição-de-sujeito. Desse modo, entendemos que a identidade não se trata somente de como a pessoa apresenta a si mesma, mas também das condições concretas que apontam para as possibilidades de existência, e que podem ser evidenciadas por meio das trajetórias socioespaciais dos sujeitos.

Todos os programas de extensão universitária voltados para as pessoas idosas e que foram citados por Fava-de-Bolota, se constituíram em espaços de sociabilidade que permitiram que a participante também se representasse na posição-de-sujeito de uma pessoa rodeada de amigos, contrapondo a representação de que às pessoas idosas se destinam o isolamento e a solidão, e ainda permitiu que a participante se identificasse como uma pessoa que realiza viagens, e que conhece outras cidades e

culturas por meio das excursões promovidas pelas Universidades Abertas à Terceira Idade de Araguaína.

No que tange a essa primeira entrevista, a participante Fava-de-Bolota ainda posiciona a pessoa idosa como um ser ativo, que se movimenta, que faz atividade física, que viaja, e identifica esta pessoa idosa, principalmente a si, como alguém que ainda tem muita coisa para fazer, contrapondo a visão de uma pessoa idosa que está estagnada no tempo e no espaço, vendo a vida passar passivamente, e aguardando a morte.

Assim, a identidade construída na velhice dessa participante é a de uma velhice ativa, potente, que não encerra o sujeito em si mesma, mas que o projeta para a atividades, seja os estudos, seja o lazer, seja a prática de exercício físico, ao longo da vida afora. Ressaltamos que essa potência não se relaciona à ausência de doenças, mas a uma motivação contingenciada pelos novos recursos que essas pessoas passam a acessar, e pelos novos lugares nos quais as pessoas idosas são posicionadas.

As influências não normativas da trajetória socioespacial de Flor-de-Pitanga incluem um processo tardio de escolarização, devido ao trabalho no sertão quando ainda era criança, devido às suas duas gestações, e também por causa das viagens que o marido empreendia (inclusive com o intuito de que Flor-de-Pitanga não pudesse estudar). A participante se apresenta na posição de esposa, mulher e mãe, que acompanhava o marido, que abria mão de si mesma, e da própria história. O marido não permitia que ela viajasse sozinha, que ela trabalhasse, que ela estudasse, condicionando-a a uma vida sob sua sombra e tutela.

A participante relata ter feito um concurso público para o cargo de professora no qual foi classificada, e que, por imposição do marido, não tomou posse, se identificando nesse momento como uma mulher dependente, e expressando um sentimento de frustração ao lembrar desse ocorrido. A identidade de mulher dependente começou a mudar após o falecimento do marido em 2011, momento a partir do qual a participante relata ter tido um pouco mais de autonomia, se deslocando da posição-de-sujeito de mulher dependente para a posição-de-sujeito de “mulher que vai onde quer” e “chega no dia que quiser”.

O luto nesta situação foi um processo ambíguo e desafiador, uma vez que representa o rompimento de um vínculo com um homem com o qual se conviveu há mais de 40 anos. Todavia, também é representado como um momento a partir do qual

seria possível tomar as rédeas da própria vida, viver a vida que se quer viver. Nesse sentido, o luto, enquanto evento não-normativo da vida, também contribuiu para a posição-de-sujeito de mulher viúva e pensionista, uma vez que passou a viver da pensão do marido, cuja carreira foi construída em um importante órgão público do Governo do Estado do Goiás.

No entanto, os processos não-normativos de adoecimento, a saber, o aparecimento de diversas doenças, cujas manifestações e diagnósticos se deram após a morte do marido, contribuíram para que a participante, uma vez fragilizada, não fizesse muito do que imaginou fazer outrora, produzindo um sentimento de frustração, e contribuindo para que Flor-de-Pitanga se posicionasse como uma mulher adoentada, mais lenta, mais distraída, e com dificuldades de lembrar algumas coisas. A participante afirma, em um tom de brincadeira, que não poderia sequer andar de bicicleta sob o risco de cair e fraturar um osso, sinalizando também que é melhor envelhecer do que morrer nova.

A trajetória socioespacial de Flor-de-Pitanga é caracterizada por intenso cuidado de outras pessoas, e, nesse ínterim, sugerimos ela tenha esquecido de cuidar de si própria, passando a fazer isso após a morte do marido, a quem dedicou bons anos de sua vida para cuidar dele. Esse cuidado das outras pessoas contribuiu para alguns deslocamentos, inclusive para outros estados do Brasil, com o objetivo de cuidar do marido e da filha, por exemplo. Atualmente ela vive com o filho, para quem também dispensa cuidados, e ainda dá assistência à mãe e a parentes que porventura precisem de cuidados médicos ou de assistência financeira.

A contingência pelo cuidado contribuiu para os seus deslocamentos, possível, dentre outras razões, pelo pouco estudo e pelo trabalho restrito ao contexto doméstico. A velhice, enquanto processo majoritariamente feminino, em razão da maior longevidade e expectativa de vida de mulheres em relação aos homens, contribui, dentre outras coisas, para que as mulheres assumam cada vez mais o papel de cuidadoras e provedoras de suas casas (Camarano e Fernandes, 2022).

Assumir essa posição-se-sujeito de cuidadora, advém de representações circulantes de que o trabalho de cuidado é algo inerente ao gênero mulher, portanto, há uma expectativa de que as mulheres assumam esse trabalho, bem como pode advir também da tentativa de se posicionar em um lugar marcado pela utilidade, como tentativa de garantir a atenção, os afetos, o espaço, o respeito, e a importância,

sobretudo entre aquelas cuja trajetória socioespacial é marcada por tantas desigualdades e carências.

Quanto a sua participação no Programa de Extensão Universitária voltado para pessoas idosas, ela iniciou no ano de 2012, logo após o falecimento do marido, tendo frequentado inicialmente a UMA, e posteriormente a UNIAL. Flor-de-Pitanga vê, em projetos como estes, espaços tanto de sociabilidade quanto formativos, afirmando que se viaja muito e se aprende muitas coisas nesses espaços, sendo muito melhor frequentá-los do que ficar só em casa. As atividades propostas nesses projetos também contribuem para que muitas pessoas idosas escapem da solidão.

No que diz respeito às influências não-normativas presentes na trajetória socioespacial de Flor-de-Pequi, há o relato de uma emergência médica, que contribuiu para que a participante se tornasse uma “mulher esquecida”, cujas palavras fogem quando precisam ser proferidas, retornando em momento posterior, demandando que a participante faça uso de algumas estratégias, como por exemplo, chamar as pessoas de “querido”, ou de “amor”, quando os nomes das pessoas não vêm.

Esse evento não-normativo contribuiu para que Flor-de-Pequi necessitasse sair da sala de aula, em que trabalhou como professora da educação básica, concursada desde o início da década de 1990, passando a trabalhar na secretaria da escola, auxiliando professores.

A identidade de professor foi posta em xeque nesse momento, e a participante se representou na posição-de-sujeito de “Severina”, de alguém que fazia tudo o que lhe designavam que ela fizesse, não possuindo uma função específica, ou um propósito específico dentro da instituição na qual trabalhava. A situação durou até 2019, momento em que a participante Flor-de-Pequi se aposentou.

O susto decorrente da emergência médica, e as sequelas relatadas pela participante, contribuíram para que ela posicionasse a si mesma como alguém que cuida da própria saúde, enumerando com certo orgulho as consultas médicas que realiza, a categoria de profissionais por quem é atendida, e os serviços disponíveis no bairro vizinho, e que são muito próximos de sua residência.

Desse modo, a sua trajetória socioespacial contou com uma pausa muito importante para o cuidado em saúde da participante, e contribuiu, portanto, para uma maior assistência ao seu processo de envelhecimento e para uma melhor qualidade de vida, apesar dos desafios produzidos pela emergência médica.

Nessa subcategoria de eventos não-normativos, podemos sugerir que as trajetórias socioespaciais, tanto intermunicipais quanto intraurbanas, em associação com os eventos normativos e não-normativos do desenvolvimento, podem se relacionar com o cuidado da saúde das pessoas, uma vez que pode haver diferenças no acesso aos serviços disponíveis nos territórios devido a distância geográfica dos lugares em que se oferta o cuidado.

Um outro evento não-normativo que pode ser mencionado na trajetória socioespacial da participante Flor-de-Pequi diz respeito ao divórcio ocorrido no ano 2000. A virada do milênio representou uma alteração importante na vida de Flor-de-Pequi, é um momento muito desafiador, uma vez que além de perder a mãe, que morreu no final do ano anterior, ainda vivenciou o abandono, situação em que o marido a deixou. Tanto a morte da mãe quanto o divórcio foram significados como processos de luto pela participante, que passou a se reconhecer naquele momento como uma mulher divorciada, assumindo para si esta posição-de-sujeito.

É comum que o processo de construção de identidade se dê atrelado a um nome, no contexto de uma relação, o que ocorre, por exemplo, quando dizemos “a Maria do Paulo”, ou “o Paulo da Maria”, quando nos referimos a duas pessoas que são casadas. Logo, é de se esperar que a ausência da relação produza uma nova e inevitável posição-de-sujeito, uma vez que não há mais a convivência ou o reconhecimento da relação com essa pessoa, que precisará buscar novos referenciais para posicionar a si mesma.

Após ser deixada pelo marido, a participante relata que a rede de apoio que tinha e que tem até hoje lhe deu total apoio e suporte, emocional e financeiro, de modo que Flor-de-Pequi também se posiciona como uma mulher amada, assumindo essa identidade também na vida adulta. O grupo de apoio contribuiu, desse modo, com a produção dessa identidade que veio a ser muito importante no enfrentamento de suas perdas.

Também o divórcio, enquanto evento não-normativo, deu espaço para que a participante pudesse desenvolver maior autonomia, e pudesse se deslocar, ainda que sazonalmente, para diversos lugares para os quais viajou. Na condição de mulher casada, a participante não saía, não conhecia outros lugares, e embora viajasse na cabine do caminhão do marido, que era motorista, via o mundo sempre a partir dessa cabine, sem entrar efetivamente nele.

Nesse ponto da conversa, a posição-de-sujeito assumida por Flor-de-Pequi era a de uma mulher que “arrastava a mala”, significado aqui como alguém que gosta de viajar, e que não depende de muito para tanto. Ela relata que faz até quatro viagens por ano, que gosta de viajar, de conhecer novos lugares, novas pessoas, novas culturas etc. Esse movimento conferiu à participante uma nova maneira de ver o mundo, e melhores recursos para vivenciar a experiência do divórcio. Aqui, apontamos um exemplo de evento não-normativo que, embora desconfortável, proporcionou uma melhora na qualidade de vida da participante.

A trajetória socioespacial de Flor-de-Pequi também traz consigo uma cicatriz muito importante, a saber, a morte de um filho em 2022. Este filho, além de posicionar a participante na posição-de-sujeito de avó, uma vez que também se trata de seu neto, também a posicionou novamente no lugar de mãe e, dada as circunstâncias em que ele surgiu em sua vida, logo após a morte de sua mãe e o divórcio, se tornou alguém profundamente amado e cuja perda foi proporcionalmente sentida.

A perda, de modo muito repentino, deslocou a participante para a posição-de-sujeito de uma mãe sem um filho, alguém cujo mundo presumido ruiu consideravelmente, cujo luto foi profundamente sentido, e para o qual sequer há uma palavra que posicione essa pessoa. Por exemplo, os filhos quando perdem os pais são chamados de órfãos, e as pessoas quando perdem um cônjuge são chamadas de viúvas, mas não há uma palavra sequer, nenhum termo para designar os pais que perdem um filho.

Nesse cenário, por convite da cunhada, Flor-de-Pequi passou a frequentar a UNIAL, um outro evento não-normativo na vida, e que foi significada por ela como um lugar onde foi possível conhecer pessoas legais, conviver, aprender algumas coisas, e reorganizar sua vida em torno da experiência do luto. A participante se posiciona como alguém comedida, mais observadora, e que não faz tantas perguntas.

Passamos a falar agora sobre os eventos não-normativos da vida da participante Flor-do-Ipê, que também traz em seu relato algumas experiências que podem ser compreendidas a partir dessa categoria, por exemplo, o fato de ter ido viver com a avó desde muito cedo, após o nascimento de sua irmã mais nova, e a morte de sua mãe biológica quando tinha onze anos de idade, que fez com que todos os irmãos precisassem viver com a avó. Tais eventos também se deram no cenário da roça, no município de Ananás, no antigo norte goiano.

Do mesmo modo que as outras participantes desse trabalho, Flor-do-Ipê começou a estudar, alternando o turno da escola com o trabalho de quebrar cocos-babaçus na roça, sendo logo impossibilitada de dar continuidade aos seus estudos desde 1971, os retomando em um momento posterior na vida, no ano de 2008, quando já vivia no município de Araguaína. Flor-do-Ipê, já adulta, concluiu o ensino fundamental, sendo impossibilitada mais uma vez devido a localização da casa em que passou a morar estar mais distante, e não contar com serviço de transporte público que a pudesse deslocar até a escola.

A participante relata ter sido deixada pelo marido, no ano de 2008 e, embora ela não expresse pesar pelo ocorrido, ela dá ênfase a este evento da vida em alguns momentos. No entanto, a vida seguiu, e, após ter ganhado uma casa pelo Movimento de Luta pela Moradia, em 2009, o seu marido morreu, em 2010, e a participante assume, nesse momento, a posição-de-sujeito de uma mulher viúva, embora já não convivesse mais com o marido. Tanto o divórcio quanto a viuvez, eventos não previsíveis da vida, contribuíram para que Flor-de-Ipê se tornasse também uma mulher que, além de aposentada, também é pensionista.

A UNIAL também consta como um evento não-normativo da vida de Flor-do-Ipê, cujo ingresso se deu em 2022. A participante relata que desde o primeiro dia em que veio não falhou sequer um dia, e representa o projeto de extensão como um lugar de sociabilidade, em que faz amizades e pode aprender coisas novas. Em momentos posteriores da entrevista, ela cita a UNIAL como um lugar no qual se pode driblar a solidão.

A participante assume para si a posição-de-sujeito de uma mulher ativa, e também a posição-de-sujeito de uma pessoa que não dorme no ponto, que não consegue ficar parada, que está sempre engajada em alguma atividade, e vê na UNIAL a possibilidade de se manter em constante movimento, dado às atividades variadas que são proporcionadas pelo projeto. Ela percebe a si mesma como alguém que está envelhecendo bem, com qualidade de vida, com força, e com coragem.

Finalmente, falaremos sobre nossa quinta participante, a saber Flor-de-Buriti, sob a perspectiva das influências não-normativas. A participante, após ter deixado os estudos, dada as condições de existência marcada pelo trabalho na infância, e pelo fato de morar em uma região com poucas possibilidades de acesso à educação, retorna à escola já na vida adulta, onde, por meio da Educação de Jovens e Adultos (EJA) concluiu o ensino médio.

Flor-de-Buriti relata ter se arrependido por não ter continuado os estudos, e ao ser questionada a respeito, ela traz consigo a representação que tinha na época de que ao se chegar em determinada idade, não seria mais possível aprender algumas coisas, assumindo na fala, a posição-de-sujeito de alguém que sente que está envelhecendo, além da posição-de-sujeito de alguém que sempre foi muito ruim em matemática, e, portanto, incapaz de se formar na escola.

Flor-de-Buriti também vivenciou a experiência do divórcio, tendo sido deixada pelo marido, e tendo mudado de endereço a partir disso, uma vez que o marido, na separação, queria a sua parte dos bens que tinham conquistado juntos. A participante vivenciou uma vida muito próxima dos filhos, encontrando neles uma rede de apoio muito importante na qual pôde se assegurar, e ao mesmo tempo, contribuindo para que todos os filhos tivessem acesso à educação, e à casa própria. Atualmente, Flor-de-Buriti vive com uma filha, tem uma relação próxima com os netos e netas, e uma velhice ativa.

As trajetórias socioespaciais das mulheres entrevistadas nesta pesquisa, foram construídas com muito trabalho, trabalho esse que iniciou ainda na infância, nos sertões, nas fazendas, ou nas casas. Uma vez posicionadas no lugar de menina ou mulher, no antigo norte goiano, o acesso à educação lhes fora negado, o trabalho produtivo e reprodutivo era lhes destinado, não havendo espaço para quaisquer caminhos ou possibilidades de vida para além daqueles que lhes foram impostos.

Importante frisar que o sistema educacional no Brasil é desigual em termo de gênero, classe e raça, e não foi pensado para alguns grupos como mulheres, pessoas negras, camponeses, trabalhadores, tendo sido garantido somente após a promulgação da Constituição de 1988, de maneira que ter estudado somente até determinada série é o que foi possível dada as condições que se tinham, e não podemos. E, na trajetória socioespacial dessas mulheres, a UNIAL, enquanto um programa de extensão vinculado a uma universidade alcançou essas mulheres, e tem alcançado muitas outras pessoas mais.

Uma vez não acessando a educação, ou não avançando em seus anos de escolarização, estas mulheres não tiveram muitas possibilidades de desenvolvimento profissional, ocupando, portanto, postos de trabalho compreendidos como menos privilegiados, como por exemplo, o trabalho reprodutivo, ou o trabalho produtivo de merendeira, o de auxiliar de serviços gerais, ou o de professora.

Este não acesso à educação se deu tanto pelos desafios enfrentados pela população do antigo Norte Goiano, no qual muitos municípios contavam com escolas muito precarizadas, que, por sua vez, não chegavam até às roças ou sertões, quanto também pelas representações que se tinham com relação ao gênero, que também produz identidades (Woodward, 2014) que se expressam na concepção de que às mulheres não cabia estudar, de forma que essas mulheres, ao longo de suas vidas foram posicionadas em lugares subalternos, e circunscritos ao trabalho na lavoura, na casa, e no cuidado para com marido e filhos.

Tais identidades produziram efeitos práticos, no sentido de que elas não conheceram o mundo em primeiro momento, não davam passos mais ousados em direção aos seus desejos que tinham na vida, não tiveram conforto, e não vivenciavam a experiência da autonomia, se reduzindo para caber no espaço que a identidade que lhes impuseram permitia, no mundo sob a ótica do patriarcado e os lugares onde, nesse mundo, as mulheres são deixadas.

O baixo acesso à educação se relaciona, portanto, com uma trajetória socioespacial mais repleta de adversidades e desafios, o que contribuiu para uma velhice mais vulnerável, sobretudo se considerarmos a maior expectativa de vida das mulheres. Apontamos que essa vulnerabilidade se torna menor devido o apoio recebido pelos familiares, e também quando entra em cena o projeto de extensão universitária que as acolhe, que as reúne, e cujas atividades as colocam em movimento e em comunidade.

Notamos, nas falas de Fava-de-Bolota, Flor-de-Pitanga, Flor-do-Ipê, e Flor-de-Buriti, um lamento no sentido de não poderem ter estudado por longo tempo na infância, ou por terem interrompido os estudos em um determinado momento, ou ainda por não terem concluído, mesmo depois de terem retornado à escola quando adultas. Mais à frente, falar-se-á sobre como a UNIAL atenua as culpas com relação à baixa escolaridade.

Uma vez que “as identidades são os nomes que atribuímos às diferentes maneiras como nos posicionamos ou somos posicionados dentro das narrativas do passado” (Hall, 1994, p. 394), podemos também inferir, pela fala das participantes, uma posição-de-sujeito de cuidadoras ou de provedoras, identificação que também surge a partir do gênero, no contexto das relações sociais, pela contingência da família ou pela contingência da maternidade.

Essas mulheres se posicionam ou são posicionadas no lugar de cuidadoras, e, desse modo, quer com o seu tempo, quando cuidam de marido, filhos e/ou netos, quer com a sua renda, decorrente da aposentadoria ou pensão, elas ainda contribuem ativamente para a economia de suas casas. Este é um ponto de encontro importante, entre as trajetórias socioespaciais e a identidade, uma vez que os deslocamentos, os movimentos e as pausas são apreendidos por meio das histórias de vida, tornando possível, segundo Cirqueira (2010) entender os posicionamentos das participantes frente ao mundo.

O casamento, enquanto influência normativa graduada por história é um evento que aconteceu de modo semelhante para todas as participantes, com exceção de Flor-de-Pitanga, que se casou aos vinte anos, todas se casaram aos dezenove anos de idade. Nas trajetórias socioespaciais de Fava-de-Bolota, Flor-de-Pitanga, Flor-de-Pequi e Flor-de-Ipê, o casamento contribuiu para que estas trajetórias fossem mais restritas. Uma vez sendo posicionadas no lugar de mulheres casadas ou de mulheres mães, cuja identidade, em circunstâncias práticas às limitavam ao ambiente doméstico, essas mulheres não puderam conhecer o mundo, acessar a escola, se inserirem no trabalho produtivo, em suma, cuidar da própria vida.

Uma vez cerceadas pelas representações presentes no ser mulher, ser mulher casada, ser mulher nortista, ser mulher que veio da lida no campo, com poucos recursos financeiros, em um estado da região norte do Brasil, no século passado, não havia, naquele momento, muitas possibilidades de escolhas. As relações de poder estavam postas, e nessa relação, elas estavam em desvantagem. Desse modo, não se pode perder de vista que as práticas de significação, que estão no cerne das representações, envolvem relações de poder, que estão profundamente relacionadas com as práticas de exclusão (Woodward, 2014). As trajetórias socioespaciais denunciam isto.

As trajetórias socioespaciais não são apenas uma forma pela qual histórias de vida são contadas de maneira apolítica ou despropositada, elas também são maneiras de se apontar as diversas iniquidades e violências que acontecem na vida das pessoas em trajetória, de forma a identificar contingências que motivam deslocamentos e pausas, ou até mesmo processos de desterritorialização, quer pela contingência da família, do casamento, da maternidade, da saúde, da educação, do trabalho, dos conflitos, da violência, da sobrevivência, dentre tantas outras que motivam deslocamentos em busca de condições outras e melhores de existência.

Juntas, os estudos das trajetórias socioespaciais e das identidades, podem contribuir sobremaneira para tornar visível as condições de emergência das identidades das pessoas e grupos, bem como das diferenças, de forma a lançar luz sobre as relações de poder existentes na cultura, e permitindo uma compreensão não essencializada da identidade.

Portanto, estas categorias permitem questionar o porquê das pessoas se identificarem desta ou daquela maneira, ampliando, portanto, as possibilidades de ações dos sujeitos. Conforme as pessoas vivenciam suas trajetórias, elas vão configurando a sua relação com outras pessoas, de maneira que constituem identidades, ou até mesmo seus territórios e lugares à medida em que percebem e vivem a realidade (Guareschi, 2006; Souza, 2007).

No caso das participantes dessa pesquisa, é notória a maneira pela qual a separação ou a viuvez foram representadas. Em Flor-de-Pitanga, a morte do marido a permitiu pensar que agora ela faria o que sentia vontade de fazer, no caso de Flor-de-Pequi ela efetivamente passou a fazer o que tinha vontade, foi estudar, e passou a viajar mais, na situação de Flor-de-Ipê, a morte do marido antecedeu o retorno à sala de aula, o que nos faz retomar Woodward (2014), que traz consigo a ideia de que, na condição de indivíduos, podemos passar por uma série de mudanças em nossas relações pessoais ou de trabalho, que, por sua vez, altera as formas como representamos a nós mesmos, mudando as nossas identidades ao longo do tempo.

Assim, estas mulheres que antes se representavam nas relações que mantinham em seus casamentos, passaram a se expressar de outra maneira, como alguém que depois de tanto tempo podia arrastar a mala, como a participante Flor-de-Pequi divertidamente trouxe em sua verbalização, ou alguém que acessa novamente a sala de aula, como a participante Flor-do-Ipê, e até em coisas mais triviais, como aprender a andar de bicicleta, segundo afirmou Flor-de-Pitanga.

Um elemento nas trajetórias socioespaciais das participantes que também contribuiu para essa resignificação das identidades na velhice, foi o acesso à UNIAL. Todas as mulheres dessa pesquisa verbalizaram participar assiduamente do projeto de extensão, e elas trazem consigo representações sobre o processo de envelhecimento e a velhice que reconhecem as dificuldades que esse período da vida apresenta, e ainda assim, apontam para as possibilidades e os ganhos que tiveram.

Essa visão é coerente com a perspectiva do paradigma *life-span* de desenvolvimento (Baltes, 1987) que compreende o envelhecimento e a velhice como

um momento marcado tanto por perdas quanto por ganhos, e que compreende a importância da cultura para a manutenção ou melhora da qualidade de vida, quando o aspecto biológico-genético se encontra em declínio.

Nesse ponto, sugerimos que o programa de extensão possui um potencial catalizador muito importante para a produção e circulação de representações sobre a velhice fundamentadas no paradigma *lifespan* que, embora elaboradas há décadas, ainda são muito novas para a grande maioria da população. Desse modo, é possível contribuir para que os participantes de programas como este, se reposicionem na vida e se permitam vivenciar novas experiências para além daquelas que comumente lhe são designadas.

Voltando à UNIAL, a partir das verbalizações das participantes, apontamos que ela é significada como um espaço de bem-viver, caracterizado por possibilidades de encontrar pessoas e fazer amigos, que falam uma linguagem parecida, sobretudo por terem uma idade semelhante, e assim driblar a solidão, quando se evita ficar em casa sozinha durante as tardes, e é caracterizado por possibilidades de aprendizagem, de se realizar uma atividade física, e de se obter lazer.

Essas concepções dialogam com importantes autoras já mencionadas no referencial desse trabalho, quando afirmam que os programas de extensão voltados para a velhice melhoram a qualidade de vida, a autonomia e a independência, além de ampliar a rede de convivência e o bem-estar (Derhun, 2016), produzindo o desejo de uma vida ativa (Santos, 2018), sendo uma importante rede de apoio social (Finato, 2003), e permitindo a reconstrução de novos planos de vida e transformação social (Mello, 2008). Destacamos esse último, pela sua importância no que diz respeito às mudanças do projeto de vida frente aos eventos não-normativos, caracterizados pela imprevisibilidade, como o luto, o divórcio, a doença e o desemprego, por exemplo.

O projeto de extensão chega à vida das participantes em um momento em que suas relações sociais são menos frequentes, e em momentos delicados e turbulentos da vida, quando precisam lidar com suas perdas, como por exemplo, a participante Flor-do-Pequi, que encontrou na UNIAL uma maneira de conviver com o luto decorrente da perda de um ente muito querido.

Reforçamos que o projeto de extensão permite novas representações sobre o envelhecimento e a velhice e, ao invés de significarem a si mesmas pelo viés exclusivo das perdas, das dificuldades, ou do fatalismo, estas mulheres apontam para a beleza, a alegria, o bem-estar e a qualidade de vida, em um lugar privilegiado na vida, que as

permitem olhar para todas as dificuldades que viveram ao longo de suas trajetórias socioespaciais e, ainda assim, vivenciarem com alegria e com o orgulho o presente, e projetarem um futuro mais digno para si mesmas.

É sempre importante a lembrança de que as identidades se constroem na relação com o mundo à volta, e uma vez que estas mulheres se permitiram viver novas relações em suas trajetórias, elas também passam a ocupar novas posições-de-sujeito, a saber, identidades que orbitam em torno de uma velhice firme e forte, na qual ainda há muita coisa para se fazer, na qual é imperativo se amar, na qual é possível viver com independência e autonomia, e ter qualidade de vida, em suma, na qual se pode viver bem. Esses novos sentidos são o que permitem a estas mulheres cultivarem a noção de sua própria identidade na velhice.

Esta noção de identidade pautada nas representações de um envelhecimento com maior qualidade de vida, permitiu que as participantes cultivassem um melhor estado de Bem-Estar Psicológico (BEP), segundo a concepção de Ryff e Keyes (1995), uma vez que puderam produzir avaliações mais positivas sobre si mesmas, se desenvolver continuamente como pessoa, cultivar relações de qualidade com outras pessoas, melhor gerir a vida e o contexto, além de se autodeterminarem.

O Bem-Estar Psicológico, segundo Ribeiro, Yassuda e Neri (2020) é uma variável modificável e, desse modo, as condições de risco à adaptação presentes nas trajetórias socioespaciais na medida em que as pessoas envelhecem podem ser mitigadas quando pensamos na perspectiva do Bem-Estar Psicológico na velhice, uma vez que ele é um fator de proteção muito importante.

Nesse trabalho, pudemos constatar que as identidades que se constroem e se ressignificam na velhice por meio dos sistemas de representação, podem contribuir para a melhoria nos índices de Bem-Estar Psicológico. No entanto, cabe ressaltar que, a utilização de instrumentos que avaliam o Bem-Estar Psicológico pode ser útil quando utilizando concomitantemente com o levantamento das trajetórias socioespaciais. A não utilização de instrumentos como esse nessa pesquisa, é um fator que limita este estudo quando se tenta relacionar trajetórias socioespaciais e Bem-Estar Psicológico na velhice.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou responder à pergunta “como as identidades das pessoas idosas participantes da UNIAL são construídas e ressignificadas a partir de suas trajetórias socioespaciais?”. Ao longo da pesquisa, foi possível observar e constatar o que já vem sendo debatido pelos Estudos Culturais, a saber, que a identidade, longe de ser um núcleo fixo ou imutável, se configura como uma tessitura dinâmica, que, por meio dos sentidos produzidos pelas representações, se desloca continuamente e produz novas maneiras de se estar no mundo.

No que tange às suas trajetórias socioespaciais, o território é importante para as mulheres participantes desta pesquisa, e ele condicionou as trajetórias, e, em última instância, as identidades, juntamente com as contingências pela família, pelo casamento, pela maternidade, pela educação, pelo trabalho, pelos eventos não-normativos da vida, como adoecimentos, divórcio e luto, bem como pela participação na UNIAL alterarem os deslocamentos destas mulheres.

Assim, onde as participantes moraram e as razões pelas quais elas se deslocaram se relaciona com a constituição territorial do que veio a se tornar o Estado do Tocantins, por desmembramento do Estado do Goiás. As precariedades presentes no antigo Norte Goiano, as carências dessa região, a ausência de políticas públicas, as transformações ocorridas em Araguaína, principalmente pela construção da Rodovia Belém-Brasília, contribuíram para os deslocamentos de muitas pessoas do antigo Norte Goiano, e de outros estados do Brasil, em busca de melhores condições de vida.

Nessas sequências de deslocamentos e pausas, essas mulheres se reconheceram de muitas maneiras, de posicionaram e se posicionam até hoje em muitos lugares, se identificando continuamente, de modo a assumirem múltiplas versões de si mesma ao longo da vida.

É importante demarcar aqui que as posições-de-sujeito presente nas verbalizações das participantes, se relacionam com o modo como elas narrativizam a si mesmas hoje, de modo que a identidade, construída e ressignificada, se dá no campo discursivo, que, na velhice, assume uma posição privilegiada pela possibilidade de olhar para o passado em perspectiva, ao se representar ao longo das trajetórias socioespaciais. Assim, este trabalho também sofre influências dos elementos presentes agora na vida das entrevistadas, o que inclui a sua participação no projeto de extensão universitária.

As trajetórias socioespaciais narradas pelas participantes revelaram que a identidade se constrói e se ressignifica tanto em experiências de deslocamentos e mudanças, quanto em situações de permanência ou pausas. Os deslocamentos intermunicipais e intraurbanos, os vínculos estabelecidos com os diferentes territórios, os encontros e desencontros marcados por contingências históricas e pessoais, todos estes elementos atuaram como marcos constitutivos das formas de ser e de se estar no mundo na velhice.

Desse modo, defendemos que os estudos que se valem do conceito de trajetórias socioespaciais podem dialogar de forma bastante positiva com os estudos acerca do envelhecimento humano, no campo da gerontologia, uma vez que a velhice resulta das múltiplas possibilidades e combinações de eventos normativos e não-normativos que podem ser descritos e analisados ao longo do tempo, e a partir dos territórios e lugares pelos quais essas pessoas se deslocaram e viveram e vivem até hoje, contribuindo, portanto, para uma perspectiva interdisciplinar na produção de conhecimentos no campo dos Estudos Culturais, da Psicologia ou da Gerontologia.

A importância de narrar as trajetórias socioespaciais, também foi útil no sentido de que, por meio delas, foi possível compreender elementos da dinâmica histórica, geográfica, social, e cultural do antigo norte goiano, e também da cidade de Araguaína, de forma que é possível apreender, por meio das verbalizações das mulheres idosas sobre suas trajetórias, como a cidade era, como foi o seu desenvolvimento, e o que mudou ao longo do tempo histórico. Desse modo, é um trabalho que valoriza a memória e a narratividade das pessoas que viram as transformações no espaço ao longo do tempo.

Responder à pergunta de pesquisa implica reconhecer que as identidades das pessoas idosas se constituem a partir dessa sequência de deslocamentos. A memória dos lugares vividos e a experiência acumulada ao longo da vida não apenas dão suporte à sensação de pertencimento, mas também alimentam processos de ressignificação identitária diante das novas realidades impostas pelo tempo, pelo corpo e pela cultura. Assim, a identidade na velhice emerge como celebração móvel (Hall, 2016), reconfigurada a cada encontro, a cada narrativa, a cada deslocamento.

Esse trabalho também aponta para a potência criativa da velhice. Ao contrário das representações da velhice no ocidente, que associa o envelhecimento a perdas, a análise das narrativas reforça que as pessoas idosas, mesmo vivenciando perdas, são capazes de reelaborar sentidos, de representar a si mesmas e a vida de outras

formas, de buscar outras maneiras de pertencer e de se inscrever em diferentes territórios.

A participação na UNIIAL, por exemplo, se configurou como um espaço privilegiado para a produção de novas representações acerca da velhice, e portanto, novas posições-de-sujeito, ou seja, de novas identidades, que vão na contramão do que normalmente se diz no discurso do dia-a-dia quando a pessoa idosa é a pauta. O programa também contribuiu para o fortalecimento de laços comunitários, e para se refletir sobre novas formas de se projetar na vida.

Os resultados sugerem ainda a necessidade de se ampliar os espaços sociais e políticos que possibilitem à pessoa idosa ressignificar a própria identidade em diálogo com suas trajetórias socioespaciais. Espaços de fala, de memória e de convivência intergeracional devem ser compreendidos como tecnologias sociais de resistência ao idadismo e de valorização da velhice como etapa potente e criativa da vida, de maneira a se abrir caminho para que a identidade na velhice seja vista como um processo sempre inacabado, sempre em movimento, e útil para se pensar estratégias de promoção de saúde, e de melhoria na qualidade de vida e bem-estar desse grupo populacional.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2022.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BALTES, Paul B. Theoretical propositions of life-span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline. **Developmental psychology**, v. 23, n. 5, p. 611-626, 1987. Disponível em: <https://psycnet.apa.org/doiLanding?doi=10.1037%2F0012-1649.23.5.611>. Acesso em: 15 abril 2024.

BARDIN, Laurence, **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARROSO, E. P. Reflexões sobre a velhice: Identidades possíveis no processo de envelhecimento na contemporaneidade. **História Oral**, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 9–27, 2021. DOI: 10.51880/ho.v24i1.1128. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/1128>. Acesso em: 25 ago. 2025.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

BENATTI, A. P. et al.. Famílias Monoparentais: Uma Revisão Sistemática da Literatura. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, n. spe3, p. e209634, 2021.

BENATTI, A. P. et al.. Famílias Monoparentais: Uma Revisão Sistemática da Literatura. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 41, n. spe3, p. e209634, 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pcp/a/msBd4PpRZXMLT7gyqWFhtVc/?lang=pt> . Acesso em 25 mai. 2025.

BERNARDO, Terezinha. **Memória em branco e negro**: olhares sobre São Paulo. São Paulo: EDUC: Fundação Editora da UNESP, 1998. 207 p.

BRAGATO, A. G. DA C. et al.. Avós cuidadores de netos: análise do perfil e intensidade dos cuidados. **Cogitare Enfermagem**, v. 28, p. e79812, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cenf/a/nKnHWrLhS8HrCbL7TPM88mk/>. Acesso em 07 jan. 2025.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, compilado até a Emenda Constitucional no 136/2025. – Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2025.

BRASIL. Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994. **Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências**. Brasília/DF, 1994. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm. Acesso em: 26 jan. 2024.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1 de outubro de 2003. **Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências**. Brasília/DF, 2003. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm Acesso em: 27 dez 2023.

BRASIL, MDHC. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Estatuto da pessoa idosa**: Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Brasília, DF: Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2023.

BRASIL. Lei nº 13.856, de 8 de julho de 2019. **Cria a Universidade Federal do Norte do Tocantins, por desmembramento de Campus da Fundação Universidade Federal do Tocantins**. Brasília/DF, 2019. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Lei/L13856.htm. Acesso em 26 jul 2024.

BRASIL. **Portaria n.º 125, de 26 de março de 2021**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, edição 59, p. 88, 29 mar. 2021. Seção 1. Homologa o Estatuto da Fundação Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT).

BRASIL. Projeto de lei nº 5.274 de 2016. **Cria a Universidade Federal do Norte de Tocantins, por desmembramento de campus da Universidade Federal do Tocantins**. Brasília/DF, 2016, Disponível em https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=1663481&filename=Tramitacao-PL+5274/2016. Acesso em 26 jul 2024.

BRASIL. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. Secretaria Nacional da Política de Cuidados e Família. **Nota informativa nº 5/2023**: envelhecimento e o direito ao cuidado. Brasília, DF: MDS/SNCF, dez. 2023.

BRUCKI, Sonia Maria Dozzi; PORTO, Cláudia Sellitto. Doença de Alzheimer. In: MIOTTO, Eliane Correa; LUCIA, Cristina Souza de; SCAFF, Milberto. **Neuropsicologia clínica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2021. p. 252-258.

CACHIONI, M. Universidade da Terceira Idade: história e pesquisa. **Revista Kairós-Gerontologia**, [S. l.], v. 15, n. Especial 14, p. 1–8, 2012. DOI: 10.23925/2176-901X.2012v15iEspecial14p1-8. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/15225>. Acesso em: 17 out. 2024.

CACHIONI, Meire; FLAUZINO, Karina de Lima. Universidades da Terceira Idade. In: FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022. p. 1380-1389.

CACHIONI, Meire; NERI, Anita Liberalesso. Educação e velhice bem-sucedida no contexto das Universidades da Terceira Idade. In: NERI, Anita Liberalesso; YASSUDA, Mônica Sanches (Orgs.). **Velhice bem-sucedida: aspectos afetivos e cognitivos**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

CACHIONI, Meire; TODARO, Mônica de Ávila. Política Nacional do idoso: reflexão acerca das intenções direcionadas à educação formal. In: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina. **Política nacional do idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. p. 175-198.

CAMARANO, Ana Amélia. Introdução. In: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina. **Política nacional do idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. p. 15-47.

CAMARANO, Ana Amélia; FERNANDES, Daniele. Envelhecimento da população brasileira: contribuição demográfica. In: FREITAS, Elizabete Viana; PY, Ligia. **Tratado de geriatria e gerontologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022. p. 2-11.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; MELLO, Juliana Leitão e. Como vive o idoso brasileiro?. In: CAMARANO, Ana Amélia (Org.). **Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?**. Rio de Janeiro: IPEA, 2004. p. 25-73.

CECCON, Roger Flores; GARCIA-JR, Carlos Alberto Severo; DALLMANN, João Matheus; PORTES, Virgínia de Menezes. **Narrativas em saúde coletiva: memória, método e discurso**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2022.

CEPELLOS, V. M. Feminização do envelhecimento: um fenômeno multifacetado muito além dos números. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 61, n. 2, p. e20190861, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/khmRLf9WTsZq8gK4qfYMc>. Acesso em: 17 mai. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-759020210208>.

CHAIMOWICZ, Flávio. **Saúde do idoso**. 2. ed. Belo Horizonte: NESCON UFMG, 2013.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. **Entre o corpo e a teoria: a questão étnico-racial na obra e trajetória socioespacial de Milton Santos**. 2010. 159 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Instituto de Estudos Sócio-ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2010.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. **Trajetórias socioespaciais de estudantes negras e negros da Universidade Federal do Goiás**. 2008. 77p. Monografia (Bacharelado em Geografia). Instituto de Estudos Sócio-ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2008.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) junto às pessoas idosas nas políticas públicas**. 1. ed. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2025.

CORDEIRO, Ruane Pereira. **Além das Aparências: Um Estudo sobre a Identidade de Idade de Mulheres na Terceira Idade**. 2016. 77p. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Administração). Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2016.

CORREIA, Luiz Soares. **A influência da BR-153 no crescimento e desenvolvimento econômico de Araguaína**. [S.l.], 2015. xvi, 136 f. Dissertação (Mestrado em Transportes) – Universidade de Brasília, Faculdade de Tecnologia, Departamento de Engenharia Civil e Ambiental, Distrito Federal, 2015.

COSTA, Kênia Gonçalves. **A Ilha do Bananal, o povo Iny e suas representações cartográficas: dinâmicas geoambientais, territoriais e étnicas**. 2014. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, 2014.

CRUZ, Clérison Jesus da. Um estudo sobre a construção da identidade docente. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, 2021. DOI: 10.22456/2595-4377.110182. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/110182>. Acesso em: 21 out. 2025.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.

DELGADO, Josimara. Trajetórias de mulheres velhas: ensaio sobre velhices visíveis e invisíveis. In: IVO, Any Brito Leal; FARIAS, Patrícia Martins (Orgs.). **Cidade para todas as idades: pensar o urbano para o bom envelhecimento**. Salvador: EDUFBA, 2023. p. 43-62.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral, tempo, identidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 136 p.

DE MEDEIROS, Olívia Macedo Miranda. O povoamento de Araguaína: representações e silêncios de uma história local. In: MEDEIROS et al. (Orgs.). **História e memórias de Araguaína – Volume II** [livro eletrônico]. Araguaína, TO: Universidade Federal do Norte do Tocantins – EDUFNT, 2024. p. 23-36.

DE OLIVEIRA ARAÚJO, M. H. P.; DE AMORIM, B. M. O.. Contos de dor, amor e alegria: representações sociais da maternidade solo. **Psicologia & Sociedade**, v. 37, p. e289724, 2025.

DERHUN, Flávia Maria. **A Universidade Aberta à Terceira Idade promovendo qualidade de vida: experiências de brasileiros e espanhóis**. 2016. 79f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

ESCORSIM, Silvana Maria. O envelhecimento no Brasil: aspectos sociais, políticos e demográficos em análise. **Serviço Social & Sociedade**, n. 142, p. 427–446, set. 2021. Disponível em <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/KwjLV5fqvw6tWsfWVvczMn/>. Acesso em 24 set. 2024.

FALCÃO, Deusivânia Vieira da Silva; CARVALHO, Isalena Santos. Idosos e saúde mental: demandas e desafios. In: FALCÃO, Deusivânia Vieira; LUDGLEYSON, Fernandes de Araújo (Orgs.). **Idosos e saúde mental**. Campinas, SP: Papirus, 2018. E-book.

FERIGATO, Sabrina Helena; PRESTES, Cristiane Renata de Lima; BALLARIN, Maria Luisa Gazabin Simões; MIRANDA, Iara Monteiro Smeke de. O processo de envelhecimento e a problematização das práticas de saúde no Brasil. **Saúde em Debate**, v. 36, n. 92, p. 86–96, jan. 2012.

FINATO, Mariza da Silva Santos. **A Universidade Aberta a Terceira Idade e as redes de apoio afetivo e social do idoso**. 2003. 155 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília-SP, 2003.

FIRMINO, Eugênio Pacelli de Moraes; LOPES, Mirany Cardoso. Araguaína e a construção de uma identidade na contramão da história (1978-1998). In: MEDEIROS, Olívia Macedo Miranda de; CAIXETA, Vera Lúcia (Orgs.). **História e memórias de Araguaína - Tocantins**. Araguaína/TO: Universidade Federal do Norte do Tocantins - EDUFNT, 2023. p. 149-160.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2008.

FONSECA, António Manuel Godinho da. “Aging in Place” – Envelhecer em casa e na comunidade. **PerCursos**, Florianópolis, v. 24, e0104, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5965/19847246242023e0104>. Acesso em: 10 ago. 2025.

FORPROEX. **Política Nacional de Extensão universitária**. Porto Alegre: UFRGS, 2012.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2018.

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 32-44.

FURTADO, Marcella Brasil; PEDROZA, Regina Lúcia Sucupira; ALVES, Cândida Beatriz. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 106–115, jan. 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 1. ed. Barueri, SP: Atlas, 2021.

GOMES, Margareth Cristina de Almeida. Etarismos e a diversidade sexual e de gênero. In: REBELLATO, Carolina; GOMES, Margareth Cristina de Almeida; CRENITTE, Milton Roberto Furst (Orgs.). **Introdução às velhices LGBTI+**. SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA – SBGG: Rio de Janeiro, 2021. Cap. 5. p. 46-53.

GOMES, Irene; BRITTO, Vinícius. **Censo 2022**: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos. Agência IBGE Notícias. 27/10/2023. Disponível em: Censo 2022: número de pessoas com 65 anos ou mais de idade cresceu 57,4% em 12 anos | Agência de Notícias . Acesso em 17 jan. 2025.

GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. A mídia e a produção de modos de ser da adolescência. **Revista FAMECOS**, [S. l.], v. 13, n. 30, p. 81–90, 2008. DOI: 10.15448/1980-3729.2006.30.3378. Disponível em: <https://pucrs.emnuvens.com.br/revistafamecos/article/view/3378>. Acesso em: 25 ago. 2025.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. Old and New Identities, Old and New Ethnicities. In: Hall Stuart. **Essential Essays: Identity and Diaspora**. Durham and London: Duke University Press, 2018.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 103-133.

HERNANDEZ, Roberto Sampieri; COLLADO, Carlos Fernandez; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, v. 26, n. 1, p. 61–73, jan. 2014.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Censo Demográfico 2022**: População por idade e sexo. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Censo demográfico 2022**. IBGE, 14/11/2024. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/apps/pgi/#!/mapa/> . Acesso em: 21 dez. 2024.

INOUE, Keika. **Universidade da Terceira Idade**: efeitos sobre a qualidade de vida percebida. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

JECKEL-NETO, Emílio Antonio. Tornar-se velho ou ganhar idade: o envelhecimento biológico revisitado. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Desenvolvimento e envelhecimento**: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2015. p. 42-58.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais**: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LOPES, Renata Batista. **De casa para outras casas**: Trajetórias socioespaciais de trabalhadoras domésticas residentes em Aparecida de Goiânia e trabalhadoras em Goiânia. 2008. 211f. Dissertação (Mestrado em Geografia - Programa de Pós-Graduação em Geografia). Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2008.

MACHADO, Talita Cabral. **Relações raciais e espaço urbano**: trajetórias socioespaciais de militantes do movimento negro na região metropolitana de Goiânia. 2011. 139f. Dissertação (Mestrado em Geografia - Programa de Pós-Graduação em Geografia). Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2011.

MACHADO, W. DE L.; BANDEIRA, D. R.. Bem-estar psicológico: definição, avaliação e principais correlatos. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 29, n. 4, p. 587–595, out. 2012.

MARANGONI, Jacqueline; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de. Relacionamentos intergeracionais: avós e netos na família contemporânea. In: FALCÃO, Deusivânia Vieira da Silva (Org.). **A família e o idoso**: desafios da contemporaneidade. Campinas, SP: Papirus, 2016.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2016.

MATOS, Cássio Luiz Aragão. **A reinvenção do corpo da mulher idosa**: Imagens Corporais na Cultura Contemporânea. 205 f. 2015. Dissertação (Mestrado) – Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (Pós-Cultura), Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos (IHAC), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2015.

MEDEIROS, Olívia Macedo Miranda de. O povoamento de Araguaína: representações e silêncios de uma história local. In: MEDEIROS et al. (Orgs.). **História e memórias de Araguaína – Volume II** [livro eletrônico]. Araguaína, TO: Universidade Federal do Norte do Tocantins – EDUFNT, 2024. p. 26-36.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2023.

MELIAN, Valdivina Telia Rosa de; LUNCKES, Mariseti Cristina Soares. Um novo hospital para Araguaína: a OSEGO e os avanços na área da saúde. In: MEDEIROS, Olívia Macedo Miranda de; CAIXETA, Vera Lúcia (Orgs.). **História e memórias de Araguaína - Tocantins**. Araguaína/TO: Universidade Federal do Norte do Tocantins - EDUFNT, 2023. p. 71-90.

MELLO, Andréia Nóbrega de. **A Qualidade de Vida na Fala dos Egressos da Universidade Aberta à Terceira Idade/Universidade Federal de São Paulo (UATI / UNIFESP)**. 2008. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola Paulista de Enfermagem, Universidade Federal de São Paulo. São Paulo, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COIMBRA JÚNIOR, Carlos E. A. Entre a liberdade e a dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2022.

MISHLER, Elliot G. Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita; BASTOS, Liliana Cabral (Orgs.). **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. p. 93-119.

MOGUILNER, S. et al. Brain clocks capture diversity and disparities in aging and dementia across geographically diverse populations. **Nature Medicine**, [s. l.], v. 30, n. 12, p. 3646–3657, dez. 2024. DOI: 10.1038/s41591-024-03209-x

MORAES, M. L. B. Stuart Hall: cultura, identidade e representação. **Revista Educar Mais**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 167–172, 2019. DOI: 10.15536/reducarmais.3.2019.167-172.1482. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/1482>. Acesso em: 18 fev. 2025.

NERI, Anita Liberalesso. Conceitos e teorias sobre o envelhecimento. In: MALLOY-DINIZ, Leandro F.; FUENTES, Daniel; CONSENZA, Ramon M. **Neuropsicologia do Envelhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2013. p. 17-42.

NERI, Anita Liberalesso. O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do Desenvolvimento e do Envelhecimento. **Temas em psicologia**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 1, p. 17-34, jun. 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2006000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 25 ago. 2025.

NERI, Anita Liberalesso. Paradigmas contemporâneos sobre o desenvolvimento humano em psicologia e em sociologia. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Desenvolvimento e envelhecimento: perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 2015. p. 9-40.

NÓBREGA, Pedro Ricardo da Cunha. **Viver a cidade, sobreviver ao tempo: fragmentos da vida cotidiana dos velhos na cidade do Recife, Pernambuco**. [Tese (Doutorado em Geografia Humana)]. Universidade de São Paulo. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia, São Paulo, 2015. 589 f.

OLIVEIRA, Nilton Marques de. **Desenvolvimento regional e territorial do Tocantins**. Palmas/TO: Universidade Federal do Tocantins/EDUFT, 2019. Disponível em <http://hdl.handle.net/11612/1295> . Acesso em 22 jan. 2025.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva, SCORTEGAGNA, Paola Andressa; SILVA, Flávia Oliveira Alves da. **Múltiplos olhares sobre a velhice**: representações sociais a partir da percepção de crianças, adultos e idosos. In: D'ALENCAR, R. S., ed. A representação social na construção da velhice [online]. Ilhéus, BA: EDITUS. 2017, pp. 189-213.

OPAN. Organização Pan-Americana de Saúde. **Relatório mundial sobre idadismo**. Washington D.C.: OPAN, 2022.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PEEL, Misleine Andrade Ferreira; LEITE, João de Deus; LIMA, Mariana Coelho. **Nota técnica sobre o crescimento populacional de Araguaína**. Observatório da região de influência imediata de Araguaína. 24/10/2024. Disponível em: Nota técnica sobre o crescimento populacional de Araguaína – Observatório Região Araguaína. Acesso em 17 jan. 2025.

PEREIRA NETO, Marcos Antonio. **Territórios e trajetórias socioespaciais da Comunidade Quilombola Dona Juscelina em Muricilândia - Tocantins**. 2021. 103f. Dissertação (Mestrado em Geografia - Programa de Pós-Graduação em Geografia). Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2021.

PINHEIRO, Ana Isabel Pereira. **Idade subjetiva no idoso**: relações com a saúde mental e as atitudes em relação ao envelhecimento. Dissertação (Mestrado em Temas de Psicologia) – Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Porto, 2013. 65 f.

RAMOS JÚNIOR, Dernival Venâncio. Encontros epistêmicos e a formação do pesquisador em História Oral. **História Oral**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 359–372, 2019. Disponível em: <https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/871>. Acesso em: 10 dez. 2023

RIBEIRO, C. C.; YASSUDA, M. S.; NERI, A. L.. Propósito de vida em adultos e idosos: revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, n. 6, p. 2127–2142, jun. 2020.

ROZENDO, Adriano da Silva. Entrevista com o Professor François Vellas, Ph.D.. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 18, n. 1, p. 213–217, jan. 2015. Disponível em: [SciELO Brasil - Entrevista com o Professor François Vellas, Ph.D. Entrevista com o Professor François Vellas, Ph.D.](#), Acesso em 29 ago 2024.

RYFF, Carol D.; KEYES, Corey Lee M. The structure of psychological well-being revisited. **Journal of Personality and Social Psychology**, Washington, DC: American Psychological Association, v. 69, n. 4, p. 719–727, 1995.

SAMPAIO, Miliana Augusta Pereira. **As práticas sociopedagógicas e sua influência na formação humanística e na politização dos velhos da Universidade da Maturidade do câmpus de Araguaína da Universidade Federal do Tocantins**. 2023. 185 f. Tese (Doutorado em Educação na Amazônia) – Universidade Federal do Tocantins, Câmpus Universitário de Palmas, Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA), Palmas, 2023.

SANTOS, Alana Libania de Souza Santos. **Projeto de Vida de Pessoas Idosas Participantes da Universidade Aberta à Terceira Idade**. 2018. 87f. Dissertação

(Mestrado em Enfermagem e saúde) Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA, 2018.

SANTOS, Andréa Pereira dos. **Juventude da UFG: trajetórias socioespaciais e práticas de leitura**. 2014. 194 f.: il. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, 2014.

SANTOS, Geraldine Alves dos; LOPES, Andréa; NERI, Anita Liberalesso. Escolaridade, raça e etnia: elementos de exclusão social de idosos. In: **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. Tradução. São Paulo: Edições SESC-SP, 2007. . . Acesso em: 22 out. 2024.

SANTOS, Mariza Fernandes dos. **Movimento Negro e relações raciais no espaço acadêmico [manuscrito]**: trajetórias socioespaciais de estudantes negros e negras na UFG. 2016. 156 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, 2016.

SANTOS, Silvana Sidney Costa. Concepções teórico-filosóficas sobre envelhecimento, velhice, idoso e enfermagem gerontogeriatrica. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 63, n. 6, p. 1035–1039, nov. 2010. Disponível em <https://www.scielo.br/j/reben/a/9H43x4GWRnd8sJXHYpW6b8x/> . Acesso em 25 jul. 2024.

SCHNEIDER, Rodolfo Herberto; IRIGARAY, Tatiana Quarti. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 25, n. Estud. psicol. (Campinas), 2008 25(4), p. 585–593, out. 2008.

SCORALICK-LEMPKE, Natália Nunes; BARBOSA, Altemir José Gonçalves. Educação e envelhecimento: contribuições da perspectiva Life-Span. **Estudos de Psicologia** (Campinas), v. 29, p. 647–655, out. 2012.

SERAFIM, Henrique Rabello; ALVES, Ismael Gonçalves. A Constituição de 1988 no Brasil e assistência social: trajetórias da inclusão social e do combate à pobreza. **Acta Scientiarum. Human and Social Sciences**, v. 40, n. 3, p. e40552, 27 nov. 2018. Disponível em <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/40552>. Acesso em 1 set 2024.

SILVA, Raylinn Barros da. A educação orionita no antigo extremo norte goiano nas décadas de 1950 e 1960. In: **ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH/PR**, 24., 2020, Paraná. *Anais eletrônicos...* Paraná: Associação Nacional de História – Seção Paraná, 2020. Disponível em: https://www.encontro2020.pr.anpuh.org/resources/anais/24/anpuh-pr-erh2020/1611927690_ARQUIVO_240594291c6941590d0dc7b2048233f1.pdf. Acesso em: 7 jun. 2025.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 73-102.

SOUZA, Lorena Francisco de. **Corpos negros femininos em movimento**: trajetórias socioespaciais de professoras negras em escolas públicas. 2007. 143 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, 2007.

TEIXEIRA, Solange Maria. Envelhecimento e família. In: AZEVEDO, Celina Dias (Org.). **Velhices**: perspectivas e cenário atual na pesquisa com idosos no Brasil. São Paulo: Edições Sesc São Paulo; Fundação Perseu Abramo, 2023. p. 43-63.

TORRES, Catarine Martins. **A ressignificação da viuvez na velhice e a Universidade Aberta para a Terceira Idade**. 2019. 84 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Comunitário - Mestrado Interdisciplinar), Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati-PR.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduep, 2015.

UCHÔA, Elizabeth, FIRMO, Josélia O.A., and LIMA-COSTA, Maria Fernanda F. de. Envelhecimento e Saúde: experiência e construção cultural. In: MINAYO, MCS., e COIMBRA JUNIOR, CEA., org.. **Antropologia, saúde e envelhecimento [online]**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002. Antropologia & Saúde collection, pp. 25-35. ISBN: 978-85-7541-304-3. Disponível em SciELO Books.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS (UFNT). Edital n.º 01/2024, de 22 de janeiro de 2024: **processo seletivo para ingresso no Programa de Extensão Universidade de Identidades, Adulter e Longevidade – UNIAL/UFNT**. Araguaína: Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2024. Disponível em: [https://docs.uft.edu.br/share/proxy/alfresco-noauth/api/internal/shared/node/N7LWAU2CTNGS1z1ar4ENvg/content/Edital%20UNIALUFNT%202024%20publicar%20\(1\).docx.pdf](https://docs.uft.edu.br/share/proxy/alfresco-noauth/api/internal/shared/node/N7LWAU2CTNGS1z1ar4ENvg/content/Edital%20UNIALUFNT%202024%20publicar%20(1).docx.pdf). Acesso em 08 jan. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS (UFNT). **Planejamento estratégico 2023-2030**: caderno de resultados. Araguaína/TO: UFNT, 2022. Disponível em: <https://ufnt.edu.br/planejamento-estrategico/>. Acesso em 08 jan. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS (UFNT). Resolução Consuni/Consepe nº 1, de 13 de junho de 2023. **Aprova o Regimento Geral da Universidade Federal do Norte do Tocantins- UFNT**. Araguaína/TO, 2023. Disponível em: <https://ufnt.edu.br/documentos-institucionais/>. Acesso em 08 jan. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS (UFNT). Resolução nº 10, de 17 de novembro de 2023. **Dispõe sobre o Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI, 2024 - 2027, da Universidade Federal do Norte do Tocantins**.

Araguaína/TO, 2023. Disponível em: <https://ufnt.edu.br/pdi-2/>, Acesso em 08 jan. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS (UFNT). **UNIIAL**. UFNT, 08/12/2022. Disponível em: <https://ufnt.edu.br/2022/12/08/uniial/> . Acesso em: 23 out. 2024.

UNIVERSIDADE DA MATURIDADE (UMA). Nossa história. **Universidade Federal do Tocantins (UFT)**, 2025. Disponível em: <https://sites.uft.edu.br/uma/nossa-historia/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

VASCONCELOS, Ana Maria Nogales; GOMES, Marília Miranda Forte. Transição demográfica: a experiência brasileira. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília , v. 21, n. 4, p. 539-548, dez. 2012 . Disponível em <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742012000400003&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 18 out. 2024. <http://dx.doi.org/10.5123/S1679-49742012000400003>.

VERAS, Renato Peixoto; CALDAS, Célia Pereira. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9, n. 2, p. 423–432, abr. 2004.

VIEIRA, Martha Victor. História de Araguaína nos anos de 1970 e 1980: projetos e desafios de desenvolvimento urbano. In: MEDEIROS et al. (Orgs.). **História e memórias de Araguaína – Volume II** [livro eletrônico]. Araguaína, TO: Universidade Federal do Norte do Tocantins – EDUFNT, 2024. p. 37-58.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 7-72.

APÊNDICE I – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezada(o) participante, O pesquisador **Antonio Hugo Rabelo de Castro** convida você a participar da pesquisa intitulada **Identities e trajetórias socioespaciais de pessoas idosas participantes da Universidade de Identities, Adulthood e Longevity da Universidade Federal do Norte do Tocantins**. Para tanto você precisará assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que visa assegurar a proteção, a autonomia e o respeito às(aos) participantes da pesquisa em todas as suas dimensões: física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural e/ou espiritual – e que a estruturação, o conteúdo e forma de obtenção dele observam as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos preconizadas pela **Resolução 466/2012** e/ou **Resolução 510/2016**, do Conselho Nacional de Saúde e Ministério da Saúde.

Sua decisão de participar neste estudo deve ser voluntária, e que ela não resultará em nenhum custo ou ônus financeiro para você, que você não sofrerá nenhum tipo de prejuízo ou punição caso decida por não participar desta pesquisa. Todos os dados e informações fornecidos por você serão tratados de forma anônima/sigilosa, não permitindo a sua identificação.

Esta pesquisa tem por objetivo investigar as identidades das pessoas idosas participantes da Universidade de Identities, Adulthood e Longevity (UNIIL), levando em consideração suas trajetórias socioespaciais.

Em um primeiro momento, a coleta de informações será feita através de um formulário de levantamento de informações sociodemográficas, que busca saber sobre o seu gênero, a sua idade, o seu estado civil, o número de filhos que possui, a religião da qual participa, o nível de escolaridade, a quantidade de anos de estudo, as ocupações que exerceu ao longo da vida, e os lugares nos quais viveram até o momento presente.

Posteriormente, a coleta de informações se dará em um grupo com seis participantes, que ao longo de seis encontros relatará a sua história de vida. Esta metodologia possibilita uma compreensão da mudança na vida das pessoas, incluindo os “pontos de virada” ao longo dessa trajetória de vida, estimula a lembrança do passado, confere um papel de protagonismo às pessoas participantes, além de permitir captar os aspectos referentes ao encontro entre a história de vida individual e do grupo dos quais os participantes fazem parte.

Nos seis encontros, serão abordados respectivamente, a trajetória familiar, o histórico de migrações, a trajetória educacional, a trajetória profissional, a trajetória na cidade, e a trajetória da vida social de cada participante. Os seis encontros acontecerão semanalmente, no turno vespertino, a partir das 14h30, na sala 110, Bloco H, na Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), e cada um terá duração de uma hora e meia.

A utilização da história oral de vida como método, pode envolver riscos de natureza emocional e psicológica para os participantes idosos. Ao compartilhar suas memórias e experiências pessoais, é possível que os relatos despertem sentimentos de tristeza, ansiedade ou desconforto, especialmente ao recordar eventos dolorosos ou traumáticos. Também, a experiência da participação na entrevista pode ser interpretada como uma avaliação, ameaça, aborrecimento ou invasão de privacidade, e, além disso, há o risco de exposição da privacidade dos participantes, caso informações sensíveis ou pessoais sejam compartilhadas inadvertidamente.

Por outro lado, a pesquisa oferece benefícios tanto para os participantes quanto para a sociedade. Os participantes podem experimentar sentimentos de validação e reconhecimento ao contar suas histórias, o que pode promover um senso de pertencimento e valorização de suas vivências. Para a sociedade, os relatos de vida contribuem para a preservação da memória social e cultural, fornecendo dados valiosos para a compreensão de trajetórias históricas e sociais.

Esta pesquisa também é importante no sentido de se levantar e compreender os modos de envelhecer em um grupo de extensão universitária no norte do Tocantins, podendo, inclusive, e em momento posterior, servir de modelo para se compreender o processo de envelhecimento em outros grupos de pessoas idosas – grupos comunitários, associações de bairro, igrejas, instituições de longa permanência para pessoas idosas (ILPI), Unidades Básicas de Saúde, ou Centros de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), por exemplo.

Para reduzir a probabilidade dos possíveis riscos, todos os participantes serão informados, de forma clara e acessível, sobre os objetivos, métodos e possíveis impactos desta pesquisa. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) será apresentado, garantindo que os participantes compreendam seu direito de recusar ou interromper sua participação a qualquer momento, sem prejuízos. Também, antes de cada grupo focal, será realizada uma orientação para discutir a possibilidade de temas sensíveis emergirem durante as conversas, preparando os participantes para lidar

com essas situações de maneira segura e respeitosa. Durante a entrevista, ao se perceber quaisquer desconfortos dos entrevistados, a entrevista será suspensa imediatamente.

O pesquisador responsável, que é psicólogo com especialização em gerontologia e experiência em clínica psicológica, estará disponível para atendimentos em formato de plantão após a entrevista, com o propósito de oferecer acolhimento, se necessário. Os entrevistados poderão solicitar esse atendimento mesmo alguns dias após a realização da entrevista. Além disso, será prática nossa entrar em contato com eles na semana seguinte à entrevista, com o objetivo de verificar como estão em relação aos conteúdos abordados e reforçar a disponibilidade para acolhimento, caso seja necessário.

Quanto ao sigilo das informações prestadas, as identidades dos participantes serão preservadas por meio de pseudônimos ou anonimização das informações. Todos os dados coletados serão armazenados, e somente a equipe de pesquisa terá acesso a esses dados. Serão seguidas rigorosamente as diretrizes da Resolução nº 510/2016 no que se refere à proteção dos direitos dos participantes.

Salienta-se que as atividades de pesquisa acontecerão no Centro de Ciências Integradas (CCI) da UFNT, lugar em que as ações da UNIAL acontecem cotidianamente, e no qual os participantes já se sentem familiarizados, confortáveis e seguros.

Ainda, garante-se, que sempre serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes das pessoas participantes e que os dados obtidos na pesquisa serão utilizados exclusivamente para a finalidade prevista no TCLE. Assegura-se a confidencialidade e a privacidade dos participantes através da adoção de pseudônimos que não os identifiquem. Ainda, garante-se a não estigmatização, e a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou econômico – financeiro.

INFORMAÇÕES DE CONTATO DO PESQUISADOR

Antonio Hugo Rabelo de Castro.

- Psicólogo (CRP-23/1975) e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Estudos de Cultura e Territórios (PPGCULT) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT).
- E-mail: antonio.hugo@ufnt.edu.br
- Telefone de contato: (63) 99209-8500

- Endereço: Rua B, Quadra 30, Lote 35, Jardim dos Ipês I, CEP: 77820-044, Araguaína - TO.

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS (CEP/UFNT)

- Endereço: Avenida Paraguai, s./n., esquina com a Rua Uxiramas, Sala 3 (pisos superior) e térreo, prédio do PPGLIT, Centro de Ciências Integradas (CCI), Setor Cimba, Universidade Federal do Norte do Tocantins, Araguaína-TO, CEP 77824-838.
- Email: cep@ufnt.edu.br
- Página na internet: <https://ufnt.edu.br/cep/#>
- Telefone de contato: (63) 3416-5686/5696
- Horário de Funcionamento: de segunda-feira a sexta-feira, de 07h às 12h e de 13h às 16h.

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ao colocar sua assinatura ao final deste documento, VOCÊ, de forma voluntária, na qualidade de PARTICIPANTE da pesquisa, expressa o seu consentimento livre e esclarecido para participar deste estudo e declara que está suficientemente informado(a), de maneira clara e objetiva, acerca da presente investigação. E receberá uma cópia deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assinada pelo(a) Pesquisador(a) Responsável.

Araguaína-TO, ____ de _____ de 2024

Assinatura, por extenso, do(a) Participante da Pesquisa

Assinatura, por extenso, do Pesquisador Responsável pela pesquisa

APÊNDICE II – FICHA DE LEVANTAMENTO INICIAL

FORMULÁRIO SÓCIODEMOGRÁFICO

Nome completo:	
Data de nascimento:	Idade:
Naturalidade:	
Sexo: () homem () mulher	
Raça/Etnia: () branca () preta () amarela () parda () indígena	
Estado civil: () solteiro(a) () casado (a) () união estável () divorciado (a) () viúvo (a)	
Escolaridade () fundamental incompleto () fundamental completo () médio incompleto. () médio completo () superior incompleto. () superior completo () pós-graduação	
Profissão ou profissões exercidas ao longo da vida:	
Endereço atual:	

MAPA DO BRASIL



1: _____

A: _____

B: _____ ++_

C: _____

D: _____

E: _____

F: _____

G: _____

H: _____

2: TOCANTINS

MAPA DO TOCANTINS

2: TOCANTINS

A: _____

B: _____ ++ _

C: _____

D: _____

E: _____

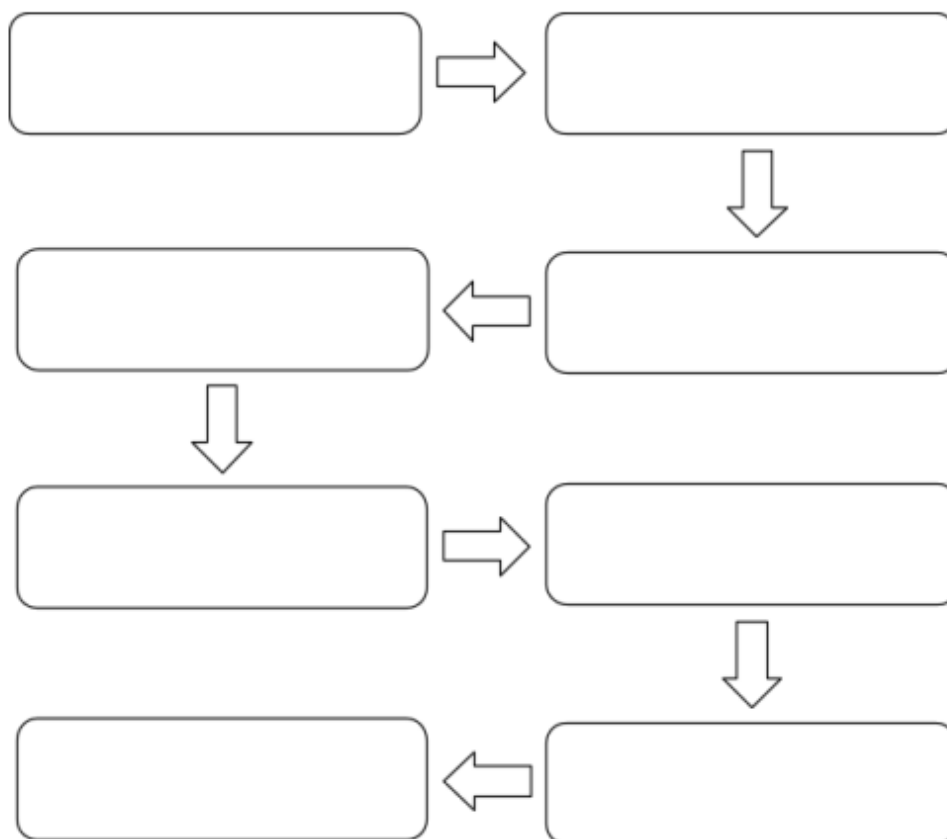
F: _____

G: _____

H: _____

3: ARAGUAINA - TO



BAIRROS DE ARAGUAÍNA EM QUE JÁ MOREI

ANEXO I – NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTAS GRAVADAS

Normas para transcrição de entrevistas gravadas

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	Do níves de rensa () nível de renda nominal
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	E comê/e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para :::: ou mais	Ao emprestarmos êh::: ... dinheiro
Silabação	-	Por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	E o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	São três motivos... ou três razões ... que fazem com que se retenha moeda ... existe uma ... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição: desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar casa essa notação -- demanda de moeda por motivo ...
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas	a. na casa de sua irmã b. [sexta-feira? a. fazem LÁ b. [cozinham lá
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais de textos, durante a gravação	“entre aspas”	Pedro Lima ... ah escreve na ocasião.. “ O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...
1. Iniciais maiúsculas : só para nomes próprios ou para siglas (USP etc) 2. Fáticos: ah, êh, ahn, ehn, uhn, tá (não por <i>está</i> : tá? Você <i>está</i> brava?) 3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados. 4. Números por extenso. 5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa) 6. Não se anota o <i>cadenciamento da frase</i> . 7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa) 8. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.		

Exemplos retirados dos inquéritos NURC/SP no. 338 EF e 331 D2.

PRETI D. (org) **O discurso oral culto** 2ª. ed. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999 – (Projetos Paralelos. V.2) 224p.

ANEXO II – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
NORTE DO TOCANTINS
(UFNT)



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: IDENTIDADES E TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DE PESSOAS IDOSAS PARTICIPANTES DA UNIVERSIDADE DE IDENTIDADES, ADULTEZ E LONGEVIDADE DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS.

Pesquisador: ANTONIO HUGO RABELO DE CASTRO

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 82632224.0.0000.0342

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS - UFNT

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.215.214

Apresentação do Projeto:

Tendo em vista que este projeto está sendo reavaliado em decorrência da necessidade de ajustes na versão anterior. Logo, a apresentação desta versão obedece as normativas do CEP/CONEP. E além do mais, atende ao roteiro de apresentação dos tópicos descritos na Plataforma Brasil.

Objetivo da Pesquisa:

Quanto aos objetivos os mesmo estão coerentes com a temática principal de investigação.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Quanto aos riscos e benefícios, os mesmo são apontados no momento da abordagem ao participante da investigação. Entretanto, é informado quais serão as estratégias utilizadas para minimizar o impacto nos participantes. De certa forma, também é apontado quais serão os benefícios principalmente para os participantes da investigação em questão.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Quanto a temática em questão a mesma tem sua relevância, mas não é inédita, pois, há várias outras pesquisas neste mesmo viés.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Tema: tem relevância;

Endereço: Avenida Paraguai, s/n, esquina com Rua Uxiramas, sala 3, prédio do PPGL

Bairro: Setor Cimba

CEP: 77.824-838

UF: TO

Município: ARAGUAINA

Telefone: (63)3416-5686

E-mail: cep@ufnt.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS (UFNT)



Continuação do Parecer: 7.215.214

Objetivos: atende ao propósito da investigação;
Fundamentação teórica: tem relação com a temática;
Metodologia: não há inovação;
Critérios de inclusão e exclusão: elementar;
Riscos e Benefícios: atende as resoluções do CEP/CONEP;
TCLE: está em conformidade com as normativas do CEP/CONEP;
Calendário: segue os padrões;
Custos: evidencia as necessidades da investigação;
Referencial: satisfaz a temática que será investigada.

Recomendações:

Incluir no TCLE a assinatura de uma testemunha também.
Quanto aos benefícios, deverá ser ressaltado o valor para a comunidade científica.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto de investigação, após a avaliação desta versão, está em conformidade com as normas que ampara o (a) participante da investigação. E atende aos critérios teóricos e metodológicos exigidos para uma investigação científica, bem com aos itens da Plataforma Brasil.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2381232.pdf	14/10/2024 14:15:07		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_de_pesquisa.docx	14/10/2024 14:13:58	ANTONIO HUGO RABELO DE CASTRO	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO_assinado.pdf	14/10/2024 14:11:03	ANTONIO HUGO RABELO DE CASTRO	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_ATUALIZADO.pdf	14/10/2024 14:02:29	ANTONIO HUGO RABELO DE CASTRO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	14/10/2024 13:50:18	ANTONIO HUGO RABELO DE CASTRO	Aceito

Endereço: Avenida Paraguai, s/n, esquina com Rua Uxiramas, sala 3, prédio do PPGL
Bairro: Setor Cimba **CEP:** 77.824-838
UF: TO **Município:** ARAGUAINA
Telefone: (63)3416-5686 **E-mail:** cep@ufnt.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
NORTE DO TOCANTINS
(UFNT)



Continuação do Parecer: 7.215.214

Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	carta_de_apresentacao_antonio_hugo_assinado.pdf	25/08/2024 10:51:16	ANTONIO HUGO RABELO DE CASTRO	Aceito
Recurso Anexado pelo Pesquisador	FORMULARIO_PARA_COLETA_DE_INFORMACOES_SOCIODEMOGRAFICA S.pdf	11/07/2024 14:06:52	ANTONIO HUGO RABELO DE CASTRO	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_ASSINADA_assinado_assinado.pdf	11/07/2024 11:57:21	ANTONIO HUGO RABELO DE CASTRO	Aceito

Situação do Parecer:
Aprovado

Necessita Avaliação da CONEP:
Não

ARAGUAINA, 08 de Novembro de 2024

Assinado por:
Gustavo Cunha de Araújo
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Paraguai, s/n, esquina com Rua Uxiramas, sala 3, prédio do PPGL

Bairro: Setor Cimba

UF: TO

Telefone: (63)3416-5686

Município: ARAGUAINA

CEP: 77.824-838

E-mail: cep@ufnt.edu.br